

Itaytera

Número 35

Ano 1991

FRANCISCO GOMES: 1º PREFEITO DO CRATO

O Capitão FRANCISCO GOMES DE MELO nasceu ao sopé da Serra do Araripe em 1723, onde hoje se localizam o sítio e a ladeira que têm o seu nome e lhe guardam a memória, no Município do Crato.

Era filho de Simião Cabral de Melo e Margarida Mendes de Oliveira Melo, dos troncos sergipanos que povoaram o Cariri.

Faleceu em Crato a 4 de agosto de 1817, aos 84 anos de idade, conforme o Livro de Registro de Óbitos do Cartório do Registro Civil do Crato, período 1815—1819, página 119.

Teve Francisco Gomes por esposa Ana Maria Bezerra de Menezes, de origem pernambucana. Do casal nasceram Simão Cabral de Melo e Alexandre Bezerra de Menezes, ambos casados na família Siebra, em 1789, sendo troncos dessa grande família.

De Margarida Mendes de Oliveira e seu esposo descende, na quinta geração, o Pe. Cícero Romão Batista.

Segundo João Brígido, FRANCISCO GOMES foi o primeiro Juiz Ordinário da Vila do Crato, imediatamente após a criação do Município, em 21 de junho de 1764 (Livro O CEARÁ, página 98).

Esse posto equivalia, hoje, ao de prefeito municipal, de acordo com a constituição provincial. Foi, portanto, FRANCISCO GOMES, o primeiro prefeito da terra cratense, sendo justo que lhe seja perpetuado o nome numa das ruas da cidade.

"Inaugurada a Vila (do Crato) foram logo criados, para o fim de administrar a Justiça, os dois primeiros juizes, cuja escolha recaiu nas pessoas do capitão Francisco Gomes de Melo e do Índio José Amorim, prova de que os ex-missionados capuchinhos iam se tornando aptos à colaboração com os brancos na administração da pequena comunidade que todos haviam criado num período de 25 anos. Criou-se também um corpo de cavalaria, cujo comando coube ao Cel. Antônio Lopes de Andrade. O cargo de capitão-mor deteve-o Arnaud de Holanda Correia, do Recife, parente e coevo do primeiro fundador da atual cidade de Missão Velha, capitão João Correia Arnaud. Assim evoluiu, no campo político a Missão que Frei Carlos Maria de Ferrara fundara."

(Pe. Antônio Gomes, ITAYTERA, nº 15, ano 1971)

ITAYTERA

Órgão do Instituto Cultural do Cariri

O ICC foi fundado a 18 de outubro de 1953 e registrado no Livro A-1, de Registro de Pessoas Jurídicas, do Cartório Civil, na cidade de Crato, com seus Estatutos Registrados nas folhas 4/7, sob o número 5, em 30-9-54 e publicadas no Diário Oficial do Estado do Ceará em 20-10-54.

Considerado de utilidade pública por Lei Municipal nº 453, de 22-9-68. Governo Municipal Ossian Arribe.

Considerado de utilidade pública por Lei Estadual nº 10.125/77 publicada no Diário Oficial do Estado de 27-10-77, Governo Estadual do Cel. Adauto Bezerra.

Tem o seu CGC sob nº 05357359-0001/86.

Registrado no Conselho Nacional do Serviço Social do MEC.

Endereço: Praça Juarez Távora, 950-CEP 63100 — Crato — Estado do Ceará.

DIRETORIA ATUAL DO ICC

A diretoria atual do Instituto Cultural do Cariri foi eleita em Assembleia Geral Eleitoral de 6-8-90 e empossada em Sessão de 24-8-90, estando assim constituída:

Presidente: Raimundo de Oliveira Borges

Vice-Presidente: José Emerson Monteiro Lacerda

Secretário-Geral: Francisco Huberto Esmeraldo Cabral

Secretário (a): Maria Lirêda Alencar Noronha

Tesoureiro: José de Paula Bantim

Comissões

De Ciências, Letras e Artes: Plácido Cidade Nuvens, Margarida Angélica Ramos Siebra e Maria La-Salette Libório Ribeiro da Silva.

De Sindicâncias: José Peixoto de Alencar Cortéz, Antônio Nirson Monteiro, Eloi Teles de Moraes e Antônio Correia Coelho.

Da Revista Itaytera: João Lindemberg de Aquino, Francisco de Assis Brito e Jurandy Tométo de Sousa

DIRETOR DA REVISTA ITAYTERA

Jornalista: João Lindemberg de Aquino

ITAYTERA aceita permuta com publicações congêneres, do País e do exterior.

Cadeiras do Instituto Cultural do Cariri

SECÇÃO DE LETRAS

1 — *Patrono:* Pe. Dr. José Antônio de Maria Ibiapina

Ocupante: João Lindemberg de Aquino

2 — *Patrono:* Bruno de Menezes

Ocupante: Dr. Raimundo de Oliveira Borges

3 — *Patrono:* José Alves de Figueiredo

Ocupante: Pe. Neri Feitosa

4 — *Patrono:* Alexandre Arraes de Alencar

Ocupante: Maria Edméia Arraes de Alencar

5 — *Patrono:* Monsenhor Pedro Esmeraldo da Silva

Ocupante: Vaga

6 — *Patrono:* Dr. Irineu Nogueira Pinheiro

Ocupante: Vaga

7 — *Patrono:* Antônio Barbosa de Freitas

Ocupante: Vaga

8 — *Patrono:* Álvaro Bomfilar da Cunha

Ocupante: Dr. José Newton Alves de Sousa

9 — *Patrono:* Dom Francisco de Assis Pires

Ocupante: Prof. Rubens Gondim Lóssio

10 — *Patrono:* Pe. Emídio Leite Cabral

Ocupante: Vaga

11 — *Patrono:* Raimundo Gomes de Matos

Ocupante: Vaga

12 — *Patrono:* Leandro Bezerra Monteiro

Ocupante: Dr. Antônio Araujo Ribeiro

13 — *Patrono:* Dr. Otacilio Macêdo

Ocupante: Cláudio Mariins

14 — *Patrono:* Manoel Rodrigues Monteiro

Ocupante: Vaga

15 — *Patrono:* Dr. Leandro Chaves de Melo Ratisbona

Ocupante: Vaga

16 — *Patrono:* Pe. Francisco Pitta

Ocupante: Aécio Feitosa

17 — *Patrono:* João Brígido dos Santos

Ocupante: Vaga

18 — *Patrono:* Raimundo Monte Arraes

Ocupante: Vaga

19 — *Patrono:* José de Figueiredo Filho

Ocupante: Mozart Soriano Aderaldo

20 — *Patrono:* Senador José Martiniano de Alencar

Ocupante: Vaga

21 — *Patrono:* Monsenhor Pedro Rocha de Oliveira

Ocupante: Pe. Antônio Vieira.

SECÇÃO DE CIÊNCIAS

— *Patrono:* Dr. Barreto Sampaio

Ocupante: Dr. Napoleão Tavares Neves

EDITORIAL

Sai a lume, pela 35ª vez — e isso, para uma revista do interior, já se constitui fato raro — a revista ITAYTERA.

Desta feita, graças ao apoio patriótico, sob todos os motivos, do eminente Senador Mauro Benevides, Presidente do Senado Federal, que autorizou sua impressão no Serviço Gráfico daquela Casa do Congresso Nacional, em atendimento a uma Exposição de Motivos que lhe enviou o ICC.

De outra forma, dificilmente poderíamos continuar a nossa luta. Os preços gráficos, tanto em Crato como em outra qualquer cidade do País, estão naquelas alturas.

E subindo constantemente, apesar dos rígidos Planos Econômicos.

ITAYTERA e o Instituto Cultural do Cariri são teimosos. Todos os anos a matéria é preparada, selecionada e disposta, e reinicia-se a luta que já demanda mais de três décadas, para se publicá-la.

Graças a Deus sempre temos conseguido levar adiante a nossa publicação, que circula por diversos estados e é bem aceita nos principais meios intelectuais do País.

ITAYTERA é revista e é documentário. Não se peja de republicar o que, esparsamente, saiu na imprensa, desde que se refira a autores, fatos e pessoas da nossa região, reunindo, assim, numa só publicação, o que se perderia no dia-a-dia dos jornais, ou passaria desconhecido em publicações muitas vezes raras.

Com isso, presta serviço documental de real valia para o Cariri.

O INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI passa fase difícil em sua vida de 35 anos. Qual a instituição que, nesta Nação, não esteja passando a mesma fase? — umas mais, outras menos, mas todas as instituições culturais estão em crise. Sempre à espera dos governantes de visão e dos mecenas...

Mas isso não é motivo para desanimarmos. Continuamos firmes e fortes. Nada nos abate.

As cadeiras vagas na sua Secção de Letras já são muitas, com morte ou renúncia dos titulares. Mas, com o tempo, serão preenchidas com gente de elevado gabarito ou qualificação cultural. Já há vários candidatos.

Queremos, ao abrir a presente edição, agradecer ao Senador Mauro Benevides, ao Senado Federal e à sua renomada Gráfica, por este apoio sólido, que tornou possível a presente edição. Neles, homenageamos o verdadeiro Brasil que sente e pulsa com o interior, vê seus problemas e o apóia na sua ânsia de crescer e também marcar pontos na vida nacional. Esse apoio

que deu ao ICC servirá, certamente, de poderoso estímulo para que prossigamos a jornada.

O interior tem muito que dar a esta Nação tão carente de sua verdadeira formação cultural e cívica.

A obra do ICC e — principalmente — ITAYTERA, é uma sólida contribuição.

João Lindemberg de Aquino

Diretor

FALECE JÉFFERSON DE ALBUQUERQUE, EX-PRESIDENTE DO ICC

A comunidade intelectual do Cariri foi tomada de surpresa com o súbito falecimento do ex-presidente do Instituto Cultural do Cariri, Jéfferson de Albuquerque e Sousa, às 11 horas do dia 17 de fevereiro de 1991. O óbito ocorreu em Fortaleza, de parada cardíaca, na Gastroclínica, depois de duas cirurgias.

O ex-Presidente Jéfferson presidiu os destinos do ICC por duas vezes e a ele coube passar a presidência ao atual Presidente, Dr. Raimundo de Oliveira Borges. Numa homenagem ao querido companheiro desaparecido, reproduzimos trechos do Boletim do Rotary Clube do Crato, edição especial de abril de 1991, inteiramente a ele dedicado.

EDITORIAL

PERDA DOLOROSA E IRREPARÁVEL

O calendário rotário do Crato e do distrito 449 jamais apagará a data fatídica de 17 de fevereiro de 1991.

Nesse dia, de tão trágicas recordações, falecia, de parada cardíaca, em Fortaleza, onde estivera hospitalizado e sofrera cirurgia, o nosso companheiro Jéfferson de Albuquerque e Sousa.

Foi ele o último remanescente dos fundadores do Rotary cratense, solenidade ocorrida em 22 de junho de 1937.

No clube, exerceu todas as funções, ocupou todas as avenidas, fez parte de todas as comissões, ao longo de 53 anos de profícuo, incansável, inabalável e inigualável entusiasmo.

Seu ideal rotário era perfeito. Jamais feneceu ou encontrou obstáculos ante as crises, os desânimos e os momentâneos arrefecimentos dos outros.

Para ele, Rotary era um supremo ideal de viver e de servir, que ele praticou abertamente, desinteressadamente, incansavelmente.

Cearense de Pacatuba, onde nascera a 20 de abril de 1910, filho de Antônio e Diva Albuquerque, exercitou sua liderança desde os tempos estudantis, chegando a presidir grêmios e associações juvenis e escolares. Acadêmico de Direito, mesmo antes de formar-se foi prefeito na cidade de Itapipoca. Integrante da turma de bacharéis de 1935, da Faculdade de Direito do Ceará, foi dos seus mais brilhantes concludentes.

Cedo, ainda, ingressou no Banco do Brasil, onde serviu como advogado e depois na carteira agrícola, funções que exerceu com raro entusiasmo e que serviram para aprofundar o seu conhecimento sobre a realidade de nossa região, seus problemas, suas aspirações.

Isso embasou o seu espírito, levando-o à presidência do nosso clube, e a ser o primeiro — e único, até agora — governador do distrito, então nº 26, que o nosso clube ofereceu a RI. Foi no exercício desse posto que visitou todos os clubes do Norte e Nordeste e foi à Convenção Internacional em Havana, Cuba.

Idealizador de movimentos, defensor da ecologia, foi também Subprocurador-Geral do Estado do Ceará, tendo presidido diversas entidades, como a AABB, Sindicato dos Bancários, Instituto Cultural do Cariri, Apae.

Poeta, escultor, pintor, extravasava de todos os modos seu espírito irrequieto, sua personalidade multiforme, sua ânsia de servir, de se comunicar, de fazer amigos.

Cidadão honorário de Crato, Juazeiro e Barbalha por decisão de suas câmaras municipais, era o amigo constante, leal, sólido, fiel, devotado, e, eternamente de espírito jovem, sempre vinha com idéias, projetos, planos, pelos quais lutava bravamente e defendia com ardor.

Por último pretendia a realização de seminário regional sobre a serra do Araripe e a duplicação das instalações físicas da nossa sede social.

Participou de eventos rotários em todo o Brasil e no exterior.

Seu exemplo marcante ficou impregnado em todos nós.

Sua memória será cultivada como verdadeiro símbolo de um bom e perfeito rotariano. Essa será a maior manifestação de gratidão que lhe prestaremos, futuro afora, ante a perda dolorosa e irreparável que acabamos de sofrer.

SENTIDA SAUDADE

Ao companheiro, amigo e mestre em Rotary
grande pela sua dedicação ao nosso clube;
incansável no seu desejo de servir;
polivalente em sua capacidade de doação;
disponível em se tratando da comunidade;
exemplar como chefe de família;
inesquecível como companheiro;
construtor de uma legenda rotária inigualável;
participante, ativo, modesto, eficiente, amigo, rotariano, acima de tudo,

JÉFFERSON,

cuja memória será inesquecível
cujo exemplo vencerá o tempo
cuja partida desolou a todos

A homenagem de saudade do ROTARY CLUB DO CRATO

Crato, 23 de fevereiro de 1991

AO COMPANHEIRO JÉFFERSON

A sentida e sincera homenagem da Casa da Amizade, desolada com a sua partida para a outra vida; no decorrer de todos estes anos, a sua colaboração foi inestimável, pois Jéfferson era permanente fonte de otimismo e doação.

Suas idéias, seu trabalho, sua constância, sua fé nos homens e no Rotary sempre nos estimularam na caminhada e sempre constituíram para nós um motivo de encorajamento.

Renascíamos perenemente à sombra do seu ideal, por isso a sua memória será sagrada e a cultivaremos com amor no coração.

Casa da Amizade do Rotary Club do Crato

COMPANHEIRO JÉFFERSON!

Em dias do mês de fevereiro p. passado, vitimado por doença insidiosa, faleceu o nosso querido companheiro Jéfferson de Albuquerque e Sousa.

Falar do Jéfferson para nós cratenses é quase que arriscar o abuso da repetitividade, pois era ele por demais conhecido em toda a região caririense e, por que não dizê-lo, em todo âmbito nordestino.

O Jéfferson nasceu na cidade de Pacatuba e, ainda muito jovem, por força da profissão de seu genitor que era coletor estadual, passou a residir em outras cidades, inclusive em Crato, ainda no início da década de 30.

Não me deterei em traçar-lhe todas as nuances biográficas, pois o espaço e condições a mim oferecidos não permitem tal procedimento. Entretanto, há que se enaltecer sua personalidade, seu espírito empreendedor, sua disposição para o trabalho e, acima de tudo, sua versatilidade. Foi, o velho companheiro, o protótipo do homem enciclopédia.

Formou-se em Direito nos fins de 1935, vindo para esta cidade exercer a advocacia no escritório do então advogado Antonio A. Araripe. Dois anos após sua chegada a nossa terra, em junho, integrou o grupo que fundou o Rotary local e, três anos depois foi eleito Governador do distrito que, à época, tinha o nº 26. Como governador participou da Conferência Internacional de Havana.

Como rotariano o Jéfferson desempenhou todas as funções e atividades que um Club dessa natureza pode oferecer: foi presidente, secretário, diretor

de avenidas, diretor de protocolo e, sobretudo, tinha a característica de “encarnar”, “viver” e “sentir” Rotary em todas as circunstâncias e passagens de sua vida. Era o Jéfferson a síntese da vida rotária.

Quando ingressei em nosso Club, nos idos de 1955, estava na presidência do mesmo o nosso companheiro, ora comentado e, para satisfação minha, o manual “A Realização do Ideal de Servir”, que me foi oferecido no dia, está com a sua assinatura.

Até poucos dias era o ex-governador mais antigo do Brasil.

As atividades profissionais, sociais e culturais do Jéfferson, como me referi, foram múltiplas: além de advogado foi professor, bancário durante vários anos, esteve na Procuradoria-Geral do Estado e Procuradoria Eleitoral, Presidência do Sindicato dos Bancários, Vice-Presidente da Confederação Norte-Nordeste dos Funcionários em Estabelecimentos Bancários, Presidente da Associação Atlética do Banco do Brasil, Presidente da Cooperativa dos Funcionários do mesmo banco, participou da fundação da Associação dos Beneficiadores de Algodão do Cariri, sendo seu sócio honorário; sócio honorário da Associação dos Engenheiros Agrônomos do Cariri, sócio honorário do Centro Médico do Crato, Presidente da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais de Juazeiro do Norte.

A vida intelectual do Jéfferson também foi marcada pela versatilidade e pela multiplicidade de afirmação. Presidiu o Instituto Cultural do Cariri e foi Vice-Presidente do Instituto de Ensino Superior do Cariri.

Participou ativamente na Revista Itaytera, escrevendo artigos e poemas; chegou a publicar 3 (três) livros de poesias, onde se pode melhor dimensionar seu espírito, seu caráter.

Não satisfeito com tantas atividades e funções, ainda fazia esculturas e pinturas nas horas vagas. E, para coroar suas atividades em todos os setores das sociedades sul-cearenses, o Jéfferson recebeu os Títulos de Cidadão Honorário das cidades de Crato, Juazeiro do Norte e Barbalha. Até hoje foi o único “Cidadão Crajubar”.

O Jéfferson casou-se com D. Letícia Figueirêdo Albuquerque, e deixou vários filhos, netos e bisnetos.

Eis aí, em pálidas palavras, uma notícia da passagem do nosso companheiro Jéfferson pelos vários caminhos da vida.

DEUS O TENHA EM BOM LUGAR.

Ribamar Cortez — Crato, abril de 1991

GOVERNADOR DE ROTARY LAMENTA O DESAPARECIMENTO DE JÉFFERSON

Fortaleza, 19 de fevereiro de 1991

Cara Senhora

Letícia de Figueirêdo e Albuquerque

Tomamos conhecimento do lamentável infortúnio do falecimento do seu

inesquecível esposo, competente e idealista companheiro rotariano *Jéfferson de Albuquerque e Sousa*. Rogamos a Deus a sua paz eterna, lembrando, todavia, que a vida terrena é passageira e a morte leva a nossa libertação. Cremos na vida eterna e na feliz ressurreição dos justos, como foi o querido companheiro *Jéfferson*.

Lembramos que a morte não extingue: transforma; não aniquila: renova; não divorcia: aproxima, pois ele jamais estará tão presente no íntimo do coração de sua respeitável família, como agora.

A vida eterna já está sendo vivida por ele; lá não haverá tristeza, doença nem dor, e o prêmio da sua fé; será a certeza de viver feliz com o Senhor.

Rogamos a Deus forças à família enlutada, para suportar a dor e o sofrimento pela perda irreparável. Que Deus conforte todos aqueles que em vida lhe dedicaram o *Amor*.

Um abraço fraterno da Maria José e do grande amigo.

Caio Lóssio Botelho

DECRETOS MUNICIPAIS DE LUTO OFICIAL

DECRETO Nº 03/91, DE 18 DE FEVEREIRO DE 1991

Dr. José Aldegundes Muniz Gomes de Mattos, Prefeito Municipal do Crato, no uso das suas atribuições legais,

considerando o falecimento do Dr. JÉFFERSON DE ALBUQUERQUE E SOUSA, ocorrido ontem em Fortaleza;

considerando que o ilustre extinto teve uma atuação de destaque nas lides jurídicas da cidade e da região;

considerando o seu exercício como fiscal do Banco do Brasil S/A, cumprindo os seus deveres mas sempre tendo em vista a boa orientação para o uso do crédito bancário;

considerando que, muito embora não tendo nascido no Crato, fez desta cidade um constante objeto de suas preocupações e do seu amor, participando ativamente de movimentos e associações que compartilhavam com estes propósitos, decreta:

Art. 1º Luto oficial, no Município do Crato, nos dias 18, 19 e 20 de fevereiro de 1991.

Art. 2º A Bandeira do Crato, nestes três dias, será hasteada a meio mastro.

Art. 3º Este decreto entra em vigor nesta data, revogadas as disposições em contrário.

Prefeitura Municipal do Crato, 18 de fevereiro de 1991

Dr. José Aldegundes Muniz Gomes de Mattos

Prefeito Municipal do Crato

DECRETO Nº 2/91

EMENTA: *Decreta luto oficial e adota outras providências.*

O Presidente da Câmara Municipal do Crato, vereador Antonio Saraiva de Oliveira, no uso de suas atribuições legais e, considerando o falecimento do Dr. Jéfferson de Albuquerque e Sousa, grande benfeitor do Crato;

considerando os inestimáveis serviços prestados ao Crato e ao Cariri, nos mais diferentes setores de atividades, principalmente através do Rotary Club, Instituto Cultural do Cariri e de outras entidades de classe;

considerando, finalmente, a grande perda irreparável para sua família, para o Crato e para toda a região do Cariri; resolve:

Art. 1º Decretar luto oficial de três dias, em homenagem póstuma ao Dr. Jefferson de Albuquerque e Sousa.

Art. 2º Hastear a Bandeira do município a meio mastro, na sede do Legislativo Municipal.

Art. 3º Suspender a reunião ordinária da Câmara Municipal do dia 18 de fevereiro de 1991.

Art. 4º Este decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Sala das Sessões da Câmara Municipal do Crato, 18 de fevereiro de 1991.

Antonio Saraiva de Oliveira
Presidente

DR. JÉFFERSON, UM NOBRE QUE SE FOI...

Perde o Rotary Club do Crato o seu mais assíduo e lúdimo integrante em terras alencarinas (de meu conhecimento), o Dr. Jéfferson Albuquerque e Sousa, falecido em Fortaleza, em 17-2-91.

Há mais de cinco décadas aqui chegava, recém-formado em ciências jurídicas, conduzindo, com muita validade e merecido orgulho, o pergaminho conquistado, brilhantemente, na Faculdade de Direito de nossa capital, para instalar-se na banca de advocacia do então causídico ilustre, o Dr. Antônio de Alencar Araripe, em terras de Bárbara de Alencar.

Recordo-me bem dele, àquela época e quando eu cursava o primário no vetusto Grupo Escolar do Crato, sito na Rua Cel. Luiz Teixeira, nos idos de 1938 e recebia, por ocasião de término do 3º ano, do Rotary Club do Crato, das mãos de Dª Lasaete Esmeraldo, na presença do Dr. Jéfferson, um exemplar da *Vida Higiênica*, do professor Deodato de Moraes com a dedicatória: "A ANTONIO LUIZ BARBOSA, como prêmio às suas qualidades de bom colega e aluno aplicado, oferece ROTARY CLUB DE CRATO. 27-11-38".

Passam-se os dias! Corre o tempo na sua voraz e ininterrupta disparada e vamos encontrar-nos... o Dr. Jéfferson, agora no Banco do Brasil — Agência do Crato, onde o nosso pranteado extinto integrava o quadro de fiscal visitador da carteira agrícola daquele banco e eu, o de contínuo. Éramos funcionários da modelar instituição de crédito do País.

A despeito da diferença de idade, tornamo-nos bons e leais amigos. Dentro em pouco, após submeter-me a concurso, fiz-me escriturário e eis que vou trabalhar no mesmo setor do Dr. Jéfferson: fiscal, também, na carteira agrícola.

O Dr. Jéfferson, além de desincumbir-se a inteiro contento de suas tarefas no banco, tinha verdadeira veneração e obsessão mesmo, por tudo que se ligava, direta ou indiretamente, a Rotary — essa notável alavanca social, suporte das causas nobres e altruísticas do Mundo Universo e a quem o Crato muito deve, por intermédio da figura humana ora desaparecida de nosso convívio e alvo destas despreziosas palavras.

No Banco do Brasil serviu ele durante 26 anos ininterruptos, dele ausentando-se, por quatro anos, quando o seu tio, desembargador Faustino de Albuquerque esteve à frente dos destinos do Ceará, prestando inestimável cooperação ao governo austero do homem de Pacatuba.

No Crato o nosso lembrado de hoje consorciou-se com D^a Letícia Figueiredo, rebento de uma das mais dignas famílias de nossa terra, advindo, de tão feliz e duradoura união, uma prole que bem merece os pais que a geraram.

Conservo em meu poder, com todo respeito e carinho, livro de autoria do colega que se foi, objeto de dedicatória que sobremodo me envaidece: “ao Antonio Luiz, o melhor colega que tive no Banco do Brasil. Jéfferson”.

É assim meu dileto amigo Jéfferson! A vida nem sempre vale o sonho que ela encerra! Nossos dias são contados mesmo. E, por isso, vou ficando por aqui, saboreando, quanto posso, uma geladinha, de que tanto você apreciava e com espuma bastante e, ocorre-me à lembrança, aqueles que já partiram na sua frente: Tomé Cabral, inspetor; Zé Siebra, gerente; Amaro José da Costa, subgerente; Zé Arlindo Siebra, advogado; Antônio Landim Filgueiras, chefe da Creai; Pedro Aguiar Melo e João Lima, ajudantes de serviço; Manóelito e José Alcides Esmeraldo, tesoureiro e caixa, respectivamente; Kleber Maia Cabral, serviço de cadastro; Zé Alencar, fiscal da Creai, você e Juarez Ferreira d’Alencar, fiscais da Creai e Libório e Antônio Alcides Esmeraldo, do quadro de apoio. Seria a hipótese de pleitear-se a instalação de uma agência metropolitana aí, na eternidade, se a tanto permitir a nossa Ministra da Economia, com a sua política de austeridade e de contenção de gastos!

Crato, 1^o de março de 1991

Antônio Luiz

ADEUS COMPANHEIRO JÉFFERSON

Euclides Francelino de Lima

Não é tarefa fácil dizer do nosso sentimento e do nosso pesar, com o falecimento do companheiro Jéfferson.

Foi um acontecimento que abalou a família rotária de todo o Brasil. É que o companheiro Jéfferson soube prender o coração de cada rotariano de uma maneira que torna-se difícil aceitar a sua ausência, para sempre, do nosso convívio.

A mensagem que ele nos deixou traduz grande sabedoria: "Fazer boas amizades através de nossas ações, melhorar nossa qualidade de rotariano, ser melhor companheiro". Participei com ele de muitos conclaves rotários e dava para perceber o quanto ele vivia Rotary intensamente. Contagiava os que se encontravam ao seu redor e difundia os princípios rotários com muita alma e entusiasmo. As palavras são incompetentes para definir a grandeza, a generosidade, a verdadeira paixão pela causa rotária, do querido amigo. Onde quer que nos encontremos daqui para diante, em atividades rotárias, sentiremos a falta da presença querida desse grande companheiro.

Ele soube, através dos anos, tornar-se imortal na convivência dos companheiros; suas idéias, seus ensinamentos, seus conceitos, estão bem vivos e presentes a cada um de nós.

Foi um grande companheiro e amigo... Soube arregimentar em torno de sua pessoa, as mais simples, as mais altas personalidades do mundo rotário. Mantinha correspondência contínua com pessoas de quase todo o Brasil e até além-fronteiras, levando sua mensagem de otimismo e disciplina, transmitindo toda filosofia de nossa instituição.

Minha emoção é grande e sua presença é inesquecível, impossibilitando-me até de alongar-me em considerações ao nosso Jéfferson.

Nosso desejo é de que tenha a paz merecida no Reino que Deus prepara para todos.

22-3-91

SAUDAÇÃO DO PRESIDENTE DO ROTARY CLUB DO CRATO, QUANDO O COMPANHEIRO JÉFFERSON RECEBIA O TÍTULO DE CIDADÃO BARBALHENSE

Senhor Presidente

Senhores Vereadores

Minhas senhoras, meus senhores, sociedade barbalhense:

Não poderia eximir-me de falar, neste instante, algumas palavras que fossem, quando estou possuído de incomum entusiasmo, ao ver o companheiro Jéfferson Albuquerque ser agraciado com o título de Cidadão Barbalhense.

Como rotariano, presidente do meu clube e como cratense, trago aqui a palavra dos rotarianos e dos conterrâneos de Jéfferson — palavra de amizade, de carinho e de apreço, neste grande dia de sua vida.

Ser barbalhense, cidadão oficial por lei dos seus filhos, é uma honra muito grande.

Uma honra que pressupõe ser concedida em retribuição a serviços prestados à terra. E sei que Jéfferson tem muitos serviços prestados, nem só a Barbalha, mas a todo o Cariri.

Sua vida inteira é uma permanente lição de serviço.

Rotariano há 52 anos, fez do serviço o seu lema de viver, a razão fundamental de sua existência.

Está sempre pronto a servir, como está sempre pronto a um ato de caridade, um gesto de fraternidade, um exemplo de solidariedade.

Homem de grande ideal, a mocidade fez morada perene em seu coração.

Beirando os oitenta, é mais jovem, espiritualmente, do que todos os que aqui o estão rodeando neste instante, porque sabe cultivar a bondade, a tolerância, o amor, a disponibilidade e a doação fundindo, num resumo cósmico, uma personalidade ímpar e impressionante.

Poeta, faz de tudo um tema da poesia, que de si brota, cristalina e límpida como as águas que nascem do sopé da serra.

Cidadão, faz da brasilidade do seu espírito a forja incansável de um trabalho construtivo e útil.

Trago, pois, ao companheiro e cidadão Jéfferson, o abraço sincero de todos os seus companheiros rotarianos e o sincero apreço de todos os seus amigos.

Trago os parabéns e o abraço do povo do Crato à nobre e generosa gente barbalhense que, com o seu gesto, mais ainda cativou os seus irmãos.

E todos unidos, ergamos preces a Deus para que esta maravilhosa criatura humana que é Jéfferson, multifacetado na admirável criatura cósmica que conhecemos, seja sempre assim, lição de vida e de amor, ajudando a construir um mundo melhor para todos, mais justo, mais humano e mais digno, como tão justo, tão humano e tão digno ele mesmo o é.

Muito obrigado.

CORY — Barbalha, 27-10-89

TRÊS POEMAS DE JÉFFERSON ALBUQUERQUE

PACTO

Companheiro
dê-me a sua mão
e,
com este gesto,
um pacto urdir:
juntos andar,
juntos servir.
Ao invés de “no céu buscarmos
Deus nas nuvens,
procurarmos encontrar um
Deus na gente”;
nas nossas profissões,
a ética não ferir;
sobre a sua ou a minha crença,
nunca discutir;
desigualdades e preconceitos
abolir;
trabalhar juntos
para
deste mundo em caos
um mundo só fazer surgir.

Jéfferson Albuquerque

QUANDO A VIDA É BELA

“A vida é bela quando se tem amigos.”
Mas,
a vida é mais bela
se os amigos
foram ou são feitos através de Rotary.
A vida é mais e mais bela
se temos fé.
E,
mais ainda,
quando temos esperança.
A vida é bela
se podemos sorrir.
E é mais quando amamos.
Muito mais ainda bela

quando somos amados.
A vida é bela
quando servimos
e,
mais e mais,
quando olhamos o próximo
como quando a um irmão olhamos.

Jéfferson de Albuquerque

APERTO DE MÃO

Talvez,
Não haja,
Jamais,
Nada melhor para incrementar,
— entendimento,
— amizade,
— paz,
que
— o olhar,
— a palavra,
— um sorriso,
— um aperto de mão.
Certamente,
para fazer de um estranho
um amigo,
um irmão,
nada melhor
— que um olhar,
— uma palavra,
— um sorriso,
— um aperto de mão.

Por isto,
companheiros,
— olhando,
— falando,
— sorrindo,
— dando um aperto de mão,
— palmas batendo,

nos compreendemos,
nos incitamos
para servir,
e a paz urdir.

Cra-Ju-Bar, Natal, 1985

Jéfferson de Albuquerque e Sousa

PERDA DE JOARYVAR MACEDO ABRE LACUNA NA LITERATURA DO CARIRI

O Cariri recebeu tristemente a notícia do falecimento, em 29-1-91, do escritor Joaryvar Macedo. Foi figura exponencial das letras de nossa região. Faleceu em Fortaleza depois de vários meses acamado.

Joaryvar — ou mais precisamente, Joaquim Lobo de Macedo —, foi do Instituto Cultural do Cariri, defendendo tese sobre Dr. Otacílio Macedo. Depois foi Vice-Presidente do ICC, na Presidência de João Lindemberg de Aquino. Foi criador, fundador e primeiro Presidente do Instituto Cultural do Vale Caririense, em Juazeiro do Norte, depois aclamado seu Presidente Perpétuo. Um homem de notável inteligência e que se situou no primeiro plano da historiografia regional.

Às suas exéquias, realizadas em Lavras da Mangabeira, em 30-1-91, 11 horas, estiveram presentes representações dos dois institutos. O ICC foi representado por J. Lindemberg de Aquino.

A Urca, o Conselho Estadual de Educação, a UFC e o Governo do Estado mandaram representantes, além de dezenas de outras instituições. A missa de corpo presente foi celebrada pelo Pe. José Gonçalves Landim, na Matriz de S. Vicente, em Lavras de Mangabeira. Falaram sobre Joaryvar, o Pe. Landim, o Sr. Kleber Correia de Sousa, lendo mensagem do Dr. Raimundo Borges; a intelectual Francisca Teles, pelo ICVC e um representante da Rádio Vale do Salgado. Em nome da família agradeceu Dr. Antonio Pinto de Macedo. O corpo foi conduzido ao campo santo por grande multidão. Com Joaryvar desapareceu um dos maiores valores da terra cearense, abrindo-se um claro, em nossa literatura, difícil de ser preenchido. Eis o que publicou a imprensa a seu respeito:

SECRETÁRIO DE CULTURA DO GOVERNO DE GONZAGA MOTA MORRE DE CÂNCER

Fortaleza, Ceará — quarta-feira, 30 de janeiro de 1991

JOARYVAR MACEDO, escritor e secretário de Cultura do governo de Gonzaga Mota, morreu ontem às 14 horas, vítima de câncer. O corpo do ex-secretário foi velado ontem à noite na Reitoria da Universidade Federal do Ceará (UFC) por amigos e familiares até as 12 horas, de onde foi levado para ser enterrado hoje no Município de Lavras da Mangabeira, sua cidade natal. Aos 53 anos Joaryvar era autor de vários livros sobre o Cariri e seu último livro, *O Império do Bacamarte*, foi lançado há três meses.

O nome do escritor esteve bastante ligado às letras cearenses. O autor era membro da Academia Cearense de Letras e do Instituto do Ceará. Joaryvar

também pertencia ao Conselho Estadual de Educação. Em seu último livro, o ex-secretário fala sobre o coronelismo no Cariri. Dimas Macedo, poeta e sobrinho do escritor, lamentou a morte do tio e disse que o Ceará perde um de seus maiores historiadores. “Ele era considerado o maior historiador da região do Cariri e, possivelmente, o maior historiador vivo do Ceará”, acrescentou Dimas.

“Estou imensamente triste.” Estas foram as palavras do presidente do Instituto do Ceará, Mozart Soriano Aderaldo, para expressar a perda do amigo. Definiu-o como um grande cearense, com importante contribuição pela sua obra e também considerou-o um grande secretário de Cultura. “Era de um caráter admirável, conciliador”, completou o presidente do instituto. Soriano Aderaldo disse ainda que depois do padre Gomes, do Crato, Joaryvar Macedo foi o maior pesquisador de genealogia do Cariri.

A obra *O Império do Bacamarte* foi considerada pelo presidente do instituto como o maior livro sobre o cangaço no Nordeste. “Com a morte de Joaryvar fica uma lacuna difícil de ser preenchida”, finalizou Soriano. Presente ao velório na reitoria também esteve o crítico literário Francisco S. Nascimento, ele foi assessor de Joaryvar Macedo na Secretaria de Cultura do estado e utilizou-se de palavras parecidas com as do presidente do Instituto do Ceará. “Joaryvar deixa um vazio na historiografia do Ceará difícil de ser preenchido.” Para ressaltar a importância do amigo fez a seguinte pergunta: “E agora, o que fazer sem Joaryvar?”

CÂNCER MATA EX-SECRETÁRIO ESTADUAL, JOARYVAR MACEDO

Tribuna do Ceará, 30-1-91

Aos 54 anos de idade incompletos, morreu ontem em Fortaleza o professor, escritor e jornalista Joaquim Lobo de Macedo, conhecido por Joaryvar Macedo, que foi secretário de Cultura durante o Governo Gonzaga Mota. Acometido de câncer, ele estava internado na Casa de Saúde São Raimundo e o passamento se deu às 14 horas. Logo em seguida seu corpo foi transferido para o Salão Nobre da Reitoria da Universidade Federal do Ceará, onde ficou em Câmara ardente até ser trasladado, à meia-noite, para Lavras da Mangabeira, sua terra natal, para sepultamento hoje. Casado, deixa duas filhas na orfandade.

Era membro da Academia Cearense de Letras e do Instituto Histórico do Ceará. Autor de 18 livros, formou-se pelo Seminário Arquiepiscopal de Olinda, em Pernambuco; em Filosofia Pura, no Recife; e em Letras na Faculdade de Filosofia do Crato. Tinha, ainda, especialização a nível de pós-graduação, na Faculdade de Educação da Universidade Católica de Salvador, Bahia, na cadeira de Metodologia do Ensino Superior.

Homem de Letras

Joaquim Lobo de Macedo (Joaryvar Macedo) nasceu em Lavras a 20 de maio de 1937 e teve intensa vida literária. Participou de diversos cursos sobre a Língua Portuguesa, lecionou no Instituto de Educação do Ceará e prestou serviços junto à presidência do Conselho de Educação do Estado. Ligava-se a várias instituições culturais do Brasil e fora dele, figurando como integrante (membro honorário) da Academia Internacional de Heráldica e Genealogia, do Instituto Argentino de Cultura Histórica (Buenos Aires) e da Academia de Ciências Humanísticas y Relaciones da República Dominicana, entre outras. Conquistou uma série de medalhas e condecorações, destacando-se a Comenda da Cruz de João Ramalho (São Paulo) e a Medalha do Mérito da Academia Internacional de Heráldica e Genealogia.

Escreveu muito sobre a região cariense e editou estudos, artigos e outros trabalhos literários e científicos, colaborando com revistas, boletins e jornais brasileiros e estrangeiros. Prefaciou oito obras de autores nacionais e mereceu citação em dedicatórias de nove obras literárias. Proferiu conferências em encontros e seminários em Fortaleza e no interior. Como secretário de Cultura, promoveu a montagem das exposições "A cerâmica utilitária do Ceará no Rio de Janeiro" e organizou os festejos do primeiro centenário e morte do general Antônio Tibúrcio Ferreira de Souza, publicando um folder e editando o livro escrito por Maria do Nascimento Silva, intitulado *Tibúrcio, Soldado e Pensador*.

FALECIMENTOS

"A Tarde", Salvador, 1^o-2-91

No País

JOARYVAR MACEDO — Notícias de Fortaleza, Ceará, informam do falecimento, no último dia 29, do professor e escritor Joaryvar Macêdo, uma das principais figuras da elite cultural cearense dos nossos dias. Desaparece aos 53 anos de idade, após algumas semanas de internamento em hospital. Seu sepultamento realizou-se anteontem, em sua terra natal, Lavras da Mangabeira. Em Fortaleza o corpo foi velado em câmara ardente na sede da Reitoria da Universidade Federal do Ceará, presentes às últimas homenagens os seus colegas da universidade e os confrades da Academia Cearense de Letras, tendo discursado, com palavras de elogio e saudade, o reitor emérito da UFCE, professor Antônio Martins Filho, e o presidente da Academia, professor Cláudio Martins.

Joaryvar Macedo era o apelido literário de Joaquim Lobo de Macedo; era licenciado em Letras pela Faculdade de Filosofia e Letras do Crato e possuidor, entre outros títulos, do mestrado em Metodologia do Ensino Superior, curso feito na Universidade Católica de Salvador. Ensaísta e historiador,

foi dos mais fecundos escritores cearenses de sua geração, tendo publicado seis livros nos últimos quatro anos, o mais recente deles, editado em 1990, que leva o título de *Império do Bacamarte*. Entre os cargos exercidos, desempenhou os de secretário de Cultura e Desportos do Estado do Ceará e o de presidente do Conselho Estadual de Cultura.

FALECIMENTO DO HISTORIADOR CEARENSE

Tribuna da Bahia, 9-2-91

O escritor e historiador cearense, Joaryvar Macêdo, que recentemente lançou *O Império do Bacamarte*, um minucioso estudo sobre o banditismo rural, morreu aos 53 anos, no último dia 29 de janeiro, em Fortaleza. O sepultamento deu-se em Lavras da Mangabeira, sua terra natal.

Joaquim Lobo de Macêdo (Joaryvar Macêdo), nasceu no sítio Calabaço, em 20 de janeiro de 1937, filho de Antônio Lobo de Macêdo, político influente naquele município e de Maria Torquato Gonçalves Macêdo. Foi aluno do Seminário Diocesano do Crato e Seminário Arquidiocesano de Fortaleza, cursando inclusive Teologia nos seminários arqui episcopais de Olinda, Recife e João Pessoa. Em 1965 ingressou na Faculdade de Filosofia do Crato. Fez também o curso de pós-graduação em Metodologia do Ensino Superior pela Universidade Católica de Salvador. Era professor da Universidade do Ceará.

JOARYVAR MACEDO: A ESCOLA E O HISTORIADOR

O Povo, 8-3-91

Com uma produção ensaística firmada em poderosa messe documental, Irineu Pinheiro e padre Antônio Gomes instituíam a moderna escola de historiadores do Cariri. A revista *A Província*, editada em 1953-1955, teve participação acentuada nessa tomada de rumos, abrindo largo espaço para as matérias sobre a formação política, econômica e social da região caririense. A revista *Itaytera*, criada a seguir, encampava essa linha editorial, jamais negando aos intelectuais da terra esse meio de expor as suas idéias e divulgar as suas pesquisas.

Foi-se Irineu Pinheiro, deixando um legado precioso, inclusive os originais das *Efemérides do Cariri*, anos mais tarde convertidas em livro, sob os auspícios do então magnífico reitor da UFC, prof. Antônio Martins Filho. Mas, não obstante a chorada perda, as investigações históricas sobre a terra e a gente do grande vale sul-cearense não perderam o embalo e, tendo à frente o padre Antônio Gomes e J. de Figueiredo Filho, a grei era ampliada e fortalecida pela acuidade perquiritiva e a capacidade elucidativa de Celso Gomes de Matos, Otacílio Anselmo e José de Figueiredo Brito. Graças a esse trabalho coeso e metódico, a zona do Cariri tornar-se-ia a mais bem-estudada das frações geográficas do interior do Ceará.

Filho de Lavras da Mangabeira, e descendente de tradicionais e ilustres famílias do Cariri, de volta de outras plagas do Nordeste Joaryvar Macedo instalava residência em Crato e depois em Juazeiro do Norte, transferindo-se definitivamente para Fortaleza. Revelando uma excepcional tendência para a pesquisa histórica, sua atuação nessa área logo se mostrou tão ampla e profunda, que se passou a ver na projeção do seu trabalho um desdobramento da escola instaurada por Irineu Pinheiro e padre Antônio Gomes, fixando-se nesse último a sua linha de ação.

Fruto dessa predestinação historiográfica em 1971 Joaryvar Macedo surgia com *Os Augustos*, seguindo-se *Um Bravo Caririense*, em 1974, e *O Poeta Lobo Manso*, em 1975. Um ano depois, doava-nos um monumento no ramo da genealogia, ao lançar *A Estirpe da Santa Teresa* (um volume de 1.223 páginas). Voltando-se para a literatura cantadotesca, escreveu *Pedro Bandeira: Príncipe dos Poetas Populares* (1976), dando curso à sua brilhante trajetória com a publicação de *Fagundes Varela e Outros Rabiscos* (1978), *Influência de Portugal na Formação Étnica e Social do Cariri* (também em 1978) e *O Contingente Paraibano na Colonização do Cariri* (1980).

Detentor de uma fecundidade mental incrível, em 1981 Joaryvar Macedo lançava *Autores Caririenses, Alencar Peixoto, um Clássico e Pernambuco nas Origens do Cariri*; em 1984, *O Talento Poético de Alencar e Outros Estudos, e São Vicente das Lavras*; em 1985, *Um Vernaculista e um Poeta e mais Povoamento e Povoadores do Cariri Cearense*. A essa produção ininterrupta e diversificada acrescentar-se-iam: *Temas Históricos Regionais* (1986), *Ocorrências e Personagens* (1987) e *Antônio Lobo de Macedo, O Homem e o Poeta* (1988).

Para coroamento dessa fortuna bibliográfica, em 1990 Joaryvar Macedo publicava o *Império do Bacamarte — Uma abordagem sobre o coronelismo no cariri cearense* (Coleção Alagadiço Novo — UFC/Casa de José de Alencar). E, com essa obra, estabeleceria um novo marco na historiografia política do nosso estado, oferecendo aos cientistas dessa área e aos estudiosos dessa temática sociológica o mais completo ensaio do gênero até hoje escrito no Nordeste brasileiro.

Na verdade, todas as iniciativas anteriores se restringiram a uma fatalidade dispersa desse universo político e sociológico. Sentia-se faltar em cada autor o conhecimento totalizante da geografia e de sua humanidade. E foram justamente esses requisitos essenciais que fizeram do *Império do Bacamarte* a obra mais completa na especialidade. Além de fortíssimo aparato bibliográfico, Joaryvar Macedo detinha o conhecimento de toda essa realidade política, quase nada escapando à sua amplíssima visão historiográfica. E assim, o mandonismo, com base no trabuco e na capangagem subserviente, era fidedignamente retratado nas vigorosas páginas desse livro.

Por tudo isso, a moderna escola de historiadores do Cariri acaba de ser bruscamente golpeada. Foram-se Irineu Pinheiro, J. de Figueiredo Filho,

Celso Gomes de Matos, Otacílio Anselmo, José de Figueiredo Brito, e agora, Joaryvar Macedo. Mas, conforta saber que essa perda foi tão-somente material. Os estudos que escreveram para *A Província, Itaytera* e o Boletim do Instituto Cultural do Vale Caririense, bem como a produção ensaística que diligentemente converteram em livros, haverão de assegurar a esses longínquos discípulos de Heródoto uma perpetuidade tão viva que, compulsando seu legado bibliográfico, será como estar ouvindo o discurso de cada um em torno do processo civilizatório da região sul-cearense e sua evolução política, econômica e sócio-cultural.

F. S. Nascimento

ADEUS A JOARYVAR

A cultura cearense perde um dos grandes nomes

Aleixo Leite Filho*

Jornal do Commercio, Recife, 27-2-91

A semana passada recebi a notícia do falecimento do escritor e professor universitário cearense Joaryvar Macedo, ex-secretário de cultura e desportos no governo de Gonzaga Mota no Estado de Ceará. Quando ainda residia na região de seu nascimento, no Cariri cearense, notabilizou-se como dos mais autênticos pesquisadores da história daquela comunidade, fundando o "Instituto Cultural do Vale Caririense", do qual tornou-se presidente de honra. O maior acervo de sua obra literária é prova evidente do que aqui se expõe, no espaço compreendido entre 1971 a 1990: *Os Augustos, Um Bravo Caririense, O Poeta Lobo Manso, A Estirpe de Santa Teresa, Pedro Bandeira, Príncipe dos Poetas Populares, Fagundes Varela e outros rabiscos, Influência de Portugal na Formação Étnica e Social do Cariri, O Contingente Paraibano na Colonização do Cariri, Autores Caririenses, Alencar Peixoto, um Clássico, Pernambuco nas Origens do Cariri, O Talento Poético de Alencar e outros estudos, São Vicente das Lavras, Um Vernaculista e um Poeta, Povoamento e Povoadores do Cariri Cearense, Temas Históricas, Ocorrências e Personagens, Antonio Lobo de Macedo, o Homem e o Poeta e Império do Bacamarte.*

Mudando-se para Fortaleza, Joaryvar exerceu as funções de professor universitário e ingressou na Academia Cearense de Letras e no Instituto Histórico do Ceará. Era casado com a prof^a Rosalba Macedo.

Meu relacionamento literário com o escritor extinto, foi sempre exercido através de trocas de publicações e cartas. Em 1989, participando do congresso da "Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência" realizado na Universidade Federal do Ceará, tive a oportunidade de conhecer Joaryvar, fazendo-lhe uma visita. Fui muito bem recebido e, saboreando um vinho de primeira qualidade, conversamos até tarde da noite. Nascido em 1937 contava, naquela

época, cinqüenta e dois anos e gozava de boa saúde, não demonstrando que fosse falecer relativamente moço.

Possuía formação de seminário secular, pelo tempo em que se aprendia alguma coisa. Era filho de um dos luminares da poesia popular nordestina, o poeta-glosador Lobo Manso (Antonio Lobo de Macedo).

Seu falecimento se verificou no dia 29 de janeiro passado, deixando, além da saudade imorredoura em seus familiares, uma considerável lacuna nas letras cearenses.

Aleixo Leite Filho é jornalista e professor.

MORREU O FUNDADOR DO ICVC

Raimundo Aragão

Os círculos sócio-culturais do Ceará, do Cariri, notadamente de Juazeiro do Norte, lamentam, com pesar, a morte prematura do prof. Joaryvar Macedo, ocorrida no último dia 29 de janeiro próximo passado, na Casa de Saúde São Raimundo, em Fortaleza, onde residia desde 1983.

O nome batismal de Joaryvar era Joaquim Lôbo de Macêdo, mas ficou conhecido em todas as camadas sociais, por "Joaryvar Macêdo", que era o seu nome literário. Nasceu em Lavras da Mangabeira — CE, aos 20 de maio de 1937, e era filho legítimo de Antônio Lôbo de Macêdo e Maria Torquato de Macêdo. As primeiras letras e o Curso Primário, estudou com suas conterrâneas na terra que lhe serviu de berço. Posteriormente fez o Curso Ginásial no Seminário Diocesano de Crato e no Seminário Arquidiocesano de Fortaleza, e os cursos de Filosofia e Teologia, (até o 2º ano), nos seminários arquiépiscopais de Olinda, de Recife e de João Pessoa, na Paraíba. Fez, outrossim, Curso de Pós-Graduação em Metodologia do Ensino Superior, pela Universidade Católica de Salvador — Bahia.

Em 1965 licenciou-se em Letras, pela Faculdade de Filosofia do Crato, colando grau aos 7 de dezembro de 1968, tendo sido o orador oficial de sua turma. Em razão de seus vastos e sólidos conhecimentos, ingressou no magistério superior, projetando-se como mestre de notável saber, identificando-se, sobretudo, com a problemática regional, mercê de um devotamento todo especial que tinha aos estudos de formação étnica, histórica e cultural da região caririense.

A Câmara Municipal de Juazeiro do Norte, numa decisão unânime de seus licurgos, conferiu-lhe no dia 11 de agosto de 1977, o honorífico título de "Cidadão Juazeirense", outorgado pela Resolução nº 83, sendo autor do projeto de lei, o Vereador Raimundo Cabral Sales, atual Presidente do Poder Legislativo. Digna e oportuna, diga-se de passagem, a homenagem que lhe prestou a Egrégia Casa Legislativa, da terra do Padre Cícero.

Como fundador e presidente que foi do Instituto Cultural do Vale Cariense, Joaryvar Macêdo realizou um trabalho fecundo no âmbito da nossa entidade, revelando, destarte, amor à causa, muito boa vontade, capacidade de trabalho e talento, qualidades inerentes à sua formação de homem dinâmico, empreendedor e, acima de tudo, idealista.

Joaryvar Macêdo pertenceu a inúmeras associações culturais, não só do Cariri, do Ceará, do Piauí, da Paraíba, de Minas Gerais, do Rio Grande do Sul, de São Paulo, inclusive da Argentina.

No que tange a condecorações culturais, ele foi detentor de uma expressiva gama de comendas, medalhas, diplomas e troféus. Senão vejamos: Comenda da Cruz de João Ramalho, Medalha Cultural Silva Leme, Medalha de Ouro do Mérito Acadêmico, Medalha de Ouro da IHGU, Diploma do Ano de 1971 da Cajunior, Diploma de Cavalheiro Benemérito da Ordem da Literatura de Cordel, Diploma de Gratidão da FFC, Diploma e Troféus do I Prêmio de História (IHGU), Diploma e Troféu do 1º Ensaio (ALU) e Medalha de Distinção Cultural da I Sulam.

Na qualidade de profissional liberal, Joaryvar exerceu o magistério como professor de Português, na Faculdade de Filosofia e no Colégio Estadual Wilson Gonçalves, em Crato; no Colégio Salesiano São João Bosco e no Ginásio Municipal Antônio Xavier de Oliveira, em Juazeiro do Norte.

Na antiga Faculdade de Filosofia do Crato teve a honra de ser seu aluno no Curso de Letras, (1982), e a disciplina que ele ministrava era o Latim.

Joaryvar foi, também, professor dos seguintes estabelecimentos de ensino: Seminário Diocesano de Cajazeiras — PB, Colégio Padre Félix do Recife-PE, Colégio Agrícola e Escola Normal, em Lavras da Mangabeira — CE, Colégio Diocesano, Seminário Diocesano e Escola Técnica de Comércio de Crato — CE e do Colégio Menezes Pimentel de Juazeiro do Norte. Deste, foi também vice-diretor.

Foi assessor especial do presidente do Conselho de Educação e Desporto, no Governo Gonzaga Mota, e em 19 de agosto de 1983 foi eleito para a Academia Cearense de Letras, cuja Cadeira é a de nº 4, que tem como patrono o famoso romancista cearense, Antônio Bezerra de Menezes. Integrou, também, os quadros da Reitoria da Universidade Federal do Ceará, a Academia Cearense de Retórica e o Instituto do Ceará.

Além de farta produção esparsa em jornais e revistas do Ceará e de outros estados, Joaryvar Macêdo publicou 34 obras literárias, entre as quais, *Caderno de Loucuras* (1965), *Rolins, Cartaxos e Afins* (1965), *Discursos de Orador Oficial da Turma de 1968* (1968), *Lôbo de Macêdo ou Macêdo Lôbo* (1968), *D. Marica e a Questão de 8, em Aurora*, (1970), *Os Augustos* (1971), *Patrimônios e Capelas* (1971), *Otacílio Macêdo* (1971), *Um Bravo Cariense* (1974), *O Poeta Lôbo Manso* (1975), *Templos, Engenhos, Fazendas, Sítios e Lugares* (1975), *Pedro Bandeira, Príncipe dos Poetas Populares* (1976), *A Estirpe de Santa Tereza* (1976), *Origens de Juazeiro do Norte* (1977), *Influên-*

cia de Portugal na Formação Étnica e Social do Cariri (1978), Fagundes Varela e Outros Rabiscos (1978), Presença Inconscusa de Norte-rio-grandense na Colonização do Cariri (1979), Composições Poéticas de Hermes Carleial (1979), O Contingente Paraibano na Colonização do Cariri (1980), Autores Caririenses (1981), Alencar Peixoto, Um Clássico (1981), Pernambuco nas Origens do Cariri (1981), Lavras da Mangabeira, dos Primórdios, a Vila (1981), Orações Acadêmicas, em co-autoria com Mozart Soriano Aderaldo (1983), O Talento Poético de Alencar e Outros Estudos (1984), São Vicente das Lavras (1984), Povoamento e Povoadores do Cariri (1985), Um Vernaculista e um Poeta (1985), Discursos Acadêmicos, em co-autoria com Vinícius Barros Legal (1986), Temas Históricos Regionais (1986), Ocorrências e Personagens (1987), e O Instituto e a Obra Cultural do General Teles Pinheiro (1988). Antônio Lôbo de Macedo, o Homem e o Poeta foi lançado em 29 de julho de 1988, na terra natal do ilustre morto, por ocasião do centenário de nascimento do seu genitor, Antônio Lôbo de Macedo.

As comemorações constaram de uma Sessão Solene na Câmara Municipal, missa em ação de graças, visita ao sítio Calabaça (local onde nasceu o nosso Joaryvar) e, por último, foi oferecido um almoço festivo num recanto bastante agradável da terra dos Augustos.

À programação comemorativa compareceu uma delegação do Instituto Cultural do Vale Caririense, constituída pelos consórcios Daniel Walker Almeida, Renato Casimiro, Raimundo Araújo, Erasmo Mendonça, Francisca Teles e Nair Silva, bem como da professora e escritora Luitgarde Barros.

Finalmente, em 11 de julho de 1990, Joaryvar Macedo lançou, no auditório da Câmara Municipal de Juazeiro do Norte, seu último livro, intitulado *Império do Bacamarte*, sendo o apresentador da obra o Dr. Napoleão Tavares Neves, seu grande amigo e membro dos mais conspícuos do Instituto Cultural do Vale Caririense.

Quando do seu (dele) sepultamento, (em Lavras), de Juazeiro do Norte, uma comissão composta de membros do Instituto Cultural do Vale Caririense, nas pessoas dos escritores Daniel Walker Almeida, Raimundo Araújo, Generosa Alencar, Francisca Teles, e ainda o Vereador Aguinaldo Carlos de Souza, prof. Luís Gonzaga, prof.^a Nair Silva, bem como o Ex.^{mo} Sr. Prefeito de Juazeiro do Norte, Carlos Alberto da Cruz e a primeira dama do município, a Ex.^{ma} Sr.^a Maria do Socorro de Figueiredo Cruz, lá esteve, para dar o último adeus ao preclaro extinto.

O desaparecimento do ínclito lavrense, consternou, sobremodo, os meios intelectuais, dos quais era ele, indubitavelmente, vulto excepcional.

Em nome do Instituto Cultural do Vale Caririense, exalto-lhe os méritos e rendo-lhe minha homenagem de admiração e saudade.

Com a devida vênias dos leitores de Itaytera, eu gostaria de concluir este necrológio, com esta invocação: "Para que o fundador e benfeitor maior do Instituto Cultural do Vale Caririense, o nosso sempiterno amigo, Joaryvar Macêdo, tenha absoluta certeza de que seus confrades de Juazeiro do Norte,

jamais deixarão de suplicar ao Divino Mestre a paz de sua alma no Plano Espiritual.

“Nós vos pedimos, Senhor!”

“Senhor, atendei nossa prece! — responderão os familiares e amigos do grande e inesquecível escritor Joaryvar Macêdo.”

(Raimundo Araújo é do Instituto Cultural do Vale Caririense, de Juazeiro do Norte. 1º de março de 1991.)

JOARYVAR MACEDO

Jornal Informativo da Casa do Ceará em Brasília — fev. 91

Faleceu, em 21 de janeiro, o escritor e jornalista Joaryvar Macedo (Joaquim Lôbo de Macedo) que foi sepultado na cidade de Lavras da Mangabeira, onde nasceu em 20 de maio de 1937.

Era membro da Academia Cearense de Letras e do Instituto Histórico do Ceará. Possuía vários títulos de graduação superior conferidos pelo Seminário Arquiepiscopal de Olinda, Faculdade de Filosofia do Crato e Faculdade Católica de Salvador.

Foi secretário de Cultura no Governo Gonzaga Mota.

Deixa publicados 18 livros, sendo o último, *Império do Bacamarte*, editado há três meses.

Assíduo colaborador da Casa do Ceará, figurou na seção “Antologia”, de “Ceará em Brasília”, nº 64.

O clima no Cariri antes da República

Joaryvar Macedo

Sempre foi de notória agitação o clima no sul cearense. No Cariri, região que, de certa forma, lhe corresponde, desde seus primórdios, registraram-se disputas e conflitos, a partir mesmo do período da posse da terra, na época sesmarial.

Os melhores historiadores e cronistas do Ceará antigo, entre eles, João Brígido, Antônio Bezerra, Pedro Théberge e o Barão de Studart deram fartas notícias das incursões, combates e massacres nos sertões caririenses, ao decorrer do século XVIII, o dia da colonização da área.

A velha ribeira do Salgado, caminho dos povoadores que desciam e subiam o vale do Cariri, transformou-se em palco de não poucas violências. A toponímia de suas margens, em sítios ou fazendas, preservou o testemunho irrecusável dos episódios sangrentos. Batalha, pendência, matança, juiz, tropas, emboscadas... são denominações que permanecem qual lembrança duradoura das pugnas e morticínios ao sul do Ceará, no período da sua colonização.

Muito mais conturbado, todavia, surgiu o século XIX. E quem leu a crônica daquele retalho do Ceará, sabe que, sobremaneira tumultuada, mas também marcada de lances heróicos foi aquela quadra da vida caririense.

No território cearense, as lutas e revoluções libertárias e independentistas de 1817 a 1824 partiram do extremo sul. Uma efêmera república deveu-se aos Alencares, tendo à frente a figura de dona Bárbara Pereira de Alencar, cujo filho José Martiniano a proclamou, no Crato e em Jardim. Outro filho da heroína, Tristão Gonçalves, distinguiu-se como líder principal da malograda República do Equador.

O Cariri, berço da liberdade em terras cearenses, influenciou, decisivamente, nos destinos não apenas do Ceará. Dali partiu o bravo José Pereira Filgueiras, rumo à Capital, solidificando-se nossa independência. Posteriormente, a marcha guerreira e os feitos heróicos de sua expedição conquistaram a emancipação do Maranhão e a consolidação da independência no Piauí.

Por outro lado, grande agitação reinou na região, dos fins de 1831 ao decorrer de 1832, quando se desenrolava a guerra civil absolutista, chefiada por Joaquim Pinto Madeira e mentoreada pelo vigário de Jardim, cônego Antônio Manuel de Sousa.

RAIMUNDO DE OLIVEIRA BORGES

Síntese autobiográfica

Aos meus filhos.

Batuque da Loanda, tardinha do domingo, 2 de setembro de 1990

Às vezes fico imóvel, absorto, contemplativo, pervagando o olhar ansioso pelas paisagens, pelas serranias, pelos céus, pelas nuvens brancas que deslizam, como num bailado, pelo palco azul do firmamento, e me interrogo, curioso:

Como foi aquele momento em que, ferido pelo primeiro jato de luz, chorei, entrando no mundo com medo, como que adivinhando o que ele seria, o que ele é?

Depois daquele grito, o primeiro impulso foi o de procurar nutrir-me, matar a fome, que é o móvel de toda a inquietação humana. Como que sonhava, instintivamente, com o seio túmido de minha mãe, que a sábia natureza prepara em todas elas com antecipação, ou na fase preparatória da maternidade, como a fonte primária da subsistência. E saciei-me.

E fui vivendo entre o ar perfumado da alfazema queimada e a ternura dos braços macios da maravilhosa autora dos meus dias.

Batizaram-me. Raimundo para toda vida. No curso desta vieram os acréscimos: pastoreador de vaca, varredor da casa comercial de meu pai, estudante, acadêmico, farmacêutico, bacharel, promotor de justiça, advogado, defensor

público, professor, diretor de faculdades, mas, na essência, o que vale mesmo é Raimundo, que o afeto familiar amaciou em Mundinho.

Quem sugeriu este nome? Creio que foi Mãe-Zefa, a assistente, ou parteira, a humilde e bondosa velhinha que adorei, que nunca esqueci e que me chamava também meu filho. Creio que foi ela, que não confiando muito na sua habilidade, se valia na hora difícil de São Raimundo, para que o parto fosse feliz, prometendo dar ao recém-nascido o nome do glorioso santo das parturientes.

Fui menino, naturalmente. Traquino, vadio, *impossível*, como todo menino sadio.

Cavalo-de-pau, cavalo de verdade, banhos de açude, escola, bolos de palmatória, namoricos atrevidos com as que os meninos de hoje chamam *gatinhas* — primícias dos avanços maiores da mocidade que se aproximava irrequieta.

O tempo passa depressa.

Já dizia o poeta: “A existência é rápida e falaz. Os desenganos vão conosco à frente e as esperanças vão ficando atrás”.

O colégio, a academia, os fracassos iniciais, a luta sem tréguas pela conquista do ideal sonhado, crenças e descrenças, a vida cão, o casamento, enfim, trazendo um pouco de estabilidade, a sublimação dos sonhos de moço, a formatura depois de obstáculos quase intransponíveis, a vitória, afinal, ou aquilo que se chama vitória, mas não é, senão, a conformidade das alegrias com os sofrimentos, a paz em Deus pela consecução enfim de um lugar ao sol.

Manoel Bandeira advertiu, em “Minha Adolescência”, que “Ninguém desanime por grande que seja a pedra no caminho”.

Eu tive muitas pedras no meu caminho. Sobretudo aquela enorme da enfermidade que me roubou quatro anos e que foi uma dura parada na minha, inicialmente, penosa caminhada.

E agora estou aqui no Batuque, ao sopé da imensa e encantadora Chapada do Araripe, a paisagem maravilhosa em frente, a serra de São Pedro, onde nasci, azulando no horizonte, a torre branca da Matriz apontando para o alto, paisagem que eu vejo desde criança, mas que no momento me enleva, me transporta nas asas da saudade num recuo doce-amargo do tempo, reconstituindo na serenidade dos meus olhos tristes e nos suspiros da minh'alma resignada, as idades, os planos, as esperanças, as ilusões desta vida que atinge, enriquecida pela velha companheira, pelos filhos, pelos netos e bisnetos, o pináculo dos 83 anos.

E esperando — já que a esperança é a última que morre — prosseguir, embora com os passos meio trôpegos, naquela senda que Deus me abriu naquele dois de julho de 1907 e mandou que eu a percorresse, sem dizer até quando.

Esta a sucinta autobiografia de um homem satisfeito consigo mesmo.

Raimundo de Oliveira Borges

TRANSMITINDO A PRESIDÊNCIA DA ACC

José Humberto de Mendonça

Minhas Senhoras, meus Senhores.

Esta Casa tem história, feita de homens e de lutas.

Sua tradição, construída pelo desprendimento de pioneiros do associativismo empresarial em nossa região, motiva honra e responsabilidades aos que se investem em sua presidência.

Foi com esses sentimentos — de responsabilidade e de honra — que, há dez anos, assumimos a direção da Associação Comercial do Crato, a qual deixamos, hoje, com a sensação, não menos gratificante, de que não os desmerecemos, e com a certeza, igualmente confortadora, de que a transmitimos a um companheiro que, por suas qualidades, saberá engrandecê-la como a engrandeceram Alexandre Arrais, Antônio Fernandes Teles, José Horácio Pequeno, Thomaz Osterne de Alencar e Luiz Barreto de Moraes, que nos antecederam e nos iluminaram o caminho com seus exemplos.

Quando buscamos o nome de Antônio Primo para suceder-nos na presidência desta entidade, foi nos seus méritos que nos inspiramos, deixando de lado, mesmo porque a glória da nossa associação se faz também pelo seu alheamento à política partidária, tê-lo tido como adversário em pleito recente pela prefeitura de nossa cidade.

Primo assume o comando em clima diverso daquele em que o recebemos para o nosso primeiro mandato, obtido em confronto com tendências que se nos opunham e que conseguimos com o estímulo do espírito de comunhão inerente a esta Casa, conciliar e pacificar para o seu bem e o bem de toda a sociedade cratense.

Afinal, na união altruística em torno de idéias e de interesses comuns é que encontramos as melhores lições da Associação Comercial do Crato. São exemplos que bem poderiam emanar de segmentos com maiores e mais específicas obrigações sociais, como o político, que atua, infelizmente, de modo inverso, deixando predominar em suas ações o fisiologismo egoísta que leva os que a exercem, muitas vezes, e com as exceções que fazem a regra, a apeter-se na expectativa do fracasso dos que o sucedem nos cargos.

Não só desejamos a Antônio Primo que sua gestão seja marcada por grandes realizações, como nos colocamos à sua disposição para ajudá-lo no que estiver ao nosso alcance e a ele parecer necessário ou útil à consecução de suas metas.

Minhas Senhoras, meus Senhores.

Nos dez anos em que estivemos à frente desta associação, bem o sabemos, não fizemos tudo o que de seu prestígio e de nós se poderia esperar. Anima-nos, no entanto, a consciência de que fizemos tudo o que nos foi possível fazer, dentro dos limites da nossa capacidade e das barreiras de adversidades que

as crises climáticas regionais, as crises econômicas nacionais e, principalmente, as crises morais que amesquinham as relações humanas neste final de século e de milênio, erguem contra os projetos que perseguem o ideal comunitário e não o real individualista.

Dizia Marx que, “quanto mais o mundo das coisas aumenta de valor, tanto mais o mundo dos homens se desvaloriza”.

Não é esta desvalorização, absurda e terrível em suas conseqüências, o que vemos no Nordeste, cuja pobreza, longe de ter regredido, cresceu sob a pressão polarizadora do Centro-Sul e o estímulo perverso de políticas governamentais que nivelam no sacrifício as regiões robustas e as anêmicas, impondo a mesma dieta ao sadio e ao enfermo?

A concentração regional de riquezas é geradora de desigualdades sociais. Ela explica as conclusões deprimentes de pesquisa ainda recente, patrocinada pela ONU, segundo as quais a expectativa de vida do brasileiro do Nordeste está na média dos 49 anos, 49% da população da região se constitui de analfabetos, e 70% de suas famílias sobrevivem com renda inferior a dois salários mínimos.

A inconformidade com essa situação pode ser tida como marca registrada da nossa gestão à frente desta entidade. Profligamos o colonialismo regional, fomos reiterativos, em todas as nossas freqüentes participações em congressos, seminários e encontros de caráter regional e nacional, bem como nas entrevistas e notícias de que fomos objeto na grande imprensa do país e na valorosa imprensa do Ceará e do Cariri, fomos reiterativos, repetimos, na defesa de um tratamento diferenciado para o Nordeste, de modo particular para nosso estado, e, dentro dele, para o nosso Cariri e o nosso Crato.

É verdade que, nessa luta, aparecemos menos do que as grandes entidades das metrópoles da região. Não é menos verdadeiro, entretanto, que, do que dela resultou até aqui, está um pouco do nosso esforço, um pouco do nosso trabalho, um pouco da nossa participação. Nada, afinal, se obtém isoladamente, sem compor a unidade que faz a força e que, a persistir e a avolumar-se, como desejamos, há de quebrar essa corrente de injustiças que avilta a Nação pelo espetáculo de uma geoeconomia fracionada entre o Brasil rico e o Brasil miserável, gerando ressentimentos que vulneram o princípio da interação nacional.

Minhas Senhoras, meus Senhores.

Empresário de um setor que não sofreu na carne e no osso esse tratamento distorcido, pois não foi resultado senão de distorções de tratamento o que ocorreu com o algodão nordestino, dou-lhes testemunho vivo e sofrido dessa iniquidade.

Desde 1976 — e lá se vão 14 anos —, enfrentamos a proibição da exportação do nosso produto, que por muitos anos liderou a pauta do nosso comércio com o exterior, confrontamos cinco dramáticos anos de seca, e, finalmente, tivemos os nossos algodoads dizimados pelo bicudo.

Toda essa seqüência de adversões nos fez um administrador de crises. E um administrador de crises bem sucedido, o que julgamos atestado pelo fato de não termos, em nenhuma delas, imposto sacrifícios a nossos fornecedores e amigos, os produtores, nossos matutos que aprendemos a respeitar e admirar. Muito menos lesamos avalistas, dos quais, aliás, sempre procuramos prescindir em nossos negócios.

Obstinado na preservação da tradição de honestidade e honradez da empresa de meu sogro luminar, persisti sempre, também, na preservação de meu nome, envaidecendo-me de poder andar de cabeça erguida e fitar, com segurança e consciência de que exemplifico, minha mulher e meus filhos, esteios de minhas pelezas e fontes de minhas esperanças.

Sem sermos epicuristas, como sem sermos marxistas citamos Marx, vemos a verdade em Epicuro quando ensina que “não são os bens que nos enriquecem, mas aquilo do que podemos privar-nos com dignidade”.

Minhas Senhoras, meus Senhores.

Já disse que o melhor de um discurso é o “tenho dito”. Gostaríamos de usar agora esse fecho retórico, poupando-os de um alongamento que, entretanto, o momento, por ser também de prestação de contas, nos impõe.

Não podemos fugir à praxe da menção ao que realizamos, nesses dez anos em que estivemos à frente da Associação Comercial do Crato, o que faremos resumidamente, ressaltando e agradecendo o apoio, sem o qual nada teríamos feito, dos companheiros de diretorias nos cinco mandatos que aqui exercemos.

Dentre outros trabalhos e conquistas, citamos:

1. Implantação do Banco do Nordeste do Brasil no Crato, inclusive a construção da sua sede própria.
2. Execução final, conclusão e inauguração do açude do Inxu, que, por sugestão sua, recebeu o nome de açude Thomaz Osterne de Alencar.
3. Execução de trechos rodoviários asfaltados Exu—Crato (Governo de Pernambuco) e Crato—Exu (Governo do Ceará).
4. Instalação, no Crato, de Escritório da Junta Comercial.
5. Instalação do Escritório do NUTEC — Núcleo de Tecnologia do Ceará.
6. Instalação, no Crato, da Companhia de Polícia Militar.
7. Retorno, ao Crato, de escritório regional do DNOCS.
8. Vinda do Ministro Mário Andreazza, para inaugurar o açude Thomaz Osterne.
9. Reunião do Conselho Deliberativo da Sudene, em Crato, em 1982, projetando nacionalmente a cidade.
10. Luta pela reabertura da LBA no Crato.
11. Campanha para impedir a retirada ou fechamento da agência da Receita Federal.
12. Luta, igualmente, para não saírem do Crato o Senai e o escritório da Verdes Mares e *Diário do Nordeste*.

13. Luta em defesa da Chapada do Araripe e seu reflorestamento.
14. Vinda de um engenheiro do DNOS para estudo *in loco* dos projetos de defesa e proteção do morro do Seminário e transposição das águas do açude do Inxu para abastecer a cidade.
15. Reconstrução e melhorias do prédio do Banco do Brasil.
16. Construção do prédio do Banco do Nordeste do Brasil.
17. Reconstrução total do Palácio do Comércio, destruído por incêndio.
18. Luta permanente em defesa do empresariado local, inclusive contra os arrochos fiscais. Defesa intransigente dos pecuaristas e agricultores, com a constante solicitação de medidas em seu favor.
19. Busca permanente de créditos para o comércio e indústria, de linhas especiais de operação.
20. Posicionamento contra a desativação dos trens da RFFSA em nosso meio.
21. Luta pela conclusão do canal do Rio Grangeiro.
22. Campanha para pavimentação do trecho entre Mauriti—Conceição, ligando o sul cearense com a Paraíba.
23. Campanha para duplicação do trecho entre o triângulo de Juazeiro (Crajuubar) e a Unha do Gato, na BR-116.
24. Luta para conseguir o asfaltamento Jati a Belmonte, para encurtar em 80 quilômetros nossa rota atual para o Recife.
25. Luta para restauração das rodovias Perimetral Sul e Crato—Iguatu e para asfaltamento entre Juazeiro do Norte e Lavras, via Caririçu.
26. Campanha de conscientização e mobilização em favor da construção do hotel municipal do Crato.

Não posso concluir sem agradecer, ainda, além do apoio já referido dos meus companheiros diretores e do incentivo já enfatizado de minha família, a colaboração e as atenções das autoridades, da imprensa e, de modo muito especial, dos empresários cratenses.

Finalmente, tenho dito.

ACC — GESTÃO HUMBERTO MENDONÇA

1. Criamos o símbolo da ACC
2. Criamos a bandeira da ACC
3. Instalamos o sistema de som
4. Instalamos um bebedouro elétrico
5. Instalamos quatro ventiladores
6. Instalamos um aparelho de ar-condicionado em nossa sala de reunião
7. Compramos quatro máquinas de datilografia
8. Compramos dois conjuntos de poltronas

9. Compramos uma geladeira
10. Compramos um quadro de Cristo que se acha na sala de espera
11. Instituímos a medalha do mérito ao Dr. Antonio Fernandes Teles
12. Pela primeira vez, em nossa gestão, colocamos mulher em nossa diretoria, valorizando a mulher cratense e empresária
13. Foi também iniciativa nossa, que resultou na criação do sindicato do comércio, para mais um apoio a nossa classe
14. Juntamo-nos a outros segmentos do Cariri, para que a Varig voltasse a operar no Aeroporto Regional do Cariri, com sucesso.

(Discurso proferido quando da passagem da presidência da Associação Comercial do Crato, pelo Sr. Humberto Mendonça, ao Sr. Antônio Primo de Brito-jan-91)

PEDRO MACHADO FREIRE

Simeão Luna Machado

Desejo fazer, aqui, apenas um resumo da vida de um homem que, a meu ver e, certamente, também sob a ótica de seus contemporâneos, foi um padrão de dignidade, de trabalhador, de chefe de família e das demais virtudes que devem ornar o espírito do ser humano.

Refiro-me a meu pai, PEDRO MACHADO FREIRE.

Creio que, ainda que não se tratasse de meu genitor, eu teria visto nele todas as qualidades ora proclamadas, vistas, sentidas e ainda hoje lembradas, como vi, senti e ainda hoje lembro, com relação a muitos cidadãos de sua época, alguns privando de sua amizade mais íntima, pois amigo era de todos e a todos, ricos ou pobres, dispensava a mesma atenção, o mesmo tratamento e, se necessária, a mesma ajuda. Devo, por um dever de justiça, deixar de declinar nomes, pois nem sequer lembro-me de todos.

Nascido em 1870 (dizia-me que na grande seca de 1877 contava sete anos de idade), nas vizinhanças da hoje cidade de Caririaçu, veio cedo para Barbalha (sítios Saco e Chapada, distrito Cajazeiras, hoje Arajara). Ali casou com Cândida Luna de Alencar, viúva de seu irmão Miguel Machado Freire, de quem ela tivera dois filhos, José e Francisco (Machado e Chicó Machado), estes ainda em tenra idade e que foram considerados e criados como verdadeiros filhos do tio-padrasto e até, com certa justiça, mais acarinhados e apadrinhados. Sempre trataram o padrastrão de "Padrinho".

Do casamento acima referido nasceram mais 17 filhos, sendo que, destes, quatro não chegaram a viver. Um outro, Geraldo, faleceu com seis anos de idade e ainda outro, Zacarias, morreu com 12 anos, vítima de meningite, em 1929.

Assim, restaram 13 (treze) irmãos, sendo dez homens e três mulheres.

Das minhas lembranças, sei que viemos morar em Crato no final dos anos vinte, primeiramente na Praça da Sé. Em seguida, na Rua Senador Pompeu, antiga Rua do Fogo, em frente à Praça Siqueira Campos. Depois nos mudamos para a Travessa da Liberdade (que nome bonito!), hoje Duque de Caxias, na incidência da Rua Tristão Gonçalves (Rua da Vala, na época). Entre 1930/31, por aí assim, meu pai comprou uma casa na Rua da Boa Vista, hoje Nelson Alencar, esquina com a atual Monsenhor Assis Feitosa, casa ainda hoje existente.

Durante aquele período, e posteriormente, Pedro Machado, acostumado ao trabalho no campo, não deixou suas atividades normais. Possuía os sítios no Farias (Saco e Chapada) onde cultivava a cana-de-açúcar (leia-se: rapadura), um pouco de arroz e frutas. Médio criador, possuía terras em Pernambuco, no município de Exu. Era a fazenda Carnaúba, com gado vacum e ovino, além de, ali, praticar a agricultura, com plantações de feijão, milho e arroz.

Tinha também, na serra do Araripe, outras terras onde implementara sua principal atividade como agricultor e produtor de farinha de mandioca.

Posteriormente desfez-se dos sítios em Arajara, passando-os para os dois enteados, os filhos mais velhos, de fato.

Na serra, no logradouro Garganta, como é denominado até hoje, e ainda em poder de familiares, ele tocou uma agricultura à antiga, toda manual, porém de vulto significativo para a época. O “aviamento” era grande, com dois fornos de bom tamanho e uma bolandeira puxada a boi. Tinha grandes plantações de mandioca e “farinhava” durante o ano todo. Ainda sobrava e apodrecia mandioca nas roças. Empregava muita gente e os panelões da cozinha alimentavam todos, trabalhassem ou não. Era proverbial a sua prodigalidade. Havia um bom número de “moradores” e alguns deles chegaram a um relativo progresso, tornando-se donos de terra e de “aviamentos”. É que a todos era permitido fazerem suas roças, suas próprias plantações, livres de qualquer contribuição para o proprietário. Esta era a maneira de ter o pessoal à mão para eventuais empreitadas ou para alguns dias de serviço na semana.

Durante todo aquele tempo Pedro Machado manteve a família em Crato, com os filhos mais novos na escola. Os mais velhos, já emancipados, alguns já casados, tinham suas próprias atividades na cidade ou no campo.

Meu pai demorava-se mais na cidade, fazendo companhia a minha mãe que, católica militante, fazendo parte de muitas associações religiosas, não desejava afastar-se da igreja e dos filhos menores, insistindo em ficar na cidade. Não podia ser diferente. Meu pai, também católico, acompanhava-a aonde podia. Lembro-me dele, com sua opa vermelha de irmão do Santíssimo, nas solenidades da igreja e nas procissões.

Pedro Machado não se limitou à agricultura na Serra. Em Crato, associado com o Sr. José Ferreira de Assis, manteve, na década de 30, um armazém de cereais e de, principalmente, farinha de mandioca, de que era grande produtor. Foi ali que tive meus primeiros tempos de trabalho, “costurando” sacos cheios de farinha e controlando a saída dos mesmos para a estação da RVC, para embarque. É bom lembrar que naquela época a sacaria continha oitenta litros (cerca de sessenta quilos) cada volume, e era levada na cabeça por carregadores (chapeados), do armazém à estação. Algumas vezes, poucas, de carroça. O estabelecimento era localizado na Rua do Fogo (Senador Pompeu), em frente ao antigo Crato Clube.

Em 1937 (6 de abril) minha mãe veio a falecer, depois de longa e dolorosa enfermidade. A esse tempo eu estudava no Seminário São José. Meu pai continuou, por mais algum tempo, no mesmo ritmo de trabalho, embora abalado com a partida extemporânea da esposa dedicada, amada, virtuosa, com quem convivera mais de sete ditosos lustros. Ela contava 56 anos, relativamente nova, ainda. Ele sobreviveu mais 29 anos, honrando sempre o seu nome limpo e a sua viuvez sofrida e solitária.

Embora amasse a nossa Crato como os próprios filhos da terra, passou a viver mais na serra, cultivando mandioca e farinhando, diminuindo, porém, paulatinamente, sua atividade e vindo menos freqüentemente à cidade, onde permanecíamos, os filhos menores, sob os cuidados valiosos de Tila, uma senhora que, tendo sido minha babá, uma segunda mãe, continuou conosco até 1941, quando faleceu. Ela era maravilhosa!

Finalmente, transferimo-nos todos para a serra. Mas a turma se dispersou dentro de pouco tempo, certos, meus irmãos, de que ali não havia campo para seu progresso. Em agosto de 1941, também parti para o Mato Grosso onde já viviam dois de meus irmãos. Pedro Machado aceitou a separação, e até a estimulou, na certeza de que seria para o nosso bem. Ele mesmo já se desencantara do trabalho ali, onde só havia dificuldade, sem perspectiva de mudanças.

Viveu mais alguns anos ali, lutando sempre, hesitando em sair e voltar para a cidade, a despeito de insistência dos filhos. Ainda havia alguns moradores com ele, gente com que conviveu durante muitos anos e, parece-me, não queria deixá-los ao abandono. Ele era assim!

Afinal, exauridas as suas forças e premido pela idade, cerca de noventa anos, deixou-se transferir para Barbalha, passando a residir com a filha mais velha, Dona, já viúva, com assistência do enteado mais novo, Francisco (Chicó Machado). O mais velho, José (Machado), morrera em 1942.

Meu pai, a morte veio alcançá-lo em março de 1966, aos 96 anos, ainda perfeitamente lúcido, já tendo sofrido a perda de alguns filhos e genros. Poderia ter vivido mais algum tempo se tivesse evitado uma queda que lhe fraturou a bacia.

Naquela época eu me encontrava no Egito, na Faixa de Gaza, no Batalhão Suez, a serviço da ONU (UNEF) e sua morte foi uma grande frustração para mim. É que gostava muito de conversar com ele, o "velho", que tinha uma boa conversa, sempre séria, repleta de máximas e provérbios. Conhecia um pouco da História Sagrada, tendo predileção especial pela vida de José do Egito. Falava de Jacob, Sansão e outras personagens bíblicas. Falava, também de alguns faraós e dos admiráveis monumentos antigos; do rio Nilo, ligado à vida de Moisés, o grande legislador. Não deixava a Europa de fora e lembrava Carlos Magno, os doze pares da França, e até Napoleão, etc.

Como gostaria de ter-lhe falado das visitas que fiz àqueles lugares, à terra de José do Egito, ao poço de Jacob e à Terra Santa! Que vi, de perto, as pirâmides, que naveguei pelo rio Nilo; que estive em Alexandria e no Vale dos Reis, em Luxor e na antiqüíssima Tebas; que visitei inúmeros lugares além de Jerusalém, Jericó, Betânia, Belém e outros. Que lavei as mãos no rio Jordão, no lugar onde, segundo a tradição, Jesus foi batizado. Ainda bem que lhe escrevera algumas cartas relatando minhas andanças.

Pedro Machado Freire deixou uma descendência numerosa. Dos 13 filhos que atingiram a maioridade, apenas um não chegou a constituir família. Os demais o fizeram. Alguns tiveram muitos filhos. São:

— JOSÉ (Machado), casado com Alice Ribeiro, ambos falecidos.

Tiveram seis filhos: José, Maria, Miguel, Floscampes, Luiz e Expedito (Machadinho).

— FRANCISCO (Chicó Machado), falecido. Casado com Rosa Luna Cruz (Rosinha).

Tiveram nove filhos: Maria Iolanda, Do Carmo, Alacoque, Mary Stella, Helena, Lourдите, Paulo, Luiz e Jesus.

— MIGUEL, falecido. Casado com Maria Paulina da Cunha.

Tiveram onze filhos: Djalma, Iracema, Hyara, Irani, Ivonete, Irapuã, Irã, Evanir, Ivã, Itamar e Ione.

— ANTÔNIO, casado com Almira Pereira.

Tiveram quatro filhos: Arclébeio, Arnóbio, Antonio Luis e Filomena.

— MARIA (Dona), casada com Antônio Feitosa, ambos falecidos.

Tiveram seis filhos: Maria (falecida), José, Isa, Pedro (falecido), João e Geraldo.

— JOSEFA (Zefinha), casada com Antônio Nogueira Luna, falecido.

Tiveram seis filhos: Romão, Lenira, Genival, Zeneudo, Zeílo e Reginaldo (falecido).

— RAIMUNDO, casado com Lindalva Luna Cruz, falecida.

Tiveram sete filhos: Antônio Leilton, José Leirton, Lefla, Leilá, Leda, Lúcia e Raimundo Leudênio.

— ROSA (Rosinha), casada com Genésio Ulisses de Oliveira, falecido.

Tiveram dez filhos: Deusílio, Deusanir, Deusanira, Deusimar, Deusilá, Deusália, Deusélia, Deusênia, Deuselington e Genésio (falecido).

— JOÃO, casado com Graciosa Carneiro.

Tiveram sete filhos: Francisco, Cândida, Josefa, Francisca, Raimundo, José e Raimunda (Mundinha).

— JOAQUIM (Luna), casado com Maria Heroína Cruz.

Tiveram seis filhos: Walman, Welba, Welbane, Welbaneide, Welbanise e Weldenilde.

— SEBASTIÃO, casado com Maria Pereira de Oliveira (Filinha).

Tiveram dois filhos: Cleide (falecida) e Carlos.

— MANOEL, solteiro, falecido.

— SIMEÃO, casado com Haydée Catônio Tolentino.

Tiveram 2 filhos: Artemis Helena e Artemilda (Mana).

Como se vê, a descendência é, de fato, numerosa: 13 filhos (foram 19) e oito estão vivos. 73 netos, mais de 170 bisnetos e não sei quantos trinets, tetranets, etc. Entre eles, muitos com curso superior: médicos, engenheiros, advogados, odontologistas, oficiais do Exército, químicos e inúmeras profes-

soras, fazendeiros, bancários, comerciantes, funcionários públicos. Dentre os mais novos, inúmeros universitários.

Analisando-se os dados acima, vê-se que Pedro Machado Freire cumpriu bem sua missão e deixou uma progênie muito grande, composta de pessoas de bem, de valor, honestas, trabalhadoras, seguindo o seu exemplo maravilhoso, honrado e reverenciado o seu venerando nome.

Fortaleza, março de 1991 (25 anos de saudosa memória).

PARA TATIANA — (Nos seus 15 anos)

Simeão Luna Machado

Tatiana, oh linda flor morena,
Agora moça, já na mocidade,
Ter-te por perto para mim é festa,
Irradiando luz que, na verdade,
Aanula as trevas da minha idade,
Na condição de que és minha neta,
Aclarear-me na hora mais certa!

Lembranças mil da minha juventude,
Uma a uma desfilam em minha mente,
Nada ocultando, mostram, à plenitude,
Aminha vida. (Que beatitude!)

Dão-me o gosto de ver-me novamente,
Eventual criança, adolescente,

Arrebatado a êxtase profundo,
Logrando ver que a vida neste mundo
Marcha, não pára, marcha simplesmente,
Em passo certo, sempre para frente,
Indo ao filho e ao neto com certeza,
Dentro das normas bem da Natureza,
Alcança a Eternidade... Certamente!

Fortaleza, 22 de junho de 1991

FRANCISCO NETO DE BORGES REIS

DOIS POEMAS

“MEU SONHO”

Se você quisesse
Ser só minha
Minha p'ra valer
Tudo mudaria
Seu olhar seria
Meu amanhecer

E bem devagarinho
Sentir de mansinho
Todo seu calor
Morto em arrepios
De carícias loucas
A falar de amor

Seus lábios tocar
Ver você rolar
Nos desejos meus
Sonhar nesses braços
Feito em pedaços
Nos suspiros seus
E entre sussurros
Perdidos na noite
Molhados de amor

Ouvir seus gemidos
Soprando baixinho:
Vem, meu sonhador

E neste infinito
Mundo de nós dois
Onde impera a dor
Deste meu querer
Eu lhe falaria
Juro que diria
Que eu morreria
De tanto sofrer
Por amar demais
Por esperar demais
Por querer demais
Tudo de você

Mas, isso eu só faria
Se você quisesse
Ser só minha
Minha p'ra valer.

Francisco Neto de Borges Reis

“MINHA AMIZADE”

Por que a descrença?
Por que tanta dor?
Se o sentimento
Tece tanto amor

Por que separar?
Por que destruir?
Se a luz da vida
Nunca vai partir

Por que a tristeza?
Por que o sofrer?
Se podemos juntos
Ver o amanhecer

Por que a ilusão?
Por que a maldade?
Se lhe conhecer
Foi felicidade.

Por que esconder?
Por que enganar?
Não é vergonhoso
Dizer: sei amar

Pois amiga, escute
Tudo vai passar
E um dia juntos
Vamos recordar

Que se foi a luta
Que se foi a dor
Que se foi a vida
Tudo se acabou

Mas, a amizade
Vai permanecer
Ela enfrenta a noite
Sem se esconder
Ela muda o homem
Cria o renascer
Ela é o infinito
Mundo do prazer
Eu, só posso agora
Lhe agradecer
E dizer foi lindo
Conhecer você

Francisco Neto de Borges Reis

(FRAN)

“DOCUMENTANDO-II”

José de Alencar Bezerra

Faleceu em novembro de 1990, em Picos, Tereza Rosado Simões, para os íntimos Tetê. Tetê, como abelha, derramava sempre o seu mel pelas comunidades onde serviu. Em Pio IX, como professora da Escola Singular de Patrocínio, foram inúmeros os benefícios que ela espalhou por toda comunidade. Foi aluna do professor João Clímaco, fez um primário muito bem feito e era membro atuante da melhor sociedade de Pio IX; sua mãe, dona Maroca Rosado Simões, introduziu em Pio IX novos traços culturais. Bordava muito bem, introduziu na culinária a farinha de trigo, confeccionando várias receitas de bolo, confeccionava bombons de mel de abelha que chamávamos queimado. Tetê era sobrinha de dona Carlota Simões, uma figura sem par da estória de Pio IX. Dona Carlota era uma mulher extraordinária, dava remédio aos pobres e assinava jornais e revistas, emprestando-as à juventude. Voltando à escola de Tetê, ela pegava as cartilhas de higiene e com grande vivacidade incutia nos alunos práticas de higiene, como: o banho diário, noções de ginástica etc...

As irmãs de Tetê: Carmina Maria de Lurdes e Corina e o irmão Júlio Simões Filho, colaboravam com ela em tudo.

“AS FILHAS DE DONA MAROCA”

Eram netas do Coronel Joaquim Peixoto Simões, Coronel Quinquinho. O Coronel Quinquinho era em conciliador, foi intendente de Pio IX, mas não havia verba para aplicar no município. As lideranças se formavam assim: homens se afirmavam tornando-se uma personalidade forte e quem os outros obedeciam. As estradas para tropas de burro eram feitas pelos particulares. O crédito agrícola era mantido pelos grandes comerciantes, que comprovam os produtos na folha e ninguém deixava de plantar por falta de crédito agrícola. O pai de Tetê foi o Coronel Júlio Simões, filho do Coronel Quinquinho, uma figura de destaque da sociedade de Pio IX.

Maria do Carmo Rosado Simões foi uma grande colaboradora de Tetê e de Pio IX; possuía bonita voz e foi muito útil ao coro da igreja. Os Rosados são por herança atávica musicais. Tetê, por onde passou, colaborou com as paróquias, pois era uma grande harmonista.

Maria de Lurdes Rosado Simões é um compêndio da história de Pio IX, sabe inúmeras anedotas do folclore local, sempre era relações públicas. Quando morava em Picos tinha grandes atividades sociais, dando assistência ao povo de Pio IX.

Corina Simões era uma rosa do jardim da dona Carlota, vivia entre as flores e gostava de ofertar limões e rosas: rosa-amélia, rosa-laura etc.

Júlio Simões Filho, já nasceu depois da morte do pai, puxou do Coronel Júlio Simões, seu pai, espírito aventureiro de fazer viagens. Fez bons negócios nos garimpos de Goiás, foi um líder do povo de grande valor. Na sua fazenda São Luís, ninguém se sentia injustiçado, os moradores tinham sempre um pedaço de terra para plantar, e em sua companhia prosperavam economicamente. Casou-se com Núbia Bezerra Simões, uma grande educadora de Pio IX. Os filhos Júlio César e Roosevelt, tentaram com eles ganhar a vida nos garimpos e em fazendas de gado em Goiás e Mato Grosso.

Humberto é funcionário público e pretende abraçar a política como o pai.

Maria Núbia e Maria Amália são professoras.

O PADRE VIEIRA E AS LETRAS CEARENSES

No universo das letras cearenses o Padre Antônio Vieira tem já o seu lugar marcado definitivamente.

Versando os mais variados temas, desenvolvendo os mais diversos assuntos não só literários, propriamente ditos, como também científicos, históricos, religiosos, folclóricos, sociológicos enfim, o seu alentado acervo bibliográfico constitui hoje, sem dúvida, um patrimônio cultural inestimável, que honra não só o Ceará pensante como o País inteiro.

Senhor de uma argumentação segura, séria, nos assuntos que exigem meditação, pesquisa e estudo, ele incursiona, ao mesmo tempo, pelos segmentos menos árduos dos conhecimentos humanos, e brinda-nos, vez por outra, com prosa de páginas leves, amenas, alegres, em que a veia romântica ou folclórica exsurge em toda a plenitude, oferecendo-nos leituras que não raro provocam risos e descontração, tão necessários ao sofrido homem dos turvos dias que atravessamos.

Apreciado jornalista, tem enriquecido o nosso periodismo com as mais saborosas crônicas, gênero literário que assegura por si só, a quem talentosamente sabe cultivá-lo, como o Padre Antônio Vieira, um lugar de realce no mundo sedutor da cultura poliforma. Porque catar assuntos que interessem, e até empolguem o leitor, no dia a dia da versátil e exigente sociedade atual, é tarefa que só os eleitos das letras, os vocacionados da pena podem e sabem executar laborosa e proficientemente.

Sempre que o Padre Antônio Vieira anuncia o lançamento de um livro, e o seu acervo editorial já é bem vultoso, a gente fica aguardando com ansiedade a festa da inteligência que essa boa mensagem nos proporciona, a alegria que esse gostoso pão do espírito nos traz, ajudando-nos, com horas de agradável leitura, de contentamento, a enfrentar a luta pela conquista desse hoje difícil pão nosso de cada dia. Porque a leitura, disse Jorge Luiz Borges, é uma forma de felicidade, a que eu acrescentaria ao conceito do imortal escritor argentino, a boa leitura, e é o que a obra do Padre Antônio Vieira nos assegura.

Esse pomar de sazonados e apetitosos frutos merece que o cultivemos com a maior dedicação, regando-o com a linfa do nosso estimulante apoio e o calor do nosso aconchego amigo.

O Instituto Cultural do Cariri, cuja presidência ocupo graças à bondade dos meus companheiros, saúda o ilustre confrade nesta hora em que concorre ele para a nossa cultura com mais um produto da sua buliçosa e sobretudo fecunda inteligência de renomado escritor.

E serve-se do ensejo para agradecer ao ilustre beletриста, titular da Cadeira nº 21, que tem como Patrono a figura inolvidável de Monsenhor Pedro Rocha de Oliveira, a preciosa dádiva que vem de fazer de cinqüenta valiosas obras para enriquecimento da biblioteca do vitorioso sodalício de nossa terra.

Raimundo de Oliveira Borges

*(Alocução proferida quando do lançamento do livro **Senhor, aumentai a Minha Fé**, no salão de atos da Urca, em Crato.)*

PERFIL HISTÓRICO — RELIGIOSO DA SERRA TALHADA — PE

Luiz Lorena

Os anos de 1989/1990 registram o jubileu do bicentenário da invocação de N. Srª da Penha, como padroeira da Serra Talhada.

À enfermidade, o Monsenhor Jesus Garcia Riaño, vigário da paróquia, pretendeu deixar catalogados em nove capítulos, para conhecimento das gerações vindouras, alguns fatos que se perderiam na voragem do tempo.

INTRODUÇÃO

*29-8-89, terça-feira, hasteamento da
Bandeira no mastro da Matriz.*

Todos sabemos que a religião católica no Brasil-Colônia, esteve interligada à vida civil, porquanto os párocos administravam a receita recolhida do dízimo, promovendo sua aplicação nos serviços de interesse público, sobretudo religioso.

Com o advento da Independência, em 1822, esse sistema permaneceu, em face do artigo 5º da Constituição de 1824 determinar que o catolicismo seria a religião oficial do Império.

Esse privilégio só foi abolido em 1891, pela Constituição da República.

Em virtude dessa evidência, não se deve estranhar que ao se falar da evolução histórica de nossa Igreja, sejam mencionados atos e fatos que mais pareçam dualismo — religião e política.

CAPÍTULO I

*30-8-89, quarta-feira, noite patrocinada
pelos pobres.*

Localizada no centro geográfico da Capitania de Pernambuco, a área que recebeu o nome de Fazenda Serra Talhada, propriedade da Casa da Torre, Bahia, detentora do morgadio de Francisco Garcia D'Avila, teve o seu território traçado por dois caminhos, que se cruzavam precisamente no local onde foi erigido o primitivo arraial.

A movimentação de portugueses em busca de terras devolutas, ampliada por ruralistas que fugiam da monocultura da cana-de-açúcar na zona da mata, tornou possível uma vida comunitária de regularidade duvidosa. Não obstante, o português Agostinho Nunes de Magalhães obteve deferimento ao pedido de arrendamento à Casa da Torre para explorar quatro fazendas na região, inclusive Serra Talhada. Em abril de 1787 foram pagos os primeiros tributos

por essa ocupação, tornando possível a reunião de feirantes a partir do dia 10 de fevereiro de 1778, segunda-feira.

Durante os anos de 1789/1790, Filadelfia Nunes de Magalhães, filha de Agostinho, utilizando mão-de-obra escrava, providenciou a construção de uma capela sob invocação de N. Sr^a da Penha de França pertencente à freguesia de N. Sr^a da Conceição, da Vila de Flores. Esse pequeno templo erigido à frente da casa senhoral, serve atualmente como Matriz à paróquia de N. Sr^a do Rosário, fundada em 7-2-67.

Houve doação de um sítio patrimonial em nome da padroeira, todavia é pouco provável que se tenha legalizado com escritura. Esse fato fica evidenciado com a legalização em 26-4-1851 de uma área que constitui o atual patrimônio de N. Sr^a do Rosário, sobre a qual repousa a maior parte desta cidade. A escritura está assinada por Joaquim de Magalhães Lopita e sua mulher Josefa Cordeiro dos Santos.

A Lei Provincial nº 52, de 18-4-1838, criou a freguesia de N. Sr^a da Penha em Serra Talhada, desmembrada da paróquia de Flores.

A efervescência política em Pernambuco, agravada durante a regência, reponsável pelo governo do Império, durante a menoridade de D. Pedro II, retardou em mais de quatro anos a instalação desta freguesia, que finalmente se concretizou no dia 3-12-1842.

A solenidade, revestida de inusitada imponência, foi assistida pela grande maioria dos habitantes da zona rural e presidida pelo padre visitador, Francisco Antônio da Cunha Pereira, representante da Diocese de Olinda, que contou com a participação do padre Antônio Gonçalves Lima, vigário interino, sendo a tudo presentes os fazendeiros Manoel Nunes de Magalhães e Manoel Nunes de Sousa.

O padre visitador conferiu as alfaias e, demais pertences da igreja, elogiando o zelo com que mantinham a matriz e seu patrimônio.

CAPÍTULO II

31-8-1989, quinta-feira, noite patrocinada pelos funcionários públicos.

O reverendo Francisco Barbosa Nogueira, serratalhadense, filho do proprietário da fazenda Cipó, não exerceu função eclesiástica, porquanto integrou-se às lides da zona rural. Faleceu aos 18-2-1839, foi sepultado na Capela (Matriz) envolto nos paramentos e encomendado solenemente pelo Padre Antônio Gonçalves Lima.

Um detalhe pode parecer estranho: o de que no dia 25-8-1837, o Padre Antônio Gonçalves Lima, na condição de vigário interino e o Frei Simão do Coração de Maria, instalado na povoação de São Francisco, celebravam

atos religiosos, inclusive batizados e casamentos; observe-se que o decreto de criação da Paróquia só foi elaborado no ano seguinte. Além disso, em 1839, mesmo antes da instalação da freguesia, o Padre Félix José Marques Bacalhau exercia as funções de vigário da Matriz da Penha, tendo como coadjutor o Padre Antônio Gonçalves Lima.

Relação nominativa dos vigários:

1836 — o Reverendo Francisco Barbosa Nogueira, celebrou batizados e casamentos, em São Francisco.

1837/1838 — Padre Antônio Gonçalves Lima — interino.

1839 — Félix José Marques Bacalhau.

1839/1840 — Francisco Guedes Ferreira de Brito.

1841/1847 — Antônio Gonçalves Lima — interino.

1847/1848 — Manoel Lopes Rodrigues de Barros.

1848/1851 — Manoel de Souza Ferraz e Atanázio Gonçalves da Silva.

1851/1880 — Manoel Lopes Rodrigues de Barros.

1880/1884 — Francisco Tavares Arcoverde e João Evangelista dos Santos Lima.

1884/1892 — Joaquim Antônio de Siqueira Torres, o Cônego Torres, vigário arcepreste.

1892/1896 — Manoel Félix de Moura.

1896/1897 — Frutuoso Rolim de Albuquerque.

1897/1898 — Alexandre de Albuquerque Pessoa Cavalcanti.

1898/1902 — Anízio de Torres Bandeira.

1902/1904 — Vicente Sother Alencar.

1904/1908 — Afonso Antero Pequeno — Monsenhor.

1908/1915 — Zacarias Paiva.

1915 — Vital Paiva.

1915/1919 — Mariano Aragon.

1920/1921 — Zacarias Paiva.

1922/1934 — José Kehrlé.

1934/1936 — Alexandrino Suassuna Alencar.

1936 até os dias atuais — Jesus Garcia Riaño — Monsenhor.

Por decreto do Bispo de Afogados da Ingazeira, foi desmembrada a paróquia de N. Sr^a do Rosário, no dia 7-2-1967 e nomeado o Padre Afonso Carvalho, vigário efetivo.

Dom Francisco Austregésilo de Mesquita, bispo diocesano, sempre preocupado com a evangelização, decidiu fundar uma terceira freguesia em Serra Talhada, com sede no Alto do Bom Jesus, cujo orago é o Bom Jesus Ressuscitado. O templo moderno teve a construção administrada pelo Padre Afonso Carvalho, nomeado titular da nova paróquia.

Na vacância paroquial de N. Sr^a do Rosário, o Padre Afonso foi substituído pelo padre Francisco de Assis Rocha.

CAPÍTULO III

1º-9-1989, sexta-feira, noite patrocinada pelas crianças.

Paralelamente ao trabalho dos sacerdotes que serviram ao longo de duzentos anos nesta paróquia, constatamos nas pesquisas efetuadas, que houve trabalho missionário de catequese a cargo de frades e até de padres seculares, como é o caso do Padre José Antônio Maria Ibiapina.

Em 1837 esteve missionando nesta cidade o Frei Simão do Coração de Maria e logo depois, o Padre Francisco José Correia de Albuquerque, ambos convidados do vigário interino Padre Antônio Gonçalves Lima, que sentiu-se impotente para enfrentar os fanáticos da Pedra Bonita (Pedra do Reino).

O trabalho de conversão foi efetuado num ambiente onde se prometia libertação aos escravos, riqueza material aos pobres e deixar a pele dos negros "branca como a lua". Tudo isso, por conta dos mistérios que envolviam a restauração do reino de Dom Sebastião de Portugal, o qual, segundo pregação do líder facinoroso dos fanáticos, não teria falecido naquele dia fatídico para as armas portuguesas (4-8-1578). Aconteceu, como dizia, que o rei se encantara e só então desencantaria com um exército imponente e transformando as pedras da Serra do Catolé em outro de bom quilate.

Tais promessas feitas num ambiente onde o analfabetismo estava virtualmente oficializado, onde a chaga da escravidão deixava marcas indelévels e a miséria dos ruralistas era agravada pela ocupação das terras por latifundiários.

A missão em nome de Deus e da igreja teve pouca eficácia.

Como era de se esperar, o desfecho final foi sangrento e de crueldade inominável. Os fazendeiros, em nome da Guarda Nacional, sob o comando dos Coronéis Manoel Pereira da Silva e Simplício Pereira da Silva, fizeram valer a força do bacamarte.

CAPÍTULO IV

2-9-1989, sábado, noite patrocinada pelos industriais.

Nesse trabalho, desenvolvido por missionários, merece destaque o de Frei Caetano de Messina, italiano da Sicília, que promoveu verdadeira revolução desde o litoral ao Pajeú, pregando a fraternidade, o amor ao próximo e o perdão, num ambiente onde só florescia o ódio e a vingança. Foi em 1853/1854 no Vicariato do Padre Manoel Lopes Rodrigues de Barros.

O seu trabalho missionário de quase dois anos, envolveu obras de construção de um novo templo para N. Sr^a da Penha e um cemitério, porquanto os sepultamentos eram efetuados, até então, nas fazendas ou dentro da própria igreja.

Dinâmico, culto e virtuoso, o Frei Caetano de Messina, marcou época em Vila Bela.

O destino, que sempre foi amigo desta terra, o mandou para cá numa quadra em que se transferia a sede da Comarca de Flores para Serra Talhada, com o nome de Vila Bela.

Desde então, a antiga Capela ficou destinada a N. Sr^a do Rosário dos Pretos, onde os escravos podiam participar de atos religiosos e receber sacramentos.

Exigente no cumprimento da missão sacerdotal, o Frei Caetano desentendeu-se com o não menos zeloso Vigário Manoel Lopes Rodrigues de Barros. Daí terem eles mantido certa distância no cotidiano.

Ao fim desse trabalho, o Frei Caetano teve de voltar ao Recife para assumir a função de Superior da Ordem dos Capuchinhos da Penha.

Antes, porém, numa solenidade onde reuniu muitas pessoas, ele pediu a presença do vigário para despedir-se dele e do povo e, como das vezes anteriores, pregou o perdão, e ajoelhado aos pés do Padre Rodrigues de Barros, suplicou-lhe perdoar por tudo quanto lhe tivesse magoado. E mais ainda, pediu aos presentes que lhe seguissem o exemplo, deixando de lado a máscara do amor próprio... Quem tivesse desafeto se perdoasse mutuamente. Assim Cristo recomendou...

O impacto foi tão forte que as rixas existentes entre alguns dos presentes se desfizeram naquele momento.

Frei Caetano deixou entre nós, como obrigação religiosa, as celebrações do mês de maio em honra da Virgem de Nazaré.

CAPÍTULO V

3-9-1989, domingo, noite patrocinada pelos motoristas.

Outro missionário que deve ser lembrado, em virtude do gigantismo de sua obra, é o Padre José Antônio Maria Ibiapina.

Certa ocasião, dizia ele ao superior do Seminário de Olinda, onde exercia altas funções na administração e como professor emérito, que sofrera frustração como advogado, como parlamentar e, havendo abraçado a vida eclesiástica o seu desencanto parecia avultar-se, porquanto, dos morros de Olinda ficava a contemplar a pradaria onde a miséria do povo desassistido, aumentava assustadoramente.

— Não seria pra lá que o Cristo me mandaria? Perguntou.

— Sendo esta sua vocação, vá, seja bem-sucedido, respondeu o superior.

Iniciou o seu trabalho no agreste pernambucano, mais precisamente em Gravatá. Disseminou ao longo da província casas de caridade e orfanatos, construiu agudes públicos e templos religiosos. O artesanato foi a melhor saída para encaminhar a vida de órfãs carentes.

Em 1872, esse gigante do cristianismo chegou a Vila Bela, havendo providenciado para que se construísse um templo de duas torres em estilo romano, tão maior que a igreja de Frei Caetano só foi demolida para ter lugar a inauguração, porquanto aquela ficara dentro do templo majestoso.

Não lhe faltaram recursos para consecução dos trabalhos; corajoso, inteligente e hábil, mobilizou os fazendeiros de tal maneira que cada um sentia-se responsável direto pela execução dos serviços. De Andreilino Pereira da Silva — Barão do Pajeú —, além da carta de alforria para o escravo Miquelino, que lhe construiu as duas torres do templo e uma lâmpada de prata fina para iluminar o sacrário. De valor inestimável, essa jóia em forma de alfaia religiosa, está hoje a serviço de Deus e da Igreja na Catedral de Santa Águeda, em Pesqueira, levada sem explicação pelo Bispo Dom José Lopes.

Não fosse a exigüidade de espaço, valeria dizer muito mais, de quanto realizou o Padre Ibiapina.

Seria injusto não registrar aqui a ação sócio-filantrópica de sua obra religiosa, distendida do litoral de Pernambuco até Picos, no Piauí, na província do Ceará, onde nasceu, e na Paraíba, ao tempo em que as viagens eram realizadas a cavalo.

Creio, nenhum estadista abnegado, nem mesmo Dom Bosco, se arriscaria, ainda agora, com a modernização dos meios de comunicação, levar a cabo obra tão meritória. Reestimulou entre nós as comemorações marianas e deixou o hábito de rezar o ofício de N. Senhora na madrugada.

Deve ficar registrado que o costume de hastear bandeirinha branca, nos terreiros da zona rural, foi uma idéia do Padre Ibiapina, para simbolizar a fé e a paz, tão carentes em nosso meio.

CAPÍTULO VI

4-9-1989, segunda-feira, noite patrocinada pelos paroquianos do Rosário e do Bom Jesus.

Na localização da matriz de duas torres, em 1872, não se observou atentamente o alinhamento das ruas laterais da praça principal, que devidamente projetada estava, com suas edificações em andamento.

O conjunto de construções ficou em desarmonia com o templo, que estava ao centro, em posição diagonal. Por outro lado, viu-se que o seu aspecto físico exterior era de uma rusticidade inaceitável, porquanto o material usado eram pedras sem formas delineadas.

Mesmo assim, a demolição só foi cogitada 53 anos depois, sob o paroquiano do Padre José Kehrlé. Em 1925, dia 21 de agosto, realizaram uma solenidade com celebração da Eucaristia. Participaram as autoridades e muitos fiéis. Aí foi providenciado o assentamento da pedra fundamental desse monumento sobranceiro à nossa cidade, que é Igreja de N. S^a da Penha, em cujos alicerces estão as pedras da obra do Padre Ibiapina.

A construção, que sofreu as conseqüências da grande seca de 1930/1932, prosseguia lentamente até 1934, quando o Padre Kehrle teve de ser transferido para Buíque, em face de seu envolvimento na política partidária local.

O Padre Alexandrino Suassuna de Alencar, nosso pároco durante dois anos (1934/1936), não quis se aventurar ao reinício da obra.

Com a investidura do Padre Jesus Garcia Riaño, no dia 18-12-1936, cogitou-se repetidas vezes da retomada dos serviços da matriz.

O volume de recursos ao seu alcance não lhe estimulava sobremaneira.

Mas, um dia, lhe pareceu que a terra estava firme aos pés, e decidiu, precisamente a 3-11-1939, quando trocava-se o nome de Vila Bela por Serra Talhada, reiniciar as obras de construção.

Para maior segurança foi demolida a torre já parcialmente construída, reforçadas as colunas internas e externas e finalmente erigida a atual torre em estilo gótico, pelo habilidoso mestre Josa Padilha.

Vinte e oito anos depois do assentamento da pedra basilar, vertia o ano de 1953, dia 2 de agosto, foi solenemente inaugurada a atual Matriz de N. S^a da Penha, pelo Bispo diocesano Dom Adelmo Cavalcanti Machado, tendo havido missa pontifical, concelebrada por 15 sacerdotes, às oito horas, no patamar da igreja; foi mestre do cerimonial o Padre Eraldo Cordeiro, então vigário de Floresta.

À noite, durante a celebração da Eucaristia, fez-se ouvir a pregação do Frei Eliseu Maria de Oliveira Gomes, atual Bispo de Vitória da Conquista — BA.

Em nome do município, falou o Prefeito Moacyr de Godoy Diniz e, pelo Apostolado da Oração, que festejava o jubileu de ouro, falou o professor Aderbal Mendonça de Maria.

Essa solenidade foi precedida de uma preparação de trinta dias de missões, nas capelas distritais, pelos frades capuchinhos da Penha do Recife: Frei Damiano do Bosano e Frei Fernando.

Ao encerrar, num ambiente de exaltação e da mais profunda emoção, o Padre Jesus Garcia Riaño proclamou que estava vivendo o momento mais feliz de sua vida em terras do Brasil.

CAPÍTULO VII

5-9-1989, terça-feira, noite patrocinada pela juventude.

São escassos os registros que ensejassem um estudo sobre o trabalho desenvolvido pelos nossos vigários. Do Padre Antônio Gonçalves Lima se dirá que foi vigário e político, com a observação de que, quando ocupava cargo público, não exercia nenhuma função sacerdotal. Por isso, talvez, sempre foi interino desta paróquia. Os visitantes que fiscalizaram o seu trabalho, deixaram registros elogiosos sobre o zelo, o carinho e o amor por ele demonstrado na função sacerdotal.

Nascido em 1795, na fazenda Soledade, deste município, quando ainda termo judiciário de Flores, faleceu no dia 9-5-1860. Foi presidente da nossa Câmara de Vereadores por vários anos. Na época em que as epidemias de varíola, peste bubônica e cólera-morbo infestavam toda a região, a prestimosidade com que se houve o Padre Gonçalves Lima ao lado do Vigário Manoel Lopes Rodrigues de Barros, o qualifica como autêntico anjo da guarda das famílias atingidas.

Para que se possa avaliar a extensão da calamidade, basta dizer que, dos registros de nossa matriz, constam 36 óbitos de vítimas de cólera-morbo, só no mês de maio de 1856. Esta cidade não atingira ainda mil habitantes.

O Padre Manoel Lopes Rodrigues de Barros faleceu com sessenta anos de idade, no dia 10-8-1880, servindo à nossa paróquia num período de trinta anos.

Deveria ter estimulado instrução e educação no Pajeú.

Nem era preciso ser profeta para antever que uma mocidade ativa como a nossa, sem o mínimo de instrução, resultaria no que ocorreu. Ao longo dos três primeiros decênios desta centúria, o chamado período do obscurantismo do Pajeú, em razão do banditismo que perturbou o Nordeste, tendo como núcleo Serra Talhada, que foi sede do reinado de Lampião.

No começo de 1904 assumiu nossa paróquia o Monsenhor Afonso Antero Pequeno, culto e bravo sacerdote, filho do Cariri (CE), descendente de uma família de caudilhos. Naquele ano rompeu-se no Crato a aliança política entre os Coronéis José Belém de Figueiredo e Antônio Luís Alves Pequeno, primo do Monsenhor Afonso, com declaração de guerra entre as duas facções. O Monsenhor, vigário de Vila Bela, solicitou às lideranças locais, cangaceiros, armas e munição, para ajudar ao primo Antônio Luís na deposição do Coronel Belém — régulo, segundo dizia, prejudicial ao progresso do sul cearense.

O Coronel Antônio Pereira da Silva, chefe da família Pereira, sob o pretexto de que não devia ser esta a posição do sacerdote, negou-se ajudá-lo.

Por outra parte, os representantes da família Carvalho se apresentam em servi-lo.

Sob o comando de Antônio Clementino de Carvalho (Antônio Quelé), formou-se um contingente armado, tendo à frente o próprio Monsenhor Afonso Antero Pequeno, e foi à cidade do Crato, onde contribuiu decisivamente para a vitória de Antônio Luís.

O Monsenhor, vitorioso, voltou a Vila Bela trazendo a idéia fixa de derrotar a família Pereira na eleição municipal do período seguinte. Foi mais uma vez vitorioso e assumiu o poder municipal.

Notícias do Crato lhe dão conta de que o parente Antônio Luís criara uma guarda de segurança no município, e estava praticando mais atrocidades do que o Coronel Belém. Em Vila Bela seus correligionários mandaram matar de emboscada um patriarca dos Pereira, o ex-Prefeito Manoel Pereira da Silva Jacobina.

A frustração lhe perturbava de tal maneira que renunciou ao mandato de prefeito, entregando o município ao vice, o fazendeiro José Alves da Silveira Lima, com recomendação de proceder com serenidade.

Logo depois transferiu-se para Garanhuns, onde faleceu. Não sem antes haver plantado, no solo fértil de Vila Bela, a semente do banditismo.

Daí dizer-se: com ele começou a época do obscurantismo no sertão do Pajeú, vigente até 1930.

CAPÍTULO VIII

6-9-1989, quarta-feira, noite patrocinada pelos comerciantes.

Em se falando de cultura, torna-se imperativo lembrar o nome do Padre Mariano Aragon, espanhol, que esteve conosco de 1915 a 1919. Sua Reverendíssima fundou a Filarmônica Vilabelense, que sobrevive ainda hoje.

A nossa banda musical teve seus dias de glória com o notável mestre Emídio e com os maestros Luiz Benjamin e Fernando Moura e Silva, sargento de polícia.

O Jazz Band Serra Talhada recebeu aplausos em muitos palcos do Nordeste. Considerada uma das melhores orquestras, em pé de igualdade com as da capital.

Serra Talhada tornou-se, por isso, celeiro de grandes músicos, sobre os quais se fará comentários em outra oportunidade.

Sobre o Padre Jesus Garcia Riaño é justo acrescentar que suas ações chegaram aos mais distantes recantos da paróquia, em razão de haver estimulado as construções do Ginásio Cônego Torres, Escola Normal Imaculada Conceição e Escola Profissional Cornélio Soares. Preocupou-se em dilatar o seu trabalho, edificando as capelas de Bernardo Vieira, Santa Rita, Luanda, Extrema, Jardim, Varzinha, Caiçarinha da Penha e Logradouro.

Sabe-se que ao tempo de Dom Adalberto Sobral, Bispo de Pesqueira, o Padre Jesus presidiu a sessão que cogitou da instalação da Escola Normal Stella Maris em Triunfo.

O Padre Afonso Carvalho erigiu a Matriz do Bom Jesus Ressuscitado, uma obra que dignifica seu nome e o do orago.

O Padre Francisco de Assis Rocha, além da edificação da casa paroquial do Rosário, construiu as capelas de São Cristóvão, N. S^a da Conceição e Vila da Cohab, em bairros desta cidade. Durante seu paróquiato desenvolveu um trabalho de evangelização merecedor de um capítulo à parte.

CAPÍTULO IX

7-9-1989, quinta-feira, noite patrocinada pelos agricultores.

No roteiro da documentação pesquisada, constata-se as visitas pastorais a esta freguesia; a primeira, em maio de 1895, pelo Reverendíssimo Cônego João Marques de Souza, no vicariato do Padre Manoel Félix de Moura. Decorria mais de meio século de fundação da freguesia. As viagens eram feitas a cavalo, por trilhas quase inacessíveis, num ambiente de total insegurança.

Os lusitanos aqui aportados eram pessoas de instrução elementar, que traziam a experiência vivida no ambiente da metrópole civilizada. Os descendentes destes formavam um tipo diferente, uma casta de indivíduos sem a timidez do nativo, nem a lhanza do português. Daí a razão de ser o sertão a "pátria" da periculosidade.

O catolicismo percorria os caminhos apontados por Jesus de Nazaré, não receiando enfrentar as adversidades. Implantou uma sementeira na vizinha cidade de Floresta, fundando uma diocese, depois deslocada para Pesqueira. O seu primeiro bispo foi Dom Augusto Álvaro da Silva, depois primaz do Brasil. Esse prelado visitou a paróquia da Penha duas vezes: de 30-5 a 06-12 e de 4 a 12-6-15. Extraordinária figura de sacerdote, Dom Augusto atendeu entre nós o ensino religioso e estimulou o apostolado da oração.

Foram abertos novos caminhos pela força do Evangelho. Com o advento do automóvel construíram-se as rodovias. Tudo parece mais fácil à igreja de hoje e as visitas pastorais são atos de rotina. A diocese instalada em Afogados da Ingazeira, no Pajeú, cujo titular, Dom Francisco Austregésilo de Mesquita, tem dispensado muita atenção e tratado com especial carinho os diocesanos de Serra Talhada.

Prelado moderno, se destacou no Concílio Vaticano II

CONCLUSÃO

Prece da Natividade de Maria de Nazaré.

Abertura da festa jubilar comemorativa dos dois séculos de sua invocação em Serra Talhada—PE, como Nossa Senhora da Penha.

Agosto 29, 1990. Luiz Lorena.

"E a misericórdia do Senhor se estende de geração a geração sobre os que têm." Lc. C1 v50.

Paroquianos e devotos da mãe do Redentor, devemos raciocinar sobre essas palavras saídas dos seus lábios há mais de XX séculos.

Nascida de pais ruralistas e desposada por um carpinteiro, não lhe foi penoso assimilar aquilo que a outras mães pareceria adversidade. O que lhe preocupava sobretudo, era a missão de entregar o fruto de suas entranhas para redenção da humanidade.

Pouco importava que a sociedade daquela época, incoerente como a de hoje, lhe haja negado ambiente convencionalmente condigno para o nascimento do seu filho, que no entanto fora recebido em festa onde a natureza lhe reservava um berço diferente, feito de palhas, onde as estrelas pendidas do universo iluminavam o campo repleto de animais que enriqueciam o local, numa gruta trabalhada pelo tempo, havia milhões de anos.

E nós; que ao longo desse tempo não temos sabido conciliar o nosso egoísmo, nem atentar para a incoerência da guerra, dos genocídios dos assaltos e seqüestros monstruosos, dos latrocínios e das vinganças de qualquer tipo.

As nossas mãos, no limiar do século XXI, são as mesmas que acionaram as flechas para ferir de morte o Nazareno.

Particularizando oh! Senhora da Penha, sobre os 85 mil fiéis desta Paróquia, vimos rogar: estendei a nós vossas mãos, como aljava que pretendesse recolher as flechas da incompreensão que nos ameaça.

Os próximos 11 anos que nos separam do terceiro milênio, sirvam para nossa conversão. Que o século XXI comece em estado de graça para nossa gente e que a fraternidade promane de cada um, com toda eloquência.

NOTA COMPLEMENTAR

Dia 18-12-90

O Monsenhor Jesus Garcia Riaño completa 86 anos de idade e 54 anos à frente da paróquia de N. Sr^a da Penha em Serra Talhada.

Nessa data compareceu em Afogados da Ingazeira à presença de Dom Francisco Austregésilo de Mesquita, Bispo Diocesano, em companhia dos seus amigos Luiz Conrado de Lerone e Sá, Antônio Alves Filho e Edísio Firmino dos Santos, para entregar a paróquia, em face da saúde precária que lhe exaure o estado físico.

O bispo teve palavras de exaltação à obra realizada pelo renunciante.

Aceitando a decisão do Monsenhor Jesus, indicou dias depois o Padre Egídio Bisol para substituí-lo.

A posse do novo vigário teve lugar no dia 10-3-91, com a presença do Senhor Bispo, que concelebrou missa com os 14 padres da diocese, e um diácono. A Matriz ficou repleta de fiéis.

FLAGRANTES DA MEMÓRIA CRATENSE

Emerson Monteiro

Transcorria o ano de 1958, no Nordeste. As chuvas ansiadas não caíram e o campo se acinzentou ao sol intenso de uma seca jamais esquecida. Rebanhos esgotados, sem pasto, sem água eram remetidos para outras terras, que o sertão se esvaziara.

Foi naquele ano que presenciei o quadro descrito, em primeiro lugar.

Descia a Rua Bárbara de Alencar quando, no cruzamento da Tristão Gonçalves (Rua da Vala), avistei surpreso um grupo de mais ou menos duzentos homens (assim calculo); os flagelados, como ficaram conhecidos. Todos eles pacíficos, traziam sacos vazios enrolados da mão para o pulso, à cata de alimentos para salvarem os seus.

Qual pelotão em ordem unida, passou à minha frente, calado, o grupo, buscando a Praça da Sé, direção da prefeitura, situada no edifício secular onde agora funciona o Museu de Arte Vicente Leite.

A cena me causou espécie, dada a presença rude daquela gente, agricultores famintos evadindo-se da seca cruel, embrenhados na sede do município, corajosos soldados da sobrevivência.

.....

Também, da mesma época, recorro a prisão, nas matas da Serra, de um homem esquisito, de cabelos longos e desgrenhados, unhas recurvadas e escuras, quais garras, bigode e barba de anos a encobrir-lhe a fisionomia selvagem, que nominaram de "Pai da Mata".

Por vários dias permaneceu exposto à visita pública, nas grades da cadeia, à Rua Senador Pompeu, para onde acorria constante multidão. Muitas histórias circularam a seu respeito. Desconfiado e soturno, a ninguém respondia, apenas olhava atento e sério aos que lhe dirigiam a palavra.

Depois (uma ou duas semanas) transferiram-no para outro canto nada mais se divulgando, até hoje, sobre ele.

.....

E quase em frente ao prédio da mesma cadeia pública, esquina da Praça da Sé, ainda nos anos sessenta, quando instalavam a rede de esgoto da cidade, vi desenterrarem uma igaçaba (urna funerária de barro com riscos de uma tinta avermelhada). Na opinião dos professores da época, servira para acondicionar os despojos de chefes indígenas das antigas tribos regionais.

Apenas os cacos permaneceram guardados, durante algum tempo, no museu histórico, onde pude apreciar algumas vezes mais

.....

Do espaço nebuloso das lembranças de menino aqui chegado nos idos de 1953, consigo reconstituir a primeira imagem que gravei do Seminário

São José, vista de baixo para cima, da Rua José de Alencar, entre Pedro II e José Carvalho.

Era um prédio sombrio, enegrecido pelo tempo, pintura a cal amarelada, com marcas de lodo escorridas nas biqueiras do teto ponteagundo, meio encoberto por cortina de dezenas de eucaliptos carregados de urubus friorentos, pousados em seqüência constante, nos galhos, telhas e recortes da construção monumental, tangidos das imediações, onde existia o antigo matadouro público, pras bandas do atual alto da Independência.

Aos olhos da criança de quatro anos, proveniente de sítio em Lavras da Mangabeira, pouco nada sabendo das cidades, imagine-se a impressão registrada.

Constituía, dessa forma, aos pedaços, uma idéia de conjunto. Gente diferente. Fatos, ruídos.

.....
Outro aspecto nítido que não esqueci desse Crato de algumas décadas passadas: as noites de domingo da Praça Siqueira Campos.

Uma expectativa quase incontida assinalava a semana inteira, sobretudo de rapazes e moças. Tão logo o sol se punha atrás da serra e afluíam, de todos os lados, nos seus melhores trajes, jovens e adultos.

A praça logo fervilhava de gente, qual quermesse mágica. Luzes fortes, jardins bem cuidados, dezenas de carros parados nas ruas em volta, e o som da amplificadora cratense (que tinha seus estúdios próximos) envolvia comédias e dramas, encontros e desencontros, numa algazarra multiforme.

As mocinhas, de braços dados, principiavam a girar; grupos de três, quatro ou mais; animado carrossel; enquanto os homens, atentos e loquazes, se postavam em torno, nas laterais do passeio.

Da observação espontânea nascia a permuta de olhares, nos chamados flertes, primeiros toques de simpatia mútua.

Dessa instituição interiorana decorreram muitas uniões. Confirmada a preferência, o homem acompanhava a escolhida em mais uma volta, ambos seguindo depois no rumo da Praça da Sé, onde quase sempre havia banco vago, para o início de namoro, às vezes fugaz, às vezes definitivo.

Crato — CE, 25 de abril de 1991

PREITO DE SAUDADE

A tarde monótona caminhava lentamente para o fim do dia. O sol se despedia lançando tépidos raios, contrastando com o verde ondulante dos canaviais, formando um arco-íris, transformando Milagres num postal colorido.

Na Rua Grande o ronco do motor de uma Indian cortava o silêncio da tarde preguiçosa. Era o mano Celso que vinha na sua moto me apanhar para os costumeiros passeios de todos os fins do dia. Lá estava eu, de banho tomado, roupa mudada, esperando-o em frente à minha casa. O ronco do motor soava em meus ouvidos como os acordes de um violino, elevando a minha alma de criança. Vaidoso como nunca, eu me aconchegava em cima do possante motor da Indian e então dávamos início ao mais desejado passeio de toda a minha vida.

A moto vermelha e incrementada do mano ganhava velocidade e saía com toda graça a percorrer as ruas, sob os olhares de admiração dos moradores, que sentados em frente às suas casas aguardavam a chegada de mais uma noite tranqüila.

Ao passo que a moto corria, mais que pensava, se é que menino pensa, como o mano gostava de mim e eu dele. E com que prazer ele me apanhava para passear!

Assim íamos ambos contemplando as paisagens bonitas da nossa terra, desfrutando da nossa amizade fraterna. Ao regresso do passeio ele ia para sua casa, para junto da mulher e das filhas, enquanto eu esperava ansioso que o amanhã chegasse logo.

Muitos amanhã chegaram; as semanas, os meses e os anos passaram depressa. Como um navio à deriva, saí pelos mares da vida sem uma rota definida para o meu destino.

Quando, muito tempo depois, voltei para rever os lugares de infância, lá não mais encontrei o mano Celso nem a sua moto vermelha.

Todavia, embora tenhamos tomado rumos diferentes, a longa distância que nos separava nunca nos separou na amizade, no conceito e na admiração recíproca.

Hoje o mano Celso já não encontra-se entre nós. Deus o chamou mais cedo para agraciá-lo com as honrarias que o mano dispensou aqui na terra. Na sua simplicidade, ele não se apegava às coisas terrenas. Sendo um homem humilde, tinha no seu dia-a-dia o temor a Deus, a dedicação incondicional para com os amigos e o amor à sua família.

Diante dessa imensa saudade que me invade, eu, na condição de mano caçula, desejaria que o tempo voltasse. E nesta saudade infinita, diante de tamanha lacuna eu pediria a Deus a ventura de ser menino novamente para, em frente à nossa casa, aguardar o mano mais uma vez, com a sua moto vermelha, incrementada. Então, desta vez, juntos seguiríamos pelos caminhos do céu.

Rio de Janeiro, 4 de janeiro de 1991.

N.R. Celso Gomes Alves foi duas vezes prefeito de Milagres e foi, também, agente da Receita Federal em Crato. Faleceu em Recife em 4-1-91 e foi sepultado, a seu pedido, no túmulo da família, no dia seguinte, no Cemitério do Crato.

FÉRIAS NO NORDESTE

Audálio Gomes Alves

Fugindo da nostalgia
que trago desde menino,
vou regar com alegria
meu coração nordestino.

Vou num avião pai-d'égua
ligeiro quinem rojão,
engulindo muitas léguas
no rumo do meu sertão.

Quero rever meu Nordeste,
A saudade é de lascar.
Também sou cabra da peste
nascido no Ceará.

Eu vou comer rapadura,
paçoca e baião-de-dois.
Tomar cachaça da pura,
andar em carro de bois.

Há um poeta no Nordeste
que todos sabem quem é.
Ele é o Príncipe do Agreste:
patativa do Assaré.

Mulheres cheias de graça,
terra de encanto e beleza.
Vou descansar a carcaça
nas praias de Fortaleza.

Depois eu regresso ao Rio,
cidade que me é cara.
Se não tiver avião,
eu volto de pau-de-arara.

Rio, 9 de janeiro de 1989

AO REI DO BAIÃO

Audálio Gomes Alves

Mais uma estrela se apaga,
Está de luto o sertão.
Faleceu Luiz Gonzaga,
o nosso Rei do Baião.

A Asa Branca bateu asas,
Quando o poeta morreu.
Acabou-se a Mula Preta,
Que tanto gosto lhe deu.

Sua sanfona está calada,
Tocar não é necessário.
Só no céu, fazendo dupla,
Com o velho Januário.

No Brasil, de Norte a Sul,
Ecoou seu vozeirão.
Na cidade de Exu
Nasceu o Rei do Baião.

Dançava bem o xaxado,
Que aprendeu desde menino.
Cantava todo enfeitado
De vaqueiro nordestino.

Disse adeus ao seu sertão,
O sanfoneiro do agreste.
Além de Rei do Baião,
Também foi cabra da peste.

Rio de Janeiro, 2 de agosto de 1989

FALSA VAQUEJADA

Audálio Gomes Alves

Invoquei Manuel Amâncio,
Para ver a vaquejada,
Onde seus competidores,
De vaqueiros não tinham nada.

Vaqueiro de muito gado,
No sítio de Ipueiras,
De gibão, luva e perneiras,
Ia sentir muito enfado
E cansar de ver asneiras.

Na infeliz competição,
Os vaqueiros sem gibão,
Pareciam mais cowboys
Jogando bezerros ao chão.

Vaqueiro era o da caatinga,
Senhor que respeito impunha.
Sem vaidade e sem ginga,
Pegava o seu touro a unha.

O progresso em todos os meios,
Nos trouxe a televisão.
Hoje, vaquejadas são torneios!
Acabou-se a tradição.

Desisto, Manuel Amâncio,
Vaqueiro dos juremais.
Põe teu gibão e perneiras,
Volta pra tua Ipueiras,
Vaqueiros, não existem mais.

Rio, 30 de outubro de 1990

Geraldo Fontenele

Notícias Culturais. Jan. 91

A propósito do novo livro do escritor cratense F.S. Nascimento — *Apologia de Augusto dos Anjos e Outros Estudos*, entusiasticamente recebido nos meios culturais, o escritor Geraldo Fontenele escreveu o seguinte na edição de janeiro/91 do jornal *Notícias Culturais*:

F.S. Nascimento, ensaísta e crítico dos mais competentes do País, lançou o seu mais recente livro *Apologia de Augusto dos Anjos e Outros Estudos*, uma coletânea de seus apurados trabalhos em torno de autores do melhor quilate, como Martins Filho, Martins D'Alvares, Da Costa e Silva, Otacílio de Azevedo, Sânzio de Azevedo, Milton Dias, Jáder de Carvalho, Fran Matins e muitos outros. O escritor F.S. Nascimento tem uma vasta cultura em todos os campos do conhecimento literário. De modo que ao ler um autor, ele pode desenvolver o estudo minucioso do que lhe foi dado a ver e sentir, pois a literatura está em seu sangue e até nos admiramos por que homem tão culto ainda não recebeu a dimensão nacional de que é merecedor. O seu valor cultural é espantoso porque conhece a fundo os íngremes caminhos da vida literária, ora criticando ficção, quaisquer que sejam suas vertentes, ora a poesia, moderna ou não, sendo capaz de avaliações que talvez muitos autores de renome nacional não estejam aptos a fazê-lo. Li *Apologia de Augusto dos Anjos e Outros Estudos* Coleção Alagadiço Novo, da Universidade Federal do Ceará — e só tenho que bater palmas a mais essa obra valiosa que se insere no contexto literário de nosso Estado.

IDÉIAS

F.S. NASCIMENTO E O DESCASO CULTURAL

Eduardo Campos

Ao longo do tempo não soubemos, no Ceará (salvo raras exceções), tornar eficiente o mercado de livros, o interesse pela leitura. E alcançamos 1991 sem suplementos literários, sem estímulo oficial para a atividade editorial, e com o povo, infelizmente, lendo pouco e se expressando mal.

Ao me entregar seu livro *Apologia de Augusto dos Anjos e Outros Estudos*, F.S. Nascimento — com aspecto de visível desilusão — me confidenciou: “agora, está cada vez mais difícil saber a quem devemos oferecer uma obra literária...”

Exato. Tosados foram todos os espaços — e não eram demasiados — que acolhiam a contribuição cultural da província, sem que os mais respon-

sáveis percebessem estar o povo, a cada dia que passa, perdendo a intimidade com as letras, situação que de certo modo nos embrutece em relação ao Ceará e ao seu povo, terra que conheceu no século passado, por exemplo, uma imprensa que escrevia com irrepreensível acerto formal.

Apologia de Augusto dos Anjos é obra que se impõe, que respeitável é não apenas pelo equilíbrio estético das análises que pratica, mas pelo roteiro de informações — tão úteis quão necessárias — sobre o nosso sofrido desempenho intelectual. Intenção e desempenho que recordam outros trabalhos editados antes, *Exercício de Literatura*, de Fransisco Carvalho e *O Cacto Amarelo*, de Mozart Soriano Aderaldo, aos quais poderíamos juntar tantos outros apropriando a mesma temática, como este já longe no tempo *Eu e os Outros*, do Pe. Antônio Vieira, editado em 1987.

A esses — e quais esses escritores — o Ceará deve a documentação inventariada de sua vivência literária.

Faz tempo que não se registra uma pesquisa de leitura de livros entre nós. Mas por curiosidade e proximidade do assunto, vale recordar: em 1949, Genival Rabelo testemunhou que em Fortaleza 60% (sessenta por cento) de seus entrevistados (284) “estavam lendo um livro”. Os homens compravam mais livros, enquanto as mulheres liam o maior número de livros tomados por empréstimo.

Coincidentemente, conquanto grandes as dificuldades econômicas do Ceará, nos anos quarenta houve entre nós uma grande efervescência cultural. Em 1942, em plena aflição da guerra, transcorreria o Congresso de Poesia. Em 1946, tinha-se o 1º Congresso Cearense de Escritores, cujos anais seriam publicados no ano seguinte.

Nesse evento debateram-se todos os problemas pertinentes à vida do escritor na província. Discutidos o centralismo e o provincianismo, o estímulo necessário, a divulgação literária, os efeitos da subestimação do intelectual local, a importância do livro editado, das revistas...

A passar do anos tudo piorou. Foram-se as esperanças, governo após governo.

Resta hoje heróica resistência de lutadores isolados, tipo F.S. Nascimento. Este, um sonhador! Sabe pensar, sabe escrever, sabe amar o Ceará cultural. Só que, agora, mais do que nunca, não sabe a quem chegar com a florescência de sua inteligência...

Tribuna do Ceará — 17-4-91

APOLOGIA DE AUGUSTO DOS ANJOS E OUTROS ESTUDOS

Barros Alves ()*

A desencantadora constatação de que a escritura crítica vem a cada dia rareando entre nós faz com que saudemos eufóricos a publicação de obras

(*) Barros Alves é poeta e escritor.

do gênero. O entusiasmo vale mais quando, de antemão, sabemos a consistência do trabalho, porque assinado por um dos mais acreditados críticos literários destas paragens, F.S. Nascimento, ainda no exercício quixotesto da pesquisa e da análise de produção dos mais variados gêneros da arte narrativa e da poesia. Assentado sobre uma obra de poucos livros, mas de inegável consistência onde sobressaem *A Estrutura Desmontada* e *O Quadrilátero das Secas*, aquele um percuciente estudo sobre duas novelas de Durval Aires, este uma investigação abalizada dos aspectos sócio-econômicos e climáticos que envolvem o perímetro das secas no Nordeste, F.S. Nascimento dá a lume agora *Apologia de Augusto dos Anjos e Outros Estudos*, saído pela Editora da Universidade Federal do Ceará, na Coleção Alagadiço Novo que já conta com nomes expressivos da intelectualidade cearense.

Esta *Apologia* de F.S. Nascimento, na verdade, são várias apologias, texto críticos escritos com seriedade e lucidez e anteriormente publicados em jornais cearenses e de outros estados, bem como palestras e conferências como a que pronunciou na Universidade de Fortaleza em fórum que homenageou o poeta piauiense Da Costa e Silva e que trata das pioneiras “experiências de modernidade” do vate, cuja vertente criativa tem sido conhecida em apenas duas dimensões: a simbolista e a parnasiana. F.S. Nascimento, numa análise meticulosa dos signos poéticos usados por Da Costa e Silva, consegue demonstrar que “todos os arrojados vanguardistas” do poeta maior do Piauí aconteceram antes de 1917 e, portanto, com mais de cinco anos de antecipação à Semana de Arte Moderna — a grande revolução estética brasileira deste século.

O título do livro de F.S. Nascimento surgiu a propósito da crítica feita ao trabalho do professor Antônio Martins Filho sobre o poeta do *Eu*, o paraibano Augusto dos Anjos. Realçando que o Reitor Emérito da UFC, o operário das letras, não intentou realizar um trabalho de crítica literária, F.S. Nascimento lembra, no entanto, que o prof. Martins Filho produziu um elogio acadêmico dos mais dignificantes ao poeta brasileiro que mais se aproximou de Charles Baudelaire, “em que se vê cruamente realçados os espetáculos da miséria, da depravação social, do vício e da maldade humana”.

Entre os “outros estudos” que acompanham a crítica ao livro do professor Martins Filho vale ressaltar, sem qualquer menosprezo a qualquer um dos que aqui não forem enumerados, a abordagem que F.S. Nascimento faz sobre *O Quinze*, de Raquel de Queiroz; sobre o fazer poético de Márcio Catunda, a ficção de Alcides Pinto em *O Dragão*, *A Metodologia de Guatave Lanson*, onde defende o crítico francês da pena de Afrânio Coutinho, que considerava o “lansonismo” ultrapassado.

Ainda aqui é mister não esquecer os trabalhos que versam sobre Antônio Conselheiro e José Marrocos, duas figuras que se alteiam como arquétipos da nordestinidade rebelada. O primeiro, símbolo do messianismo caboclo, criou ilusões, destruiu batalhões e virou mito; o segundo fez da pena uma

arma que disparava com sua inteligência contra os paladinos da opressão, porque o seu anseio maior era um mundo de igualdade e solidariedade humanas a partir dos “cosmos” carienses. Quanta utopia a laurear a vida dessas duas figuras ímpares do Nordeste brasileiro!

Por final, cumpre voltarmos à página 17 do livro de F.S. Nascimento para repelirmos as afirmações dele que se autoproclama “uma das vítimas desse processo de crucificação pelo silêncio,” ao se referir ao pouco caso que se faz das obras de crítica literária, a não ser a honrosa leitura de “meia dúzia da clientela intelectualizada”. No meu entender esse mestre da crítica cearense pensando com pessimismo fez uma afirmação otimista, porque, a rigor, hoje são raríssimos aqueles que usam o tempo em boa leitura, infelizmente os “enlatados” televisivos, os muitos chamamentos da sociedade moderna e, sobretudo, a má qualidade do ensino têm afastado os jovens — principalmente estes — do convívio salutar de todos os livros. Concordo apenas ser a crítica a mais sofrida, mas certamente porque ainda não leram livros como *Apologia de Augusto dos Anjos e Outros Estudos*. Este deveria ser adotado pelos professores de Literatura Brasileira e Cearense.

Bernardina Vilar

BILHETE

Dandinha Vilar

Meu amor: desde o dia em que partiste
Tudo mudou consideravelmente
Até a natureza ficou triste
E as flores murcharam de repente.

Alegria pra mim já não existe...
Somente a solidão se faz presente!
E no abandono em que esta dor me assiste
Meu peito chora convulsivamente.

No momento daquela despedida
Tu levaste contigo a minha vida
E os meus sonhos de amor, felicidade...

Ja que nada ficou, te escrevo agora:
Se não voltas, minh'alma então te implora
Que não mandes buscar esta saudade!

O RIO PARANAPANEMA

Dandinha Vilar

As entranhas da terra penetrando
Seren e calmo o rio vai correndo.
Entre morros e matas deslizando
Moroso e lento, curvas descrevendo.

Tranquilo e belo segue se arrastando,
Pretensioso, o vale percorrendo;
Nas águas as paisagens espelhando
Como imagens de paz oferecendo.

E com soberania, ei-lo seguindo
Orgulhoso e sutil, indiferente,
Como um braço de mar de águas mansas.

Não lhe importa o que deixa. Prosseguindo,
Vaidoso e forte vai marchando em frente
Como quem busca novas esperanças.

Ourinhos — São Paulo, 25-12-89

TARDE TRISTE

Dandinha Vilar

Chove. A tarde triste está nublada...
E melancólica a chuva cai de leve...
Sutil, silenciosa e embaçada
Como se fosse um grande véu de neve.

Há silêncio no ar. Pela calçada
Desliza o pranto que a esta chuva deve.
Molha as plantas. E a rosa desbotada
Sente fugir a sua vida em breve.

O tempo transformou-se. Escurecendo
Fugiu o sol. E nuvens pesarosas
Derramam lentamente um frio pranto.

O silêncio, as lembranças envolvendo
Traz saudade em recordações chorosas
Num cenário de encanto e desencanto.

Pinheiros — São Paulo, 26-12-89

BOM DIA, SAUDADE

Dandinha Vilar

Bom dia, meu amor! Tudo desperta
Para um dia de novas esperanças!
E eu vejo o sol pela janela aberta
Do infinito, no início das andanças.

Mas eis que nuvem turva lhe acoberta
E fixa em meu olhar tristes lembranças.
Foge o sol, foge a luz e a dor me aperta
O Coração, que esta tristeza alcança.

Bom dia, minhas flores que murcharam!
Meus pássaros que, tristes, se calaram
Envoltos por um véu de soledade.

Bom dia então, minha tristeza triste!
Que dentro em mim, em me magoar persiste...
Bom dia, meu amor, minha saudade!

PARALELAS

Dandinha Vilar

Pela margem esquerda eu vou seguindo,
E na orla direita, vais andando...
Assim, distanciados, vamos indo,
E entre nós um rio deslizando.

Se o crepúsculo tristonho vai caindo
Eu sozinha já estou me retirando
Mas se a aurora desponta e o sol vem vindo
Certamente tu vens te aproximando.

Não te encontro e nunca me acompanhas...
Mas nossas almas solfejando hinos
De esperanças, modulan árias belas!

E só nos vem desilusões tamanhas...
Tudo isto porque nossos destinos
Simplesmente são linhas paralelas.

DESCANSO LÍRICO

Zénith Feitosa

Meu Deus! Coisa Mais Linda! A borboleta,
asas unidas, dorme sobre o galho
de uma roseira... E é pétala-silhueta
de rosa desbotada pelo orvalho!

Veludo em tons escuros de violeta,
então a noite é sombra e é-lhe agasalho.
Ei-la tão quieta... Mas, quanta historieta;
vivenciada em seu lírico trabalho!

Fatos, quem sabe; da singela vida
de pequeninos seres, por exemplo:
folhas, abelha, passarinhos e flor.

Toque de minha mão, despercebida,
que a afastou, por momentos, desse templo
onde a Criação é rito de esplendor!

COISAS SIMPLES

Bem simples são as coisas por que anseio.
Meu Deus, quisera tanto consegui-las!
Existe, e é bem possível, sim, um meio:
— asas dar à alma, oníricas, tranqüilas!

Em vôos com a minha alma então passeio.
As coisas simples... Como é bom senti-las:
— cheiro de mato em cercas vivas; veio
d'água, a correr... E os guardo nas pupilas.

Na serra o debruçar-se do horizonte;
herva e flor; voz de pássaro e de fonte;
pedra em que sento, à beira de um caminho...

Misto de sonho, borboleta e folha
na árvore que, leve, se desfolha...
Coisa tão simples... Na alma as acarinho!

MINHA LENDA

Sinto-me bem. Em feéricos domínios
de sonho, armei a minha humilde tenda.
E, sem que nada me limite ou prenda,
tento cantar-lhes os sutis fascínios.

Tanto esplendor em pompas os desvenda!
E os panoramas líricos, define-os!
E em torno desses mágicos escrínios,
de Arte e Poesia — formo soave lenda...

Componho em versos uma ingênua história
em que, às vezes, e Amor é personagem
de sortilégios múltiplos... Que importa?

Sim, o futuro que me importa? É glória
então contá-la, rindo à azul miragem
do sono, que me alenta e reconforta!

ABISSAL

Profundamente,
com muito amor e calma, muita calma,
mergulhar as mãos da alma
bem dentro do coração...
E trazê-las depois, num retorno de sonho,
repletas de vivências e lembranças,
impregnadas do ar das múltiplas andanças
pelos caminhos múltiplos da vida
e até pelos atalhos subjetivos da ilusão...
Que importa sangrem um pouco?... Ou muito?...
— Isso é emoção!

ENTRE AS ESTRELAS

Pudesse eu arrumar minhas líricas malas,
Pondo nelas sonho e estro e, rumo das estrelas,
para sempre partir, a fim de visitá-las,
e as galáxias do Cosmo; inteiras, percorrê-las.

Convidativas são em suas mudas falas!
Seu contínuo piscar diz-me que, errado, pelas
infundas vastidões, um dia, hei de alcançá-las
e, tonta de estesia e enlevo, conhecê-las.

Pudesse eu arrumar assim minha bagagem,
e realizando então a derradeira viagem
a Via Láctea usar qual último caminho.

Quem sabe, lá, naquela estrela que ora vejo,
recamado de sóis, a dardejar lampejo,
com amor, estejas tu, esteja o teu carinho.

NAPOLEÃO NEVES DA LUZ

ENGENHO DE BOIS

Talvez ninguém saiba ver,
Nem sinta no coração,
Aquela doce emoção
Que há muito eu já senti
Como ninguém sentiu tanto,
No tempo da minha infância
Tão longe, já, na distância
Do tempo que já vivi.

O trabalho começava
Sempre em plena madrugada
Escura ou enluarada,
Ao começar a moer,
Duas juntas de bois mansos
De dois a dois encangados,
A uma almanjarra atrelados
Numa faina de doer.

Em um ponto a esta oposta
Outra almanjarra existia
Cujo valor consistia
Em a esta equilibrar,
Rodava ela o dia inteiro
E sempre desocupada.
Era ali que a meninada
Ficava sempre a rodar.

Eu rodava na almanjarra
Oposto à que aos bois atrela,
Eu correndo atrás dela,
Ela correndo de mim.
Cedo me dava a lição
De que a felicidade
Buscada com ansiedade
De nós foge sempre assim.

Inda me lembro dos nomes
De alguns dos bois afamados
Fortes, grandes, arroubados
Com muita força e vigor.
Era "Aladin" e "Retroz",
"Lavarinto" e "Prateado",
Conjunto valorizado,
Que dá força era o senhor.

"Pinga Fogo", "Labareda",
"Boa Sorte", "Boa Fama",
A que todo mundo clama
A boiada de encher.
Enchia o parol de cima,
Enchia o parol de baixo,
Enchia caldeiras, tachos
Se eles estão a moer.

Havia também "Moreno"
E também o "Canguçu"
Formando pares iguais,
A se revezar na luta
Que durava todo o dia,
Lembrei-me do boi "Cutia"
E os outros não lembro mais.

Quando tudo estava cheio
E era cana de baixio,
Descia qual fosse um rio
Mais garapa p'ro parol,
Então, para encabular,
Chicó, com a cara melada,
Perguntava da escada:
Dá pra terminar com sol?

Era animada a moagem
No engenho movido a bois
E que só tempos depois,
Mudaram para motor,
Tudo muda nesta vida,
Muda amor e mudam sonhos
Que de alegres e risonhos
Terminam trazendo dor.

Ninguém mais fica rodando
Em almanjarra montado,
Isto é coisa do passado,
Não se pode reagir.
As almanjarras da vida
Nunca param de andar
Se em uma fico a rodar,
A outra fica a fugir!

A gente nota que tudo
Nesta vida, já mudou,
Até a cana passou,
Não é mais o que já foi.
Não há mais cana caiana,
Acabou-se a cana rosa,
Que era mole e saborosa
No engenho puxado a boi.

A cana que era tão doce
Hoje é dura de chupar,
Mesmo que você plantar,
Adoece e não resiste!
Não posso compreender
Porque até na doçura
Que adoçava a criatura
Somente dureza existe!

Já começava a luta
Bem antes do sol nascer
Para os paróis encher
E garapa acumular,
Pois sendo a fornalha boa
E pontos sempre saindo,
Garapa não existindo,
Os tachos vão "chichilar".

Tange os bois, João Catarina,
Metete cana, Zé Zidoro,
Quase nada eu ignoro,
Tira bagaço, Chicó,
Espalha-o, Antônio Braz,
Todos estes, no engenho,
Que é de que mais eu tenho
Muita saudade e dó!

Mas, também, lá na fornalha
Onde é feita a rapadura
Em uma faina tão dura,
Metete o fogo, seu Romão,
Quem limpa garapa é flor,
O mestre é Zé Maricor,
Mexete o ponto, Gavião.

E à beira da gamela
Caixiando a rapadura
Com mão ágil e segura
Em uma faina sem fim,
Estavam Zé Mariano
E o Napoleão Preto
Negro bom e sempre reto,
Gostava muito de mim.

E lá no corte da cana,
Antônio Izidoro era,
No facão, sempre uma fera,
Com ele Antônio Tinim,
Toda gente os respeitava,
Deixavam todos pra trás,
Fosse o mais forte rapaz
Respeitava-os no Jardim.

E, a transportar a cana,
Do corte para o engenho,
Não fazendo grande empenho
E falando o dia inteiro,
Existia um personagem
Que é muito conhecido
E com gente é parecido;
Não é gente, é cambiteiro!

Quando, disto, me recordo,
Que grande saudade tenho
Do tempo bom do engenho
Puxado, somente, a boi!
Depois, chegou o motor
Que só me trouxe desgosto,
Deixa-me lágrimas no rosto
Do tempo bom que se foi.

Ao me lembrar da almanjarra,
Às vezes fico a pensar
E a memória a passear,
Levando vida fagueira.
Mergulho a recordação
No que nunca eu esqueci,
No tempo bom que vivi
Brincando na bagaceira.

As moendas que moiam,
Esmagando, bem, a cana
Fosse a rosa ou a caiana,
Iam produzindo mel.
O engenho da minha vida
Gira, sempre, a me esmagar
E, depois, de triturar
Só produz amargo fel!

Se a vida tem almanjarras,
Em uma fico a rodar
E a outra, sempre, a girar
Em uma eterna moagem
Jamais com outra me encontro,
Se busco a felicidade
Eu reconheço a verdade:
Felicidade é miragem!

Napoleão Neves da Luz.

Jardim, Ceará, junho de 1990.

(Do livro "Raios do Sol Poente")

CRATO ONTEM E HOJE

Maria Iára de Araújo Mourão

CRATO das cadeiras nas calçadas e os vizinhos se confraternizando, dialogando sobre assuntos do dia-a-dia — Dona Nininha Pereira, Dr. Tadeu e Dona Zenilda, Sr. João Lima e Dona Zezinha, Zenir, Papai e Mamãe... Rua Nelson Alencar!

CRATO, das praças bonitas e jardins repletos de rosas “La França Amélia, Sangue de Cristo” e “Canteiros de boa-noite”, sem nenhuma invasão pública. CRATO, da Praça Francisco Sá, do Cristo, da “Coluna da hora”, hora marcada por relógio de badalar afinado e pontual.

CRATO, da Estação Ferroviária, de familiares e amigos ansiosos à espera do bater do sino, avisando que o trem já se aproximava. CRATO, dos “chapeados” carregando malas de pessoas que a pé, fagueiras e conversando, se dirigiam para suas casas ou Crato Hotel. CRATO, dos automóveis, na sua maioria pretos e confortáveis, fretados, conduzindo os mais abastados às suas residências. Crato do jornaleiro, “olha o Jornal o *Correio* e *O Povo*, quem quer... quem quer comprar?” Papai, assíduo comprador.

CRATO, da festa de setembro, da padroeira Nossa Senhora da Penha das quermesses, dos partidos azul e vermelho, do vaivém das mocinhas, cada dia vestindo uma roupa nova e a expectativa dos encontros escondidos com namorados e flertes dirigidos a rapazes sonhadores e românticos.

CRATO, do Colégio Diocesano, seu externato e internato masculino Pe. Montenegro, na direção do ensino, oferecendo aos estudantes locais e dos municípios circunvizinhos, um aprendizado de nível. Taí para provar os inúmeros nomes ilustres de homens que passaram por este setor educacional.

CRATO, do Colégio Santa Tereza de Jesus, das Madres Feitosa, Cecília e irmã Alves, minha primeira professora de piano. CRATO, das estudantes de saia vermelha e de pregas, blusa branca de cambraia, mangas compridas e meias longas, sentadas no patamar da Igreja da Sé ou namorando no “beco da Igreja”, aguardando o iniciar das aulas e esquecendo a mesma, correndo apressadas para encontrar o portão aberto e controlado pela fiel Toinha.

CRATO, do professor Arnaldo Salpeter, professor de piano, exímio músico, que tocava e regia a orquestra que animava os bailes do Crato Tênis Clube para sua seleta sociedade e proporcionava concertos de piano dos quais eu fazia parte.

CRATO, do mês de junho frio, das festas juninas caracterizadas com carros de bois, como transporte, moças e rapazes vestidos à caráter, Guiomar, minha prima, era uma graça na sua roupa de roça e ensaiando um linguajar matuto!

CRATO, da Praça Siqueira Campos, local de encontro diário, enfatizando os sábados e domingos, dos jovens, velhos e crianças e onde nasciam flertes, namoros e posteriores casamentos. Tinha ainda a retreta!

CRATO do Cine Cassino, seu primeiro cinema, Cine Moderno, os filmes românticos, seriados do Zorro e os filmes do Gordo e o Magro!

CRATO, da sorveteria Glória, do meu avô Luiz Martins, onde saboreávamos um sorvete com frutas naturais e um cachorro quente, como nunca mais vi igual.

CRATO, do circo, "Circo Teatro Show" dos palhaços de pernas de pau, "hoje tem palhaçada? tem sim senhor!", respondia a galera.

CRATO, do banho na "nascente", local turístico da época, belo pela sua simplicidade, e quando só a natureza era a arquitetura.

CRATO, do Lameiro, seus sítios, seus pés de mangas rosa e espada de olhos d'água, dona Zulmira e Sr. Aderson Alencar, dos engenhos, das rapaduras, da garapa e do alfinin.

CRATO, do Seminário, fincado no alto, suas inúmeras janelas, coberto por vegetação verde, de onde saíram tantos padres, Pe. Vieira, famoso escritor e do Monsenhor Rocha.

CRATO católico e de tantas igrejas.

CRATO, do Rotary Club, seus sócios, entre estes os Srs. Cândido Monteiro, Jefferson Albuquerque, Orestes, Alexandre Sauly Mourão, meu pai, um de seus presidentes.

CRATO, da amplificadora Cratense, da crônica "Boa noite para você", com fundo musical contendo música de Glenn Miller e lida pelo competente radialista Wilson Machado.

CRATO, da Ave Maria às 18 horas, do Natal à meia-noite, com homenagem ao Deus menino, "Papai-Noel... que é que você tem?..." e eu criança, a espera do presente.

CRATO, da Dona Ceicinha, parteira experiente e querida, que através de suas mãos trouxe tantas crianças ao mundo, no Crato de ontem e que se transformaram no Crato de hoje, em gente culta, meus irmãos Ivens Roberto, engenheiro civil, Antônio Marcelo, médico, Mourão, economista Alexandre, engenheiro mecânico, e como eles tantos outros (as).

CRATO, da minha saudade, minha juventude, das colegas Maria Lúcia, Jadey, Aracy, La Salete, Irismar, Ivone, Marfisa e Ita Ayres, Arey do Sr. Jorge Lucety e Dona Auxiliadora, (lamentavelmente mortos) hoje tão sofrida, pela incapacidade de sua família, não compreender a gravidade e os delírios da esquizofrenia paranóide! de *Hoje* e cientificar para *seus filhos* e para *mim*, **COMO AMO VOCÊ!**

Maria Iára de Araújo Mourão, Assistente Social, funcionária pública, Órgão: Secretaria de Saúde do Estado.

Fortaleza, 30 de novembro de 1990.

NAPOLEÃO TAVARES NEVES

O Ceará perde Reinaldo Carleial

Barbalha, 13-4-91.

– Napoleão Tavares Neves

Aos oitenta anos de idade, faleceu ontem em Fortaleza o grande barbalhense, Dr. Reinaldo Carleial, um intelectual consumado, poeta dos melhores que o Ceará já teve, um beletриста na verdadeira acepção do termo. Reinaldo Carleial nasceu em Barbalha em 1910, formou-se em Direito na Bahia, andou pelo Sul do País e finalmente fixou-se em Fortaleza, onde vivia lendo e escrevendo.

Era a sensibilidade personificada, pertencendo a quase todas as instituições culturais de Fortaleza, inclusive à Academia Cearense da Língua Portuguesa.

Reinaldo Carleial sempre que podia vinha rever a sua cidade de Barbalha, mas ultimamente estava definhando muito por causa de terrível artrismo, mas vez por outra ainda me telefonava. Com o seu desaparecimento, Barbalha perdeu um homem de bem a toda prova e as letras cearenses perderam um grande orador e um primoroso poeta. Como sonetista, Reinaldo Carleial se comparava ao Padre Antônio Tomás! Era realmente um poeta de mancha, poeta clássico, com rica rima, métrica perfeita, ritmo invejável e conteúdo de ímpar beleza, sempre com uma mensagem edificante fundamentada sobretudo na ecologia e no acendrado amor à natureza.

Era poeta com todas as letras, magnífica figura humana, escritor e romancista de muito talento e opulenta cultura geral. Pesquisador impenitente, genealogista vocacionado, Reinaldo Carleial era uma figura muito simpática, profundamente humano e extraordinariamente educado! Com sua morte Barbalha perde um dos seus mais ilustres filhos e talvez o seu mais refinado intelectual, um literato que sempre honrou as letras cearenses pelo brilho da sua inteligência e pela beleza do seu talento.

Ao registrar o seu óbito nesta modesta crônica, eu fico com a sensação incômoda de que nada disse do muito que ele tinha para ser dito! Mais uma vez sou forçado a dizer: HONRA AO MÉRITO!

FILHO DE “LUIZ PADRE” NO CONGRESSO NACIONAL:

Eleito pelo jovem Estado do Tocantins, está no Congresso Nacional o prof. Hagahús de Araújo e Silva, como Deputado Federal. Até aí tudo muito

normal. Mas a coisa muda de feição quando se sabe que Hagahús de Araújo e Silva é um dos filhos de "Luiz Padre", o célebre vingador da família Pereira, do Pajeú de Flores, que de aproximadamente 1916 a 1919, ficou famoso em todo o Nordeste pela valentia do seu indomável rifle, ao lado do seu primo Sinhô Pereira! Incrível mas verdade e verdade gostosa de se proclamar! Pois bem, Hagahús de Araújo e Silva emergiu por seu próprio valor, pertinácia e muito trabalho. E para que se possa aquilatar o seu alto gabarito político e cultural ouçamos a seguir um dos seus concisos e objetivos pronunciamentos na tribuna da Câmara dos Deputados:

Senhor Presidente, Senhoras e Senhores Deputados, o Projeto da Reconstrução Nacional, lançado recentemente à discussão da sociedade brasileira, contém no seu bojo, algumas distorção que precisam ser sanadas, sob pena de perder a eficácia do seu conjunto.

Refiro-me, aqui, especificamente, às discriminações estabelecidas entre as áreas industrial e agrícola.

Enquanto para a indústria são previstas isenções de IPI e ICMS, que visam a redução dos custos de investimentos, a agricultura, ao contrário do que se esperava, não goza de tais benefícios.

Em todos os países industrializados, no chamado Primeiro Mundo, inclusive a Comunidade Econômica Européia, a agricultura é subsidiada. Aqui, é o contrário. É uma atividade de alto risco e o caminho mais curto para a insolvência. Um trator agrícola, de pneus, chega a custar mais caro do que um automóvel de luxo. E o pior, preços irrealis para o produto, resultam em um País, com 8,5 milhões de quilômetros quadrados e muita terra fértil, importando carne, leite e cereais.

Implementar mudanças no setor industrial, relegando a segundo plano o setor agrícola, é implantar a instabilidade na economia como um todo. Ao invés do desenvolvimento, presenciaremos, a curto prazo, a deteriorização do quadro geral e o agravamento da crise, com reflexos desastrosos na área social.

Enquanto, Senhor Presidente, Senhoras e Senhores Deputados, é montado todo um arcabouço de proteção ao setor industrial, quase nada é proposto no que tange à agricultura.

No conjunto articulado de ações, visando o desenvolvimento do setor agrícola, é necessário que, nos moldes como foi proposto no "Projeto", para o setor industrial, seja concedida isenção de tributos na aquisição de máquinas e equipamentos para redução também dos custos dos investimentos agrícolas.

Com estas medidas, permite-se uma expressiva redução de preços e do aumento da produção importante para a retomada do processo de moderni-

zação do setor e, conseqüentemente, dos níveis de produtividade e redução da fome que envergonha o povo brasileiro.

Era o que tinha a dizer.

Hagahús Araújo
Deputado Federal

Vejam os leitores como são insondáveis os desígnios de Deus: um filho de "Luiz Padre" no Congresso Nacional representando um estado muito distante do seu indomável Pernambuco! Realmente tem razão o violeiro nordestino: o mundo tem quatro vês: vai, vira, volta e vem!

Barbalha, 24-4-91.

— Napoleão Tavares Neves.

TROVAS

Correia Coelho

Você já viu neste momento
Terra melhor o Crato?
Faça um estudo profundo
E o cratense lhe é grato!

Crato é bom pra valer:
Tem tudo o que você quer,
Bom convívio e bem-querer
Com a graça da mulher.

Siqueira Campos é a praça
No coração da cidade.
Bater “papo” é a “cachaça”,
Esta é que é a verdade.

Política... Vê-se a fundo!
E vai-se até mais além:
Fala-se de todo o mundo,
Sem agravar a ninguém.

Crato é uma cidade
Ótima de se morar:
Para os de boa vontade,
Há sempre espaço e lugar.

Esmeraldo, o professor,
A fazer livros de trovas,
Trabalhando com amor
Em descobrir coisas novas.

Crato é muito habitado,
Na cidade e nos aceiros:
Contando-se com cuidado,
Há cento e meio de milheiros.

Crato é abalisado,
Tem Bispado e coisas mais,
No Nordeste é um “achado”,
Com bases estruturais.

Temos Universidade,
Coisa rara no Nordeste,
Desenvolvendo a cidade,
Olhando a zona campestre.

Aqui tem-se a Petrobrás
E um grande Hemocentro:
Progresso que satisfaz,
Isto é o Crato por dentro.

Vá ao Clube do Pimenta,
E veja aquele colosso,
Sucesso que se sustenta
Na fibra do nosso esforço.

Conheça o Clube Granjeiro,
Um lugar paradisíaco,
O nativo ou forasteiro
Diz-se por ele maníaco.

Vá de ladeira acima,
Chegue até ao pé da serra.
Desfrute aquele bom clima,
Privilégio desta terra.

A beleza da Araripe
Para a gente contemplar,
Só um trabalho de equipe
É capaz de decantar.

Você diz: Crato não vai...
Faz disto até teimosia.
O pessimismo não sai
Da tese que o atrofia.

Crato é muito gostoso,
Com sua lenda e fantasia:
Não queira ser tão teimoso,
Teimando o que não sabia.

Crato é, pois, esta alegria.
Aqui, o querer profundo:
O Crato eu não trocaria
Pelo restante do mundo!...

D. LEOPOLDINA, NOSSA PRIMEIRA IMPERATRIZ

Tenho lido, nos últimos tempos, artigos sobre as virtudes morais da segunda Imperatriz brasileira, Dona Teresa Cristina. Na verdade aquela respeitável senhora é digna de toda admiração, por parte das novas gerações. Entretanto, não podemos olvidar, também, a nossa primeira Imperatriz, Dona Maria Leopoldina. A ela muito deve o Brasil, principalmente porque a influência que exercia sobre seu esposo, D. Pedro I, foi decisiva para a nossa independência, ocorrida a 7 de Setembro de 1822.

Maria Leopoldina Josefa Carolina de Habsburgo Lorena, nasceu em Viena, Áustria, a 22 de janeiro de 1797. Era filha do Imperador Francisco I, da Áustria, e de sua esposa Maria de Teresa Bourbon-Nápoles. Quando D. João VI viu que era tempo de casar o primogênito Pedro, mandou um embaixador às casas reais da Europa, em busca de uma princesa de alta linhagem. Apareceu finalmente uma candidata na corte vienense, que correspondia aos desígnios de D. João VI. Era a Arquiduquesa Maria Leopoldina, de dezenove anos, irmã da segunda esposa de Napoleão, Maria Luiza. Uma bela fotografia de Dom Pedro, com moldura cravejada de diamantes, foi mostrada pelo Embaixador do Rei João — o Marquês de Marialva — à jovem Habsburgo que dela se enamorou...

Dona Leopoldina possuía um breviário de máximas, onde ainda hoje se pode ler o que escrevia, sempre em francês. Vejamos algumas frases: "Meu coração permanecerá para sempre fechado contra o espírito pervertido do mundo; longe de mim todas as despesas inúteis, o luxo prejudicial, as roupagens indecentes e os mundanismos e roupas escandalosas." Outra: "Certa de que estou inteiramente às vistas de Deus, vestir-me-ei com a maior modéstia possível."

Dada a incomensurável distância que separava os noivos, o idílio principesco teve de ser desempenhado por procuração. Foi o irmão do Imperador, o Arquiduque Karl, que representou D. Pedro na cerimônia do noivado realizado com toda pompa.

Saindo da Áustria, em direção ao Brasil, a Arquiduquesa Leopoldina passou oitenta e seis longos dias em alto mar até que no dia 6 de novembro de 1817 chegou à Baía da Guanabara. Do seu casamento com D. Pedro I, a primeira Imperatriz do Brasil teve seis filhos, entre os quais, D. Maria da Glória, a primogênita que foi Rainha de Portugal, e D. Pedro II, o caçula, que foi Imperador do Brasil.

Dona Maria Leopoldina amou profundamente o Brasil e os brasileiros. Era dotada de uma dignidade exemplar. Dedicou-se totalmente ao esposo e aos filhos. Mesmo quando teve conhecimento do relacionamento amoroso

de D. Pedro I com a senhora Domitila de Castro Canto e Melo (a Marquesa de Santos) foi de uma postura admirável. Sofreu em silêncio as infidelidades do nosso primeiro Imperador.

Esses sofrimentos contribuíram para abreviar sua passagem por esta terra. Morreu muito cedo, aos 29 anos, no dia 11 de dezembro de 1826, deixando para o recém-fundado Estado brasileiro, um exemplo de virtude cristãs, dignidade e honra.

Das duas Imperatrizes brasileiras (D. Leopoldina e D. Teresa Cristina) é descendente o atual Chefe da Casa Imperial Brasileira, D. Luiz de Orleans e Bragança.

*“A religião é um grande sonho. O
sonho não é menos; o sonho é mais.”*

Rubem Alves

OCARA: Um cemitério que não morre

A comemoração tem data marcada, invariável. O tempo é sagrado, imutável. É dia de Todos os Santos e dia de Finados em Ocara. No entanto, a festa irrompe no cotidiano e perturba as regras habituais de vida. Estranha e familiar essa festa.

Em outras latitudes, o culto dos mortos é marcado pela tristeza outonal, em Ocara a festa se dá em plena luz de verão, “na força da castanha”, quando ainda tem cajus a catar nos quintais. Durante esses dois dias, os guardiões oficiais ou não de uma ortodoxia moral e ritual, defrontam-se com um catolicismo imprevisível nas suas manifestações. Ao invés de juntar a população, a festa revela comportamentos heterogêneos convivendo num clima de tolerância forçada. Quem estiver à procura de uma celebração eminentemente cristã e de missas solenes ficará sem um ponto de referência ritual e sem a pompa litúrgica esperada.

Até o padre ficou admirado quando chegou ao lugar: “Essa festa aqui me pareceu estranha. No primeiro ano apenas eu fiquei observando, aqui não costumava celebrar, e a festa não tinha nada de religioso, só a visita ao cemitério.”⁽¹⁾ Padre Eudásio prossegue citando os pontos estratégicos da festa; de fato, que os santos perdoem, a concorrência é múltipla: as bancas de jogo, o parque, o comércio, o forró, as “primas” acampadas no cajueiral do Bento, o cemitério, são templos abertos onde se aposta no dinheiro, no sexo ou no gozo eterno no seio de Deus. “É uma festa pra todo mundo, né? Porque pra quem vai rezar, pra quem vai namorar, e pra quem vai acender vela, e pra quem vai... lá pra quadra do Bento, né! Dá pra todos!”⁽²⁾

É o beco de Santo Antônio que nos leva à quadra do Bento. Ironia toponímica, malícia dos homens ou indulgência do santo? Em todo caso, na passagem noturna do dia de Todos os Santos para a celebração de Finados, o prestigiado santo casamenteiro não será chamado para exercer seus poderes. Nessa “noite de perdição” não lhe valerá de nada a sua afamada habilidade de encontrar o que se perdeu. As “primas” vieram de Fortaleza, de Quixadá, de Pacajus, de todo canto, para ganhar o pão, oferecendo prazeres efêmeros com sabor de licenciosidade forasteira.

(1) Padre José Eudásio do Nascimento Flores, originário de Canindé, nomeado há três anos na sede paroquial de Nossa Senhora das Graças em Ideal. Residência alternativa em Ideal, Curupira e Ocara (capela de Santo Antônio). Entrevista 1990.

(2) Regine, moradora de Vila São Marcus, subúrbio de Ocara. Entrevista 1989.

No cajueiral ciscado e frondoso, ninguém parece se preocupar com o valor da penitência. O chão dos mortos e o céu dos santos se refletem no olhar de cristãos pouco preocupados em restringir as suas paixões. Debaixo da copa cúmplice, fertiliza-se a terra, a terra que abriga também o cochilo eterno dos irmãos que já se foram: “não tem nem quarto, não tem nada, é aí ao relento mesmo, no chão, de qualquer maneira”,⁽³⁾ “é todo mundo junto que nem jumento”, precisa o dono da “zona” bucólica.

Nessa região onde o valor das coisas se calcula em arrobas de algodão, sacos de milho e quilos de castanha, muitos denunciavam esse comércio sexual como um aspecto, dentre outros, do espírito ganancioso que varre a cidade de repente.

Nesses dias, trata-se de gastar o dinheiro das safras e colheitas, para engordar o “apurado” dos que vêm de outros interiores, a fim de angariar dinheiro; “o ano passado, não corria quase dinheiro, mas esse ano tá pior porque nem tem castanha e nem tem quase dinheiro”.⁽⁴⁾

Mesmo assim, todos estão presentes. Os vendedores ambulantes que entre vaquejadas e festas de padroeiros e romarias, vêm armar suas bancas de bijuteria ou confecção, até no pé da calçada da igreja; os jogos de caipira e de amarelinha, os miçangueiros, as barracas de caldo, de café e de bolo, os comerciantes locais, o parque Brasil “pra turma rodar”, o dono do forró, a igreja que bem queria melhorar suas finanças, o policiamento que não vacila na cobrança das taxas: “... é o dia da festa deles também, e eles conseguem muito dinheiro pro bolso deles”,⁽⁵⁾ e seu Bento que não arreda o pé do curral onde “mulheres” e fregueses acertam seus namoros. Quem resolver seguir para o cajueiral paga uma taxa, de valor fixo, ao mestre de cerimônia desse lupanar campestre, estendido a céu aberto: “eu tenho que cobrar pela mais feia” avalia o seu Bento, realista e pragmático, lamentando ter que dividir “o apurado no portão” com o sargento. Quanto às “mulheres”, elas nunca deixariam de comparecer: “Elas começaram a vir porque elas sempre gostam desses lugares que junta muita gente, né, é um meio de atacar os homens que têm dinheiro.”⁽⁶⁾ Cada uma fará o seu preço na hora da transação “Tem umas caras e outras mais baratas” precisa o seu Bento, mas enquanto elas não fecharem o negócio com ninguém, elas ficarão expostas à vista, arrebanhada num legítimo “curral de vacas”.

(3) François, agricultor, mora em Ocara. Entrevista 1989.

(4) Bento Evangelista de Lima, 52 anos, tem como profissão: fazer tijolos, de origem paraense, é radicado em Ocara desde 1970, dono e responsável da “zona” do cajueiral desde 1987. Entrevista 1990.

(5) François, agricultor, mora em Ocara. Entrevista 1989.

(6) Conceição: filha de Francisco Correia Marcos, o Chiquinho Marcos nascido em 1922 em Ocara. A família toda é de Ocara.

Entrevista 1990.

O curral foi a solução encontrada para atender ao pedido do padre e da polícia, ambos preocupados em poupar a respeitabilidade e os preceitos morais das famílias tradicionais de Ocara, Município onde não existe nenhum ponto fixo de prostituição, a não ser na noite do dia 1º de novembro de cada ano: “pra cá só vem em finado, confirma o seu Bento, ...antes, elas ficavam do lado de fora, aí o padre achou que era desaforo porque diz que fica no meio das crianças, das famílias... também, elas faziam muita novela na rua, aí o sargento Silva pediu pra mim dar apoio a elas aqui, aí eu ajitei esse curral”. Embora desconfie do caráter pouco lícito da sua iniciativa empresarial, seu Bento não duvida de estar prestando um grande serviço ao compadre Deus: “Rapaz, é errado completo. Mas sob o erro, Deus tem que perdoar porque no meio da rua é mais chafurdado, e aqui fica mais reservado, né?”

Seu Bento intercede por si mesmo, junto a Deus, nada de intermediário nesse contrato bilateral, nada de padre ou de santo. “Tudo que eu me pego é com Deus. Só acredito em Deus, porque eu fui criado como Deus criou batata.” O discurso de seu Bento sugere um anticlericalismo velado e põe à mostra o seu relacionamento privilegiado com Deus. Ele não cita um santo de sua devoção mas demonstra uma disposição ecumênica a toda prova com outras confissões religiosas, não disfarça a sua misoginia, mas fala das “primas” com bastante compaixão, enumera as múltiplas facetas de sua vida espiritual, coordena uma nova distribuição de papéis e nos deixa confundidos e perplexos. Desse conjunto emaranhado e pungente de reflexões, emerge uma convicção “Aqui só se acaba se soltar uma bomba! Mas se não for assim, pode vir padre, pode vir polícia, pode vir o camburão... só se fizer uma cadeia bem grande pra botar todo mundo”. Não há na cidade quem desminta essa persuasão íntima. Parece que todo mundo já sabe que de nada adiantariam pregações moralistas ou medidas repressivas: “até que a gente se convenceu que não tinha jeito, né!” reconhece José Ribeiro ⁽⁷⁾, “Todos os santos não gostam” avisa o poeta do lugar Zé Mitoca, mas o Padre Eudásio explica: “é uma coisa tão rápida que não dá tempo das pessoas reagirem”, ao que Conceição ⁽⁸⁾, membro de uma das famílias mais antigas de Ocara, responde contrapondo uma postura assumida e deliberada de tolerância: “vai quem quer, né, não é obrigado.”

De fato, o clima em torno do assunto revela um sentimento misto de tristeza e indulgência. Se o fato não deixa de ser “desconveniente” (sic), as reivindicações moralistas não se exaltam ao ponto de apregoar a eliminação do prostíbulo rústico, o que nos leva a indagar se, além do caráter de profanação, o fato não assumiria outras significações. Embora sabendo que qualquer

(7) José Ribeiro, integrante da equipe de finanças da paróquia, Ocara, 1989.

(8) Conceição: filha de Francisco Correia Marcos, o Chiquinho Marcos, nascido em 1922. A família toda é de Ocara. Entrevista 1990.

elaboração de sentido é hipotética e sujeita a contravérsias, a concomitância singular da festa das “primas”, da festa de Todos os Santos e da festa de Finados nos provoca a pensar e repensar Ocara.

Ocara ⁽⁹⁾ é uma cidade, como muitas outras pelo mundo, onde se diz “Ele não é daqui, ele é de fora!” Não é lugar de passagem, nem parada obrigatória de viajantes. A BR-116 passa longe, o rio Choró fica perto mas corre por fora e a estrada de ferro de Baturité corta Aracoiaba, umas sete léguas a oeste. “Só casava primo com prima... não entrava ninguém de fora aqui” sentencia Chiquinho Marcos. Não faz tanto tempo assim, uma mulher do povoado se deixava roubar por um rapaz de fora e o fato permanecia na indelével memória do lugar, atravessada de moralismo e xenofobia.

Acontece que na noite do dia 1º de novembro, a festa é dos forasteiros. “Os do lugar” aguardam a sua chegada. Muitos ficam assustados por causa do número de pessoas que vem de fora, alguns não saem de casa por medo de roubo, outros dão vazão ao seu bairrismo genuíno e tranqüilo; há quem se lembre que seu Bento não é daqui... por sua vez o dono do cajueiral, que não quer encrenca, faz questão de ressaltar que tanto as mulheres como a freguesia: “Só vem de fora... daqui não tem não.”

Infelizes forasteiros, eles reavivam a tradição quase universal do bode expiatório, resgatada da mais remota antiguidade. O pecado original e coletivo do cajueiral vem livrar a cidade do flagelo da concupiscência. O apetite sexual dos estranhos tem vigor suficiente para arcar com as tendências pecaminosas e ameaçadoras da ordem social do lugar. Já, na madrugada do dia de Finados, eles vão embora de volta para seus interiores, assumindo uma virtude salvadora, levando consigo o peso do pecado alheio, repulsivos, castigados e banidos em segredo pela gente de Ocara, feliz, inocente, pronta para recomeçar a vida. Seu Bento confirma no seu linguajar sem arroudes: “as pobres que vêm do inferno da pedra, todo mundo tá com os olhos em cima, porque elas vêm buscar dinheiro, mas essas moças barrigudas daqui mesmo, essas moças usadas, ninguém enxerga porque é fia de fulano...”

Será então a festa das “mulheres” um grande rito anual de expiação, com vistas à purificação da aldeia, já que sempre foram poucos os padres que apareciam para acordar a absolvição sacramental?

(9) Ocara

Toponímia: Criado município, desmembrado de Aracoiaba de acordo com a Lei nº 11.415, de 28-12-87. Ocara é palavra da língua tupi para designar palco, terreiro ou terraço da aldeia ou taba.

Limites: Norte: Chorozinho; Sul: Morada Nova; Leste: Cascavel e Oeste. Aracoiaba.

Microrregião: 65 — Serra de Baturité.

População: 16.067 (estimativa julho 1989).

Padroeiro Santo Antônio dados do Anuário do Ceará 1988/1989

Editado por Dorian Sampaio.

Fortaleza, Stylus Comunicações.

A capela passou tempos sem padre, já teve padre querendo fechar as bodegas no dia da festa, “inclusive o pessoal diz que ele é da Caucaia”, outro que era partidário do “farniente” espiritual, “não reunia o povo, não fazia nada, apenas chegava, celebrava, fazia o sermão dele, ia embora” lembra Zé Ribeiro. Ocara teria conservado assim fora do catolicismo apostólico romano de sua sistematização doutrinal, reverenciando santos na ausência de padres, rezando terços na falta de missas. Frente a esse clima de relativa indiferença litúrgica, a Igreja procura atualmente “arrumar um pouquinho” e pôr cada um em seu lugar: “essa festa nunca foi religiosa, ela começou assim para a criação do cemitério”, desabafa Padre Eudásio. De fato, tudo começou com os finados.

Foi na década de vinte que os irmãos Dodó, uns dos primeiros moradores do lugar, resolveram construir um cemitério para os mortos da região, “começaram a pedir na vizinhança ajuda para construir o cemitério, e faziam leilão no dia 1º de novembro”.⁽¹⁰⁾ A festa já teve grandes chefes de noitada como o finado Zé Lopes que trazia uma carrada de prendas da Lagoa do Riacho, e grandes emoções como as primeiras festas dançantes de radiola; “era muito animado porque não existia diversão nenhuma e quando a radiadora chegava aí, que botava a primeira música né, quem tava no roçado apanhando algodão, ficava tudo doido”.⁽¹¹⁾

Enquanto isso, os finados iam chegando, povoando jazigos e túmulos, marcando o seu espaço de uma lápide caiada de branco ou de azul, ou levantando a areia num último suspiro de anjo. “Quem morria no Piancó, quase três léguas, vinha se enterrar aqui... vinha de manhãzinha com a rede, botava um pau nos ombros e trazia o defundo balançando um pra lá outro pra cá, até chegar no cemitério.”⁽¹²⁾

Hoje, a sanfona substituiu a radiola, já tem outros cemitérios e cada um se enterra no seu interior, o leilão não existe mais mas a festa continua, “tradicionou-se”. De mais de vinte léguas ao redor, é gente que chega, familiares e conhecidos, promovendo um “finado animado que faz gosto.” Quando veio para cá, em 1955, Dona Alzira estranhou muito “porque lá no nosso cemitério, lá de Vazante, a gente via o povo chorando, aqui via dançando”.⁽¹³⁾

Na aldeia dos finados, as reflexões perante a morte e a existência *pos mortem*, não se dão termos desejados pela Igreja: “Os que morre, a gente não vê mais, mas os vivos, a gente só se encontra no cemitério, é lá que se pode rever as pessoas...”

O movimento é incessante. Alguns andam por dentro do cemitério à procura de um túmulo invadido pelo mato, outros namoram sentados num

(10) Regina, moradora da Vila São Marcus, subúrbio de Ocara, entrevista 1989.

(11) François, agricultor, mora em Ocara, entrevista 1989.

(12) François, agricultor, mora em Ocara, entrevista 1989.

(13) Alzira Fernandes de Oliveira, originária de Vazante, frequenta a festa desde 1955.

lápide, um bêbado descansa, abraçado a um cruzeiro, muitos rezam o terço e acendem velas, fazendo brotar da sombria morada uma primavera vacilante e noturna. É a vigília dos forasteiros.

Sem receio de ser excomungado, seu Bento compara a animação da sua brincadeira imoral com afluência de gente ao jardim da morte. “É iluminado, bem bonitinho. Vai esperar a noite lá que a senhora vai ver o que é movimento. É o movimento melhor do que tudo no mundo. Até aqui, no curral, ainda é pouco, mas no cemitério é geral.”

É permitido pensar que “as primas” participam dessa reverência coletiva aos mortos, pois a fronteira é fraca e a distância é pouca entre um recinto e outro. O tempo é um só.

É da terra onde se desfaz o corpo, que ressurgem corpos. A pungência da vida opõe à precariedade de nossa passagem no mundo de cá a sua força bruta, incontida, irreprímível.

Angústia de mortal? Afirmção de vida e tentativa de escapar do impacto da morte ou cerimônia propiciatória? Resquícios de crenças milenares “na influência simpática dos sexos sobre a vegetação, que levaram certos povos a entregar-se a suas paixões como meio de fertilizar a terra”?⁽¹⁴⁾ Ritual libertador para aliviar os vivos dos seus pecados? Simples empreendimento comercial? A festa das “mulheres” acontece quando finda o Dia de Todos os Santos e que amanhece o Dia de Finados, no ponto de encontro das forças celestiais e telúricas. O cajueiral vira palco do símbolo dramatizado da penetração da terra pelo céu, e nós ficamos incertos entre o trivial e o magnífico.

Enfraquecimento da fé ou religião reinventada? A festa de Ocara nos revela a originalidade do sentimento metafísico de um povo que não se deixa amortilhar pelo grande silêncio tumular. Ocara sugere “arquétipos novos para a nossa perspectiva em que ainda predomina a tradição ocidental, num continente efetivamente mestiço de cultura”.⁽¹⁵⁾

Inseguros entre o sono da noite e o sonho da vida, Ocara nos evoca Comala, a cidade de Pedro Páramo, no México de Juan Rulfo. Nessa terra onírica o povo se ajeita diretamente com Deus, sem se preocupar com os registros do padre, e os mortos tem a decência de vir se despedir dos vivos, mesmo depois de enterrados. No universo muito real de Ocara, ninguém perde a festa, com ou sem eucaristia. O padre quase se desculpa de querer officiar a missa e seu Bento afirma que Deus não se incomoda com a sua iniciativa, aliás o pastor de Deus como ele mesmo se denomina, fatura no portão, mas manda seu coração ao cemitério para ficar “pensando no (seu)

(14) in “O Ramo de Ouro” — Sir James George Frazer, Ed. Círculo do Livro, São Paulo, p. 65.

(15) Eliane Zagury. Apresentação de Pedro Páramo de Juan Rulfo, Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1977.

povo que morreu”, pois “quem já morreu não quer festa, quer reza”, ensina ele.

Enquanto o poeta do lugar, Zé Mitoca, se diz “não é muito ligado a santo e com medo de finados, o zelador do cemitério afirma: eu não tenho medo de alma, eu tenho medo dos vivos, né”.⁽¹⁶⁾ É que, depois de enterrados, os defuntos se manifestam ainda. A alma de um rapaz apareceu a uma mocinha de Ocara exigindo que o horário da missa de finados fosse trocado. O padre não cedeu e mandou recado: “diga a essa alma que qualquer coisa converse comigo, né!”

A familiaridade com os finados, os mortos que dão palpite, que vão e vêm, lembra a percepção da morte transmitida pelos poetas populares na literatura do cordel. A morte não percebida na sua dimensão trágica, ela deixa de ser irremissível para se tornar provisória, a sua realidade física não é levada em conta. A morte é evocada mas não o cadáver, o morto guarda a sua identidade social e para a eternidade como turista metafísico. A fronteira é fraca entre o mundo terrestre e o além. Quantas vezes Lampião, herói incansável e invencível, não foi mandado para o céu ou para o inferno? E sempre voltou!

Em ocara, os finados promovem até festa, perturbando a continuidade habitual das coisas e a ortodoxia da liturgia católica.

Silenciosos e pacientes, eles aguardam os seus conhecidos, a umas léguas daqui, mais adiante, no paraíso; e com receio de tristeza, os provocadores de sonho, tiveram a última delicadeza de chamar a sua eterna mansão de “Boa Esperança”.

(16) Simão Adlino Fernandes, sessenta anos, coveiro e zelador do Cemitério Boa Esperança há quatro meses, mora em Ocara desde 1942. Entrevista 1990.

PREFEITOS DE JUAZEIRO DO NORTE

Geraldo Menezes Barbosa

Criado o Município de Juazeiro do Norte pelo Decreto nº 1.928, de 22 de julho de 1911, algumas figuras proeminentes da época, como José André, João Bezerra de Menezes e Padre Alencar Peixoto, iniciaram um movimento político em busca da conquista do cargo de prefeito municipal uma vez que o Padre Cícero Romão Batista, já aos 67 anos de idade, informara não desejar entrar nesse mérito político.

Dessa motivação eleitoral em busca da prefeitura, surgiu uma inquietação entre as famílias da terra que, sem a devida experiência para a nova dinâmica política, passaram a se hostilizarem gerando pequenas querelas que iam aumentando com previsões desastrosas.

Percebendo que a paz da cidade estava ameaçada, embora cansado e sofrido, o Padre Cícero só encontrou um caminho para garantir a tranqüilidade de seu povo: ele próprio candidatar-se a prefeito, àquela época chamado intendente. Assim por nomeação direta do Presidente Acióli, assumiu como primeiro Prefeito o Padre Cícero Romão Batista, no dia 4 de outubro de 1911, data em que o novo edil reuniu os 17 chefes políticos da região do Cariri, conseguindo, entre eles, a assinatura do "Pacto dos Coronéis", no qual todos garantiam o respeito mútuo e a ajuda para a paz regional.

RELAÇÃO DOS PREFEITOS MUNICIPAIS DE JUAZEIRO DO NORTE

(Da criação do município à presente data.)

1. Padre Cícero Romão Batista (4-10-1911 a 11-2-1912) — nomeado pelo Presidente Antônio Pinto Nogueira Acióli.
2. José André de Figueiredo (1º-2-1912) — nomeado por Franco Rabelo. Não assumiu.
3. João Bezerra de Menezes (12-2-1912) — nomeado por Franco Rabelo em substituição a José André. Foi deposto em 9-12-1913.
4. Padre Cícero Romão Batista (2-3-1914) — nomeado pelo Presidente Setembrino de Carvalho, até 23-3-1926.
5. José Eleutério de Figueiredo (23-3-1926) — Presidente da Câmara Municipal, assumiu para que o Padre Cícero se candidatasse.
6. Alfeu Ribeiro de Alboin (1º-9-1929) — eleito pelo voto no partido do Presidente Matos Peixoto, e logo adere à Aliança Liberal, partido contra o Padre Cícero.
7. José Geraldo da Cruz (10-10-1930 a 28-7-1933) — nomeado pelo Interventor Dr. Fernandes Távora, recém-assumido.

- 8 Capitão João de Pinho (20-7-1933 a 2-9-1933) — nomeado por dois meses, sendo ele do Exército.
9. Zacarias Albuquerque (2-9-1933 a 20-9-1933) — nomeado pelo interventor Távora.
10. Porfírio de Lima Filho (20-3-1933 a 7-10-1934) — nomeado. Ele, Coronel da Polícia Estadual — construiu muitos calçamentos.
11. José Geraldo da Cruz (8-10-1934 a 1º-6-1935) — nomeado p/ interventor.
12. Francisco Néri da Costa Morato (1º-6-1935 a 21-3-1936) — nomeado p/ interventor. Construiu a Coluna da Hora.
13. José Geraldo da Cruz (29-3-1936 a 10-11-1937) — eleito pelo povo e deposto pelo golpes de estado p/Getúlio Vargas.
14. Antônio Pita (11-11-1937 a 30-6-1943) — nomeado p/ interventor.
15. Possidônio da Silva Bem (1º-7-1943 a 11-6-1945) — nomeado p/ interventor.
16. Antônio Conserva Feitosa (18-6-1945 a 22-11-1945) — nomeado p/ interventor.
17. José de Sousa Menezes (23-4-1945 a 30-11-45) — assumiu o cargo na qualidade de Secretário da Prefeitura.
18. Vicente Bezerra (11-12-1945 a 30-4-1946) — nomeado p/interventor.
19. José Geraldo da Cruz (1º-5-1946 a 15-12-1946) — nomeado p/interventor.
20. Cap. Porfírio de Lima (16-12-1946 a 22-3-1947) — nomeado p/interventor.
21. José Monteiro de Macedo (23-3-1947 a 1º-1-1948) — nomeado p/interventor.
22. Antônio Conserva Feitosa (6-1-1948 a 14-1-1951) — eleito pelo PR.
23. José Monteiro de Macedo (31-1-1951 a 24-3-1955) — eleito pelo PR.
24. José Geraldo da Cruz (24-3-1955 a 24-3-1955) — eleito pela UDN-PTB.
25. Raimundo Vianna (10-1-1957 a 26-6-1957) — substituto.
26. Antônio Conserva Feitosa (23-3-1959 a 24-3-1963) — eleito pelo PSD.
27. Humberto Bezerra de Menezes (25-3-1963 a 12-8-1966) — eleito pelo UDN.
28. José Teófilo Machado — (interino, como vice-prefeito p/ um ano). — 1964.
29. Antonio Fernandes Coimbra — (interino, como Presidente da Câmara).
30. Edvar Teixeira Ferrer (18-8-1966 a 31-1-1967) — interinamente, como vice-prefeito.

31. Mauro Castelo Branco Sampaio (1967 a 1971) — eleito pela ARENA.
 32. Orlando Bezerra de Menezes (1971 a 1973) — eleito p/ dois anos.
 33. Mozart Cardoso de Alencar (1973 a 1974) — eleito, tendo sido cassado o mandato antes do término de sua administração.
 34. Capitão Erivano Cruz (1974 a 1976) — nomeado Interventor.
 35. Ailton Gomes de Alencar (1976 a 1982) — eleito por seis anos.
 36. Manuel Salviano Sobrinho (1982 a 1988) — eleito por seis anos.
 37. Carlos Alberto Cruz — (1988 a encerrar-se em 1992).
- (Pesquisa feita por Geraldo Menezes Barbosa, para o IPESC — em 12-11-1990)

J. LINDEMBERG DE AQUINO

CENTENÁRIO DO DR. RAIMUNDO DE NORÕES MILFONT

Decorreu neste dia 16 de abril de 1991, o centenário de nascimento de um dos mais eminentes cearenses, cuja inteligência, patriotismo e devotamento a causa pública marcaram época.

Trata-se do Dr. Raimundo de Norões Milfont.

Foi professor universitário, farmacêutico, advogado, jornalista e deputado estadual, em que empregou sua cintilante inteligência a serviço das causas a que se dedicou.

Homem probo, inteligente, versátil e de mentalidade progressista, honrou a terra natal e o mandato que o povo lhe conferiu, deixando, ao falecer, uma descendência ilustre que lhe cultua o nome e a memória.

Nasceu Raimundo Norões Milfont na Cidade do Crato, aos 16 de abril de 1891, na antiga Rua do Fogo — hoje Rua Senador Pompeu — filho de Oriel de Norões Maia, primo do Pe. Cícero Romão Batista, e de dona Guilhermina Milfont de Norões. Seus avós maternos foram Joaquim Milfont e Antônia Maia Milfont. Casou-se em 1916, em Crato, com Alzira de Norões Milfont, de cujo enlace nasceram: Dr. Wilson de Norões Milfont, Maria Nilza de Norões Milfont, Guilhermina de Norões Rocha, Hildete e Francisca Teresinha de Norões Milfont.

Estudou primeiras letras em Fortaleza, onde fez, também, os preparatórios. Diplomou-se em Ciências Jurídicas e Sociais, pela Faculdade de Direito do Ceará, no dia 8 de dezembro de 1922, sendo, pela sua inteligência, o orador da Turma. Mais tarde, na Bahia, se diplomaria pela Faculdade de Farmácia e Odontologia da Boa Terra.

Redator do jornal *O Crato*, colaborador da *Gazeta do Cariri*, da revista *A Província* e de algumas outras publicações de caráter científico.

No Crato, exerceu a docência de História Natural no seu famoso ginásio e, mais tarde, Catedrático da Faculdade de Farmácia e Odontologia da Universidade do Ceará. Na vida da magistratura, foi aposentado quando da supressão da Comarca de Barbalha.

Na ordem dos advogados, no Ceará, seu número é o 94. Exerceu o magistério como farmacêutico por concurso de títulos e provas na — Faculdade de Farmácia do Ceará.

Fez parte, ainda, da Associação dos Magistrados Brasileiros, Instituto dos Advogados, Associação Nacional de Farmácia, Associação de Farmácia do Ceará, Associação de Farmacêuticos do Brasil, Associação de Farmácia e Química do Ceará. Foi sócio honorário do Grêmio Raimundo Gomes.

Tomou parte no IV Congresso Brasileiro de Farmácia, realizado em Salvador, Bahia, em 1950, sendo indicado para relator de várias teses ali apresentadas, referentes à Farmacotécnica e Farmácia Industrial.

Dr. Raimundo Norões Milfont foi também Vereador à Câmara Municipal do Crato e Deputado Estadual, sendo eleito vice-presidente da Assembléia, membro da comissão permanente e Presidente da Comissão de Constituição e Justiça.

Inscreveu-se para o concurso da cadeira de Direito Civil, na Faculdade de Direito do Ceará, onde seus trabalhos foram considerados idôneos, não tendo feito as respectivas provas, em virtude do golpe de Estado de 1937, que suspendeu o referido concurso, que teve nomeado outro candidato, por decreto do ditador Vargas.

Havia sido eleito Deputado Estadual pela Liga Eleitoral Católica em 1934, mas, ainda devido ao mesmo golpe de Estado, perdeu o mandato por causa do fechamento das assembleias em todos o Brasil.

Um homem por todos os títulos digno e de vasto cabedal de cultura e padrão de civismo e dignidade, vindo a falecer, em Fortaleza, aos 25 de março de 1961, bem próximo dos seus setenta anos de uma vida dedicada ao bem e aos conterrâneos.

João Lindemberg de Aquino

APRESENTAÇÃO

*J. Lindemberg de Aquino **

Reúnem-se, neste volume, importantes depoimentos e dados para a história cultural do Crato. Primeiro, uma entrevista com Salviano Saraiva, o fundador e criador do Grupo Teatral de Amadores gratenses, aparecido em 1942 e prestes a completar meio século. Depois, depoimentos diversos, um documentário fotográfico dos principais criadores do Grupo e os planos, já bem antigos, de criação do Teatro Municipal do Crato.

Nesta publicação, portanto, pulsam o coração e o sangue da cidade, através de algumas de suas mais legítimas vocações para o teatro e para a cultura.

Documenta-se para a posteridade o que foi a história do grupo, seus primeiros anos, suas primeiras lutas, suas primeiras peças, suas dificuldades, seus sucessivos elencos, a teimosia, o devotamento, a pertinácia, a dedicação de todos, para fazer o Crato um centro teatral — que aliás ainda o é, tanto que o GRUTAC — Grupo Teatral de Amadores Cratenses, é um dos mais antigos, ainda existentes, no território pátrio, onde fenecem, ano após ano, as instituições e movimentos de cultura, onde estiolam os valores, onde se desprezam os que lutam pelo alevantamento cultural.

Nos últimos anos — e mais acentuadamente, depois da Revolução de 64, esses valores foram insistentemente sepultados, ou marginalizados, ou

decêpados pela indiferença oficial. Nas novas gerações estiolou-se o cultivo às letras, aos movimentos cênicos, às iniciativas literárias, como se fosse propositadamente destinada uma parte da história pátria à letargia das cousas do espírito!

Esta publicação resgata uma parte do heróico movimento cultural do Ceará que teve como raiz, centro e difusão a centenária Cidade do Crato. Aliás esta cidade sempre foi palco de movimentos de cultura e do espírito, fundando em 1875 um dos primeiros seminários de formação religiosa no Nordeste e alcançando-se à admiração de todo o estado pelo teatro que no começo do século já fazia aqui Soriano de Albuquerque, pelo jornalismo que João Brigido fizera desde 1855 e pelo famoso Clube Romeiro do Porvir, no início desta centúria, o que precedeu aos movimentos culturais, teatrais e literários que se acentuaram a partir de 1942, com o Grutac e o Congresso sem Poesia (manifesto deste Congresso está em Itaytera — nº 34, de 1990).

Pois bem: Salviano Saraiva tomou a si o êncargo de reunir o material sobre o Grupo e nos expõe de forma clara, definitiva, sem ardoeios, em forma de entrevista ao jornalista Jurandyr Temótheo, aqui transcrita em sua íntegra, além de uma outra entrevista, publicada no Rio por órgão especializado no Teatro.

Aqui se documentam, para sempre guardando a memória histórica, os heróis daquele tempo, ainda hoje convivendo, alguns, é certo, já tendo desaparecido do rol dos vivos, deixando marcas profundas de saudade, pelo muito que foram, como Valdemar Garcia e João Ramos, por exemplo.

Crato ainda está longe de fazer justiça à real dimensão de Valdemar Garcia. Na Itaytera, tracei dados eloqüentes de sua vida. E consegui na Direção Estadual do Sesi — e Federação das Indústrias do Ceará, que fosse dado o seu nome, como de fato, o foi, com placa de bronze, ao teatro que o Sesi tem em Crato em sua sede.

Quanto ao João Ramos, cujos restos mortais voltaram ao Crato, sendo sepultado em cerimônia íntima, a justiça está, ainda mais longe. Foi o que disse quando guardávamos a urna no mausoléu da família do seu pai Inácio Ramos, em Crato. Discursando naquela hora pungente, ante os seus ossos, fiz ver a injustiça da cidade para com ele, pois até um projeto de lei que dava seu nome a uma praça no Crato, no conjunto residencial próximo do Granjeiro, foi engavetado e em seu lugar a mesma Câmara colocou o nome de uma professora...

Estas duas iniciativas minhas, a de Valdemar e a de João Ramos, ainda não dimensionam a homenagem que o Crato deve aos dois. Para Valdemar tentaremos um busto e para João Ramos uma grande avenida, como, para o imenso e eterno Júlio Saraiva, o nome do elevador do seminário.

Mas, digressões à parte, este trabalho que aqui se enfeixa está excelente e se constituirá, tenho certeza, fonte obrigatória de consulta para os que queiram documentar a história do Crato, de par com as informações já publica-

das, sobre o mesmo assunto, por F.S. Nascimento e Florival Alves de Matos. É o Crato cuidando de sua memória.

Meus parabéns a Salviano pela iniciativa, que merece amplo, irrestrito e total apoio, público, empresarial e particular. Partamos, agora para o teatro. Com nossa teimosia, ele virá.

É como diz a Bíblia, na sua multimilenar sabedoria, há tempo para tudo...

** J. Lindenberg de Aquino é jornalista e escritor cratense, ex-Presidente do Instituto Cultural do Cariri e membro de diversas instituições culturais no Ceará e fora dele.*

(Trabalho publicado no volume especial da história do Grupo Teatral de Amadores Cratenses.)

PERSONALIDADE DO POVO DE 1991

José Cláudio de Oliveira

Tribuna do Ceará — 9-4-91

Representantes de vinte e uma entidades dos mais diversos estamentos do Ceará, reunidos no Salão Azul de *O Povo*, elegeram o eminente professor Antônio Martins Filho, Presidente do Povo de 1991. A escolha se revestiu de grande significação, sobretudo por contar entre os eleitores com o senhor Governador Ciro Gomes, jovem intelectual e político, hoje de expressão nacional.

O professor Antônio Martins Filho é, indubitavelmente, uma das mais fulgurantes personalidades da História do Ceará. Sua vida é um hino de louvor ao trabalho e à inteligência. Nascido no Crato, em 22 de dezembro de 1904, cuidou, desde a sua tenra infância, de trabalhar para prover o seu sustento e o dos irmãos, todos muito ilustres, ao lado de seu pai homônimo.

Sensível às artes, notadamente à música, participou, com entusiasmo, da banda do Colégio do Crato, onde hauriu os seus primeiros conhecimentos, destacando-se por sua assiduidade e participação nos estudos e debates escolares. Andou, depois, já adolescente, por este Nordeste causticado, como zeloso empregado das Casas Pernambucanas, no Piauí e Maranhão, chegando a gerente de suas lojas de Teresina, Codó, Caxias e São Luís. Foi em Caxias que ele conheceu dona Maria, da conceituada família Carvalho, com quem se casou e com ela formou uma família exemplar e ilustre.

Bacharel em Direito, tornou-se advogado com atuação nos fóruns de Fortaleza, Teresina, São Luís e Rio de Janeiro, onde se instalava o mais alto pretório da Nação, o Supremo Tribunal Federal, hoje em Brasília. O seu ideal era porém, o magistério, tendo lecionado no Liceu do Ceará, no Colégio Cearense e na Academia de Comércio Padre Champagnat, da qual foi seu diretor e proprietário, adquirindo-a dos Irmãos Maristas.

O Dr. Antônio Martins Filho fez concurso para a cátedra de Direito Comercial da nossa Salamanca, defendendo tese aprovada "summa cum laudae". Catedrático dessa importante disciplina, tivemos a honra de ser seu aluno, ao lado de Alcimor Rocha, Cláudio Santos, Ernando Uchoa, Edgar Amorim, Renane Barbosa Lima, Coelho de Albuquerque e tantos outros ilustres colegas vitoriosos na vida pública.

Como professor do Ensino Superior, ele tinha a visão do futuro e sonhava com uma universidade. Reuniu acadêmicos, professores e lideranças políticas e concebeu a idéia que se tornou realidade, de fundação da Universidade

Federal do Ceará, a sua maior obra. Começou do zero, sem recursos materiais e mudou-se para o Rio de Janeiro onde lutou, à suas custas, pelo atendimento dos seus propósitos. Foi considerado o fato mais relevante e de maior progresso para o Ceará, desde 1930, a fundação da UFC, através de enquete do *O Povo*.

Prestigiado pelos Presidentes Juscelino Kubitschek e Castello Branco, pelo seu amigo fraterno Senador Paulo Sarasate e pelo Ministro da Educação Clóvis Salgado, todos de saudosa memória, Martins Filho não apenas fundou, mas edificou o maior centro regional de ensino superior, construindo prédios para as unidades de ensino e de pesquisa, estruturando e solidificando a nova universidade, dando oportunidade à juventude estudiosa que sempre o teve como um *pater-familia*. "

Hoje a UFC tem o seu conceito firmado no cenário brasileiro, mas tudo começou com o trabalho indormido deste criador de universidades. Foi seu primeiro magnífico Reitor, de 1955 a 1967. Doze anos à frente da UFC, ao deixá-la fundou a Universidade Estadual do Ceará, através da Funeduc, da qual é Reitor *Pró-Tempore*. Fundou ainda a Universidade Regional do Cariri, seu berço natal, por ele nunca esquecido.

As atividades do ilustre homem público, glória do Ceará e em sua história definitivamente inserido, não se restringiram à advocacia e ao ensino. Foi dono de Editora, publicando o "Almanaque do Ceará" com Raimundo Girão, publicou vinte e quatro livros, sendo o primeiro em 1938 "Exortação aos Moços", uma oração cívica da maior importância, antevendo uma vida afanosa e repontada de vitórias. Foi também professor da Faculdade de Filosofia da UFC, da Faculdade Católica de Filosofia, hoje integrada à UECE, é doutor em Direito pela UFC e "Doutor Honoris Causa" por diversas universidades. Membro do Conselho Federal de Educação, devemos a ele muito da orientação e da produtividade do ensino superior brasileiro. Cumpriu quatorze missões no exterior e promoveu intercâmbio cultural com as principais universidades da Alemanha, Estados Unidos, França, Inglaterra e Japão.

Hoje, nos seus 86 anos bem vividos, lúcido e atuante, é o coordenador dos Programas Culturais da "Casa de José de Alencar", cuja instituição foi por ele criada e estruturada ao tempo do Governo Castello Branco. Agora mesmo tivemos a apresentação de maravilhoso livro "Medicina Meu Amor", da lavra de seu filho, médico e professor Murillo Carvalho Martins, em solenidade do Náutico Atlético Cearense, mais uma publicação da "Casa de José de Alencar".

Membro do Instituto do Ceará e da Academia Cearense de Letras, participa habitualmente de suas sessões, debatendo com inteligência e sabedoria próprias de sua idade com entusiasmo de jovem, porque jovem é o seu espírito de escol.

A sua eleição realizou-se em votação direta e secreta, sem a existência de candidaturas prévias. Três nomes ilustres foram votados entre os 22 eleitores, obtendo Martins Filho 15 votos. Os demais votados foram o ex-governador Tasso Jereissati que vem de realizar um bom Governo e o líder empresarial José Dias de Macedo. Pelos eleitores e pelos votados, exaltemos a merecida escolha do professor Antônio Martins Filho, como homenagem e reconhecimento aos seus méritos.

O Governador Ciro Gomes, um dos eleitores, falando no encerramento da solenidade que se seguiu à votação, “lembrou que a escolha do ex-Reitor Antônio Martins filho acontece num momento especialmente importante por se contrapor a um quadro predominante no País ao longo dos últimos anos. A deseducação e a ignorância é o que nos levou a uma situação em que os valores forem invertidos. Os homens eram reverenciados pelo poder que detinham”. O Reitor Martins Filho receberá a Medalha “Albaniza Sarasate”, de ouro, confeccionada por artesão cearense, de grande valor artístico.

Tendo o seu nome sido cogitado várias vezes para governar o Ceará ou representá-lo no Senado Federal, jamais Martins Filho permitiu participar da atividade político-partidária. Democrata, patriota, nacionalista, tem a visão universal e manteve-se sempre na linha de frente dos grandes cometimentos culturais, do ensino e da pesquisa, no Ceará e no Brasil. Seu nome é uma bandeira e, exaltando-o, Tribuna do Ceará presta-lhe significativa homenagem, apresentando-lhe os parabéns pela merecida e oportuna escolha de Personalidade do Povo de 1991.

REVISTA “ITAYTERA” EM BATURITÉ

O jornal *A Verdade*, de Baturité, Ceará, publicou a seguinte nota:

“ITAYTERA.

Ofertado pelo Acadêmico João Lindemberg de Aquino, recebemos o número 34 da revista ITAYTERA, órgão do Instituto Cultural do Cariri, com sede em Crato, em nosso Estado.

Este número da revista ITAYTERA, relativo a 1990, vem recheado de belíssimas produções literárias, tanto no campo da poesia, como no da prosa, além de curiosidades, notícias e assuntos genealógicos, produzidos pelos mais expressivos vultos da intelectualidade, não só do Cariri mas do Estado do Ceará.

O Nosso agradecimento ao amigo João Lindemberg de Aquino pela valiosa oferta e as nossas felicitações aos produtores de ITAYTERA, que honra as letras cearenses.”

Em 25 de fevereiro de 1985, o meio teatral cearense perdia um de seus personagens mais importantes: Waldemar Garcia. “Ensaaiador”, diretor, cenógrafo, aderecista, maquilador, ele foi fundador do Teatro Universitário na Faculdade de Direito, quando a Universidade Federal do Ceará ainda era um sonho. Mestre para mais de uma geração de artistas locais, Waldemar tinha outros talentos: era músico e artista plástico. De uma personalidade forte, controversa, era conhecido por sua forma irônica, sarcástica e quase sempre correta de observar o mundo teatral da cidade. Sobre ele contam-se muitas histórias. E sua vida pode ser motivo de uma peça que o autor, diretor e ator Ricardo Guilherme está escrevendo.

CENAS DE WALDEMAR GARCIA

Uma atriz — Waldemar, nessa peça, eu vou fazer uma mulher feia. Vou lhe dar muito trabalho como maquilador do elenco. O que eu devo fazer para ficar feia?

Waldemar — Lave o rosto.

Um ator — Waldemar, essa sua maquiagem sai com água?

Waldemar — Não, meu filho. Bote a cara de molho na água quente durante três dias. Depois, esfregue a cara com bombril, sabugo de milho, caco de telha. Passe querosene, álcool, gasolina e ateie fogo.

Um desconhecido — Seu Waldemar, esse seu bócio incomoda?

Waldemar — Aos outros.

Quem se emocionou com a performance do ator Ricardo Guilherme na peça “Narração da Viagem pela Província do Ceará”, de Aderbal Freire Filho, na noite de reabertura do Teatro José de Alencar, deve ter ficado curioso em saber mais sobre o personagem daquele tirânico diretor teatral que massacrava um ator, querendo tirar dele o máximo de expressividade na emissão das palavras. Quem não assistiu à peça com certeza não ficará indiferente à força deste personagem que se chamava Waldemar Garcia (1902-1985), uma lenda da história do teatro no Ceará.

Nascido no Crato, numa família tradicional, homem de grande cultura à época, ele foi o criador do Teatro Universitário e formador de toda uma geração de atores e atrizes locais. Figura de grandes ódios e grandes paixões tinha com os alunos uma forte relação criador-criatura. Ninguém passava imune pela mão de Waldemar. Autodidata, era especialista em trabalhar a voz dos atores, mas tinha outros talentos: foi pianista, artista plástico, cenógrafo, maquilador (fabricava a própria maquiagem a ser usada nas caracterizações teatrais), aderecista, figurinista, “ensaaiador” diretor teatral.

As pessoas que com ele conviveram desfiavam uma coleção enorme de adjetivos para qualificá-lo: excêntrico, satírico, irônico, cruel, grosseiro, espirituoso... mas foi um mestre. Ricardo Guilherme, que além de ator, é professor, diretor e autor teatral, considera-se “o caçula da geração que bebeu os ensinamentos de Waldemar”. Admirador do mestre, depois da morte dele Ricardo

passou a ser requisitado sempre que alguém queria lembrar alguma “história” sobre Waldemar. E foram muitos os casos engraçados, constrangedores ou mesmo cruéis provocados principalmente pela língua ferina de Waldemar (Ver box).

PATRIMÔNIO

Ricardo Guilherme começou a anotar fatos que tinha vivido, outros que ouvira falar e quando percebeu tinha o suficiente para fazer um belo trabalho sobre Waldemar. A idéia é fazer uma peça. Com Aderbal Filho, ele teve oportunidade de mostrar uma prévia. O resultado foi elogiável. Autor da peça “Frei Tito — Vida Paixão e Morte”, Ricardo, por sugestão de Aderbal escreveu um texto curto — duas laudas — reunindo trechos de “Frei Tito...” com anotações sobre Waldemar. Este personagem aparece como o diretor que ensaia “Frei Tito...” tentando transmitir sua forma ao ator “a ponto de tiranizá-lo”, ressalta Ricardo.

Não ficar só no curioso, no folclórico, foi um objetivo nesse trabalho. “Quis mostrar também que ele era um patrimônio teatral”, enfatiza Ricardo. E a partir do texto, Aderbal aproveitou para dar sua proposta de encenação, “onde o ator não representa, mas apresenta”. Em quatro momentos, Ricardo, no palco fez uma exposição didática destas idéias.

De início, é ele representando o drama de Frei Tito, interiorizado. No segundo, é Waldemar que ensaia e passa sua visão de teatro”, diferente da de Aderbal (“Isto é teatro não viva, represente”, diz Waldemar a um atemorizado ator). No terceiro momento, Ricardo vai ao público, na boca de cena, apresentar o drama é a quebra da quarta parede, e no último momento é a cena simbólica da proposta de Aderbal, com o ator exteriorizando seu drama para a platéia.

Para Ricardo Guilherme a grande importância de Waldemar Garcia se dá na medida em que “ele foi o vetor entre o teatro tradicional e a modernidade”. Embora tivesse um rigor clássico na maneira de conduzir a palavra (era exigente com a questão da correta expressão oral) e fosse considerado um ensaiador (aquele que faz o elenco seguir as marcas técnicas, as convenções no teatro tradicional) Waldemar “não se ligava só nas convenções”.

Ele começou a romper com formalismos. Ele conseguiu.

DADOS BIOGRÁFICOS

O diretor do Curso de Arte Dramática (CAD), da UFC, Edilson Soares, dedicou parte de sua tese para o Curso de Especialização em Artes Cênicas na Universidade Federal da Paraíba (1984) a Waldemar Garcia. Na monografia “O Teatro na Universidade Federal do Ceará — Um processo vivenciado”, Edilson diz que “antes de Waldemar fazia-se no Ceará um teatro empírico, sem nenhum embasamento metodológico”. E a importância dele se dá na medida em que Waldemar foi quem já em 1949 passava ensinamentos sistemá-

ticos aos atores “ele nos deu consciência de que o ator não é só aquele que decora um texto, diz Edilson.

Nascido em Crato, em 1902, Waldemar, de acordo com Marcelo Costa em “A História do Teatro Cearense”, dirigiu sua primeira peça naquela cidade em 1942, “Amor e Pátria”, de Joaquim Manoel de Macedo. Fez muitas outras peças lá. E no teto da catedral do Crato deixou sua marca de pintor. Em Fortaleza, criou o Teatro Universitário na Faculdade de Direito, antes mesmo que existisse a Universidade Federal do Ceará como instituição. “Vila Rica”, de Raimundo Magalhães Jr. foi a peça de estréia em 17 de fevereiro de 1949.

Edilson enfatiza que a montagem anual de “O Mártir do Calvário”, um texto em versos de Eduardo Garrido, “foi uma oficina onde se forjou toda uma geração de diretores, atores. Waldemar foi responsável pelo que fez de representativo nas últimas décadas do teatro no Ceará”.

VIRTUOSISMO

A partir de 1960, Waldemar passa a integrar o Curso de Arte Dramática recém-criado na UFC e dirigido por um ex-aluno dele, B. de Paiva. A entrada dele no curso é motivo de controvérsias pois na época ele possivelmente tinha passado da idade de ser admitido no serviço público. Mas Ricardo Guilherme observa que foi criada uma situação excepcional e diante da “importância de Waldemar para um curso nascente”, ele foi admitido como ensaiador, músico (acompanhava as aulas de expressão corporal ao piano) e aderecista.

“Ele foi exímio em pintar cenários e confeccionar barbas, bigodes e cabeleiras”, detalha Edilson. A maquiagem para Waldemar tinha que ser fabricada por ele mesmo. “Nunca quis comprar maquiagem já pronta apesar da facilidade”, diz Ricardo Guilherme. Para as caracterizações dos atores ele usava misturas feitas com brilhantina, minâncora, breu, urucum e tintas diversas, daí a piadinha de um aluno: “Seu Waldemar essa sua maquiagem sai com água?”

Waldemar Garcia morreu em 1985. Pela idade já avançada ele estava mesmo afastado do meio teatral. Mas as pessoas de teatro entrevistadas não consideram que ele tenha morrido abandonado. O apartamento dele no Edifício Jalcy era sempre visitado pelos amigos e muitos estiveram com ele no hospital durante sua doença. Entre eles, Mário Kaúla, que segundo Ricardo e Edilson foi como um familiar, já que Waldemar não tinha ninguém da família residindo em Fortaleza. Iniciar um processo em que os espetáculos passaram a ter uma maior organicidade, mesmo que esta organicidade fosse passada a muque por ele aos atores obrigando-os a atuarem de determinada forma. Waldemar não primava pela naturalidade e sim pela teatralidade, o que faz ser moderno.

OFICINA

Foi em 1972 que Ricardo conheceu Waldemar, quando ensaiava a peça “Fazedor de Estátuas”, de Raimundo Lima, no Grupo Amador de Teatro Infantil. Waldemar acompanhava os ensaios e Ricardo, então com 17 anos, vinha de uma experiência no “Mártir do Gólgota” e seria o protagonista da peça infantil representando a bruxa Cruela “Waldemar me convidou a ter algumas aulas com ele ‘apareça em meu cubículo (apt.) para eu lhe dar uma linha de bruxa. Comecei então a beber os ensinamentos Waldemanimos que enfatizavam as entonações, as variações de empostação vocal, a dicção, a postura corporal em cena”. No mesmo ano, Waldemar convidou Ricardo para ser o Arlequim (papel principal) na peça de Menotti Del Picchia, “As Máscaras”, ao lado do veterano Marcus Miranda. Ricardo Guilherme orgulha-se de ter ficado numa transição entre a antiga e nova geração de atores.

Encenando anualmente “O Mártir do Calvário”, durante a Semana Santa, Waldemar acabava realizando na verdade uma grande oficina onde veteranos e jovens atores conviviam. E os que passaram pela mão de Waldemar foram muitos: Clóvis Matias, Nadir Pápi Sabóia, Marcus Miranda, B. de Paiva, Glice Sales, Flávio Phebo, Geraldo Markan, Edilson Soares, João Falcão, Ary Sherlock, Emiliano Queiroz, Gracinha Soares, Lourdinha Falcão, Aderbal Freire Filho, Erotilde Honório e muitos outros.

Para Erotilde, Waldemar era uma figura muito marcante. Conhecia muitos casos de famílias importantes do Ceará e de gente do teatro. Costumava ficar sentado à porta do Teatro José de Alencar e muitos se achegavam para ouvir dele estas histórias. Erotilde que começou a fazer teatro com 17 anos, conta que gostava de conversar com ele. “Waldemar sublinhava as gafes de gente importante, do pessoal do teatro... Tinha uma verve satírica, uma grande presença de espírito. Atirava as palavras na cara dos outros”. Ela diz ter entrado pela porta da beleza: B. de Paiva ensinando teatro em si, o maestro Orlando Leite lhe iniciando na música e Waldemar lhe preparando para o palco.

CRÍTICA

“Sempre o tratei por “seu Waldemar”, diz Erotilde que sofreu, como muitos outros, o efeito da língua afiada do mestre. E passou anos sem falar direito com ele. “Ao fim das peças ele sempre fazia comentários nos camarins. E os comentários mais fortes ele dizia já na saída entre os dentes... ficava o dito pelo dito. Ele pontuava as coisas de maneira definitiva. Era bom ou era ruim”, recorda Erotilde. No ensaio do musical “Alvorada”, de Carlos Câmara, diante da dificuldade da então iniciante Erotilde — na época com uma cabeleira que lhe descia pelas costas — Waldemar não perdoou e gritou na frente de todos “para acompanhar a cabelão, basta um violão”.

Da mesma forma que ele podia agredir e intimidar, podia elogiar e provocar boas emoções. A inimizade de Erotilde e Waldemar durou até o início

dos anos 80. E foi dele que partiu a maior homenagem que ela diz ter recebido em sua carreira. “Quando fiz “É... de Millôr Fernandes, no final da estréia tive a surpresa de ver o Waldemar chegando com um buquê de flores e dizendo que eu era uma atriz de grande qualidade. Foi muito forte porque ele não era desse tipo de gesto”, relata.

Afetado pelo bócio, que nunca quis operar, Waldemar, segundo Erotilde, chegou pelo menos por duas vezes, ser confundido com um mendigo, à entrada do teatro José de Alencar. Isto deve ter ferido muito seu orgulho. E o que ela lembra também era de que muita gente gostava de ficar assistindo a uma peça ao lado dele porque certamente dali saíam os comentários mais afiados.

FRASES

O ator tem de saber seu papel como sabe o caminho de casa.

Teatro é tentativa. Teatro se faz é com tarimba.

Você acha que sabe tudo? Então abandone o Teatro.

No Teatro, o ator tem de aprender tudo de novo: a andar, a sentar etc.

Você como ator é bonzinho, mas não se empavone.

No Teatro agora é assim: gritou, pulou as cadeiras e mostrou a bunda... é ator.

Não seja um ator, nem diletante, nem pedante.

Isto é Teatro! Não viva; represente.

Articule. Sua barriga está cheia de esses e erres. Diga a última síla-ba.

Sou Waldemar Garcia: velho, feio mas amigo.

Eu assisto a Teatro de joelhos.

(Do Jornal “O Povo”, Fortaleza, 24-2-91)

Francisco Vasconcellos

Andava eu no rastro da NAU CATARINETA, que outrora vagara sete anos e um dia perdida no mar, quando avistei terras de Espanha e areias em Portugal. No Porto, dei com os costados num “sebo” onde em meio a imensa livraria dispersa ao acaso, descobri alguns folhetos tradicionais em edições velhíssimas.

Comprei-os sem discutir preço. Para o estudioso do folclore, aqueles papéis encardidos valiam qualquer soma, fosse em escudos, marcos ou dólares. De repente eu tinha nas mãos a História da Donzela Theadora, a História da Princesa Magalona, a História do Grande Roberto. Duque de Normandia, a História do Profeta e Santo Rei David, enfim narrativas que por séculos e séculos têm encantado europeus e americanos e que são elementos poderosíssimos na nossa cultura de folk.

De todas, entretanto, a que sempre mais me entusiasmou, é a que trata do Imperador Carlos Magno e dos Doze Pares de França, folheto nº 14 da Livraria do Povo, editado no Porto em 1857.

Seria válido recordar essa história nos seus lances mais significativos, mormente agora que a chamada crise no Golfo Pérsico nos obriga a refletir sobre o milenar confronto entre mouros e cristãos.

Conta-se que no tempo em que o Imperador Carlos Magno vivia em batalhas com os mouros, reinava Malaco em Fez, cidade histórica do norte da África, hoje atração turística do Marrocos. Malaco era tido como cruel inimigo dos cristãos. Seu filho, o Príncipe Albayzar, arrogante e ousado, considerado o melhor cavaleiro de toda a Mauritânia, resolveu bater-se com Reinaldo de Montalvão, um dos doze pares de França do tempo de Carlos Magno. Escondido do pai, Albayzar, meteu-se numa galé com alguns pagens, e, em pouco tempo desembarcou nas costas francesas. Queria mostrar ao seu contendor cristão, a superioridade islâmica.

Desafiado ao combate “em campo raso ou estacada”, Reinaldo não se fez de rogado e o Imperador determinou que as providências fossem tomadas para que o combate se desse daí a dois dias, quando rompesse o sol.

Chegou o momento do confronto. Dois arautos apregoaram que a peleja só terminaria com a morte ou a derrota de qualquer dos dois contendores e que o vencido passaria à propriedade do vencedor.

Apareceu Albayzar montado em belo cavalo árabe, com armas brancas em ouro cobertas de pedras. Na cabeça trazia capacete azul claro encimado por meia lua dourada. No escudo em campo verde via-se um leão de ouro despedaçado em memória de outro que fora abatido numa caçada.

Do outro lado estava Reinaldo montado em cavalo murzelo (preto cor de amora) igualmente com armas brancas porém desprovidas de ostentosos

atavios. No escudo, em campo de prata, trazia a imagem da Esperança, vestida de verde, a guisa da donzela e, “na orla do escudo o nome de sua esposa, Clarícia por inteiro”.

Feitas as cortesias ao Imperador, soaram as trombetas e a luta começou, feroz, encarniçada, aterradora. De lança em punho os dois cavaleiros se batiam desesperadamente, até que os animais rodaram. Livres deste e já manejando espadas Albayzar e Reinaldo iam se cobrindo de ferimentos a medida que a peleja avançada. De repente, quando a vitória parecia pender mais para o mouro que para o cristão, eis que Reinaldo, reunindo todas as forças consegue desfechar o golpe fatal sobre seu inimigo, que, caindo ao solo é declarado perdedor pelos juízes.

Tamanhas foram as provas de bravura deixadas por Albayzar durante a pugna, que Carlos Magno mandou que ele fosse recolhido à sua tenda para aí ser tratado.

Três meses depois, curados de seus ferimentos, os cavaleiros travaram esse diálogo cortês e sobranceiro:

Falou Albayzar:

“Mui nobre cavaleiro as leis da guerra fizeram-me vosso prisioneiro, e eu venho apresentar-me-te,

para que dispunhais de mim cujo senhor sois”.

Respondeu Reinaldo:

“Príncipe, vois sois um esforçado cavaleiro a quem a sorte maltratou, fazendo-vos meu cativo, mas se ela vos foi adversa, não o serei eu, retendo-vos em cativeiro; com isso considerai-vos com liberdade para vos retirardes para o vosso Reino, quando quizerdes, e em paga só vos peço a vossa amizade.

Tempos depois, feita uma curta temporada na Espanha, Albayzar se recolheu ao reino de Fez.

Inconformado com a derrota do filho, Malaco reuniu sua gente e partiu para a França a fim de enfrentar Carlos Magno e seus doze pares, na tentativa de vingar o filho e toda a mouraria que o Imperador ou matara em memoráveis batalhas ou submetera ao cativeiro e ao catolicismo.

Provocado, Carlos Magno apesar de sua desvantagem em termos de contingente humano, mandou avisar que estaria pronto para o grande combate. Seriam 280 mil mouros contra 62 mil cristãos.

Durou sete horas a batalha e, apesar de sua brutal superioridade numérica, Malaco deu-se por vencido fugindo com os destroços de suas forças. Perseguido por Reinaldo, o herói cultural da refrega, bateu-se com ele em feroz duelo e percebendo que estava prestes a morrer ou a cair prisioneiro, num golpe desesperado, entrou a cavalo mar adentro, livrando-se do cavaleiro cristão, que não o pôde alcançar “temendo afogar-se por não saber os pegos do rio...”

O ressentimento de Malaco pelo revés sofrido, levou-o a pedir auxílio ao rei de Tunis, que lhe prometeu soldados e armas, para um novo confronto

com as hostes de Carlos Magno. Em troca, ele teria a mão de Arminda, filha do rei de Fez, a mais bela dama de toda a África.

Formando o novo exército mouro, partiu Malaco para uma segunda batalha com o Imperador cristão. Por estar Reinaldo afastado das tropas imperiais devido a intrigas de seus invejosos detratores, assumiu o cavaleiro Florante o comando das operações militares. Feriu-se a combate e tamanha era a fúria dos mouros e a fraqueza dos cristãos pela inércia de Florante, que Malaco começou a ter a vitória nas mãos. Deixando sua gente ao leu da sorte, fugiu Florante em desabalada carreira, escondendo-se num bosque, onde foi pilhado por Reinaldo, que, tomando-lhe as armas, o estandarte e demais insígnias, partiu para cima do inimigo, revertendo o quadro e impondo nova derrota ao rei de Fez.

Enquanto os áulicos palacianos, inimigos do intemorato Reinaldo, não reduziu o rei ao cativo, nem aceitou dele qualquer recompensa em ouro e para mantê-lo em liberdade. Outros valores estavam em jogo. Havia algo mais nobre a ser negociado.

É que antes de travar-se a última batalha, Reinaldo encontrava Arminda, filha de Malaco, que em trajes de soldado mouro havia fugido de uma torre, onde a encerrara o pai, por causa de um amor proibido. Arminda estava prometida ao rei de Tunis, mas a sua paixão era Selindo, cavaleiro das hostes paternas. Para acompanhá-lo escapara da torre travestida de homem e ali estava com seu companheiro, a rogar que Reinaldo intercedesse por ela e por seu grande amor livrando-a das garras do sultão tunisino. Evidentemente, na circunstância em que se encontrava vencedor e vencido, não havia melhor momento para tal negociação. Sem saída, o rei cedeu e Arminda e Selindo ali mesmo selaram compromisso.

Fechamos outros acordos entre Reinaldo e Malaco, segue a história com as características da farsa medieval. Aqui, é o grande herói cultural cristão em quem sobravam talento, destreza e bravura, caindo em desgraça ante o Imperador, mercê de sórdidas manobras dos incompetentes e covardes irmãos Florante e Gaiálão; acolá é a reabilitação final de Reinaldo "o mais valoroso dos doze pares de França".

Enfim, o folheto, no melhor estilo cavaleiresco, em que a fidalguia suplanta a mesquinhez, em que os interesses materiais sucumbem ante o despreendimento e a lhaneza de caráter, revela uma permanente luta entre o bem e o mal, quer no confronto cristão/mouro, em que o primeiro obrigatoriamente tem que triunfar sobre o segundo, quer na disputa de prestígio e riqueza entre os pares de França, da qual sai vitorioso o grande Reinaldo de Montalvão, cavaleiro que segundo a ótica do narrador é todo virtudes, grandezas, sobrançaria e despojamento.

Lamentavelmente nunca foi revelado à cultura popular brasileira como os árabes viram esses acontecimentos e o que deles disseram na sua riquíssima literatura.

A História de Carlos Magno e dos Doze Pares de França que tanto encantou os povos ibéricos através de suas múltiplas versões, viajou nas primeiras caravelas que aportaram à terra de Santa Cruz e aqui, adaptada, truncada, aumentada, distorcida, deturpada na forma e no conteúdo, penetrou fundo na nossa cultura popular, mormente no que concerne à velha disputa entre mouros e cristãos. Autos, xácaras, romances, em prosa ou em verso, estão impregnados de situações que envolvem nomes e quadros tradicionais do velhíssimo folheto e outros que a fértil imaginação popular houve por bem criar a partir da mesma temática.

Cheganças, marujadas, bailes de guerra, reisados e a literatura de cordel, verdadeiros mosaicos culturais carregam nos seus enredos o milenar confronto, que a história tem comprovado ser contemporâneo de todas as gerações.

O maranhense Tio Mundico, ao recordar a Chegança de sua terra, ainda recitava em 1967:

Carlos Magno rei cristão
Com os pares seus amigos
Destruíram os inimigos
Da cristã religião
E dessa grande questão
Saíra vitorioso
Porque em Deus poderoso
Tinha fé e confiança
Nos doze pares de França
E no exército valoroso.
Meses depois ele deu
Uma tremenda campanha
Com os mouros da Espanha
E a muitos reis venceu
Sua fama se estendeu
Por reinos desconhecidos
E chegando aos ouvidos

De Malaco rei pagão
Que jurou vingar então
Seus parentes destruídos
Este rei foi avisado
Por algum embaixador
Que o grande Imperador
Vitória vinha alcançando
Sobre os mouros, obrigando
Muitos à religião
Saiba Vossa Senhoria
Meu Comandante Imperiá
Que aí vem mouro Azelindo
Para nos querer matar!
Saiba Vossa Senhoria
Meu chefe de divisão
Que aí vem mouro Azelindo
Prá tomar a embarcação!

A Maruja São Paulo, integrada por capixabas e alagoanos, que se apresentou em Vitória do Espírito Santo até o início dos anos sessenta, tinha na parte de mouro, uma versalhada bem significativa:

Almirante meito alto e poderoso,
Grão Sultão,
Rei, senhor de toda a Mauritània,
De Padoge, Propondinda, Medasfá,
de Sultiban, de Mingrélia,
te aviso para que tú entregues
teus soldados, as tuas armas,

prá ele fazer tudo a seu sabor.
E só assim tu haverás misericórdia.
Quando não, eu mando
300 mil homens por terra,
oitenta navios por mar,
para por de ferro a fogo
a tora tua gente.

No Juazeiro do Norte, o alagoano José Bernardo da Silva na sua Tipografia São Francisco, imprimia folhetos de cordel e disso viveu até a morte. Mas além de tipógrafo, ele escrevia histórias e romances, inúmeros deles calcados no ciclo épico medieval.

Em 1942, mestre Zé Bernardo estampou em décimas a “Batalha de Carlos Magno e os Doze Pares de França com Malaco, Rei de Fez”, folheto montado sobre aquele que eu encontrara no Porto em 1965 e que havia sido editado em 1857.

Vale a pena a transcrição aqui de algumas estrofes que se referem à primeira batalha travada entre as forças de Malaco e o contingente de Reinaldo:

E a mais algum pagão
Eles mandava matá-los
Malaco jurou vingá-los
Com rancor e presunção.
Mandou logo preparar
Uma esquadra possante
E forças no mesmo instante
Ele mandou levantar
E depois de equipar
O seu exército valente
Que julgou suficiente
Para invadir a França
E tomar toda vingança
Da morte de sua gente.
Marchou com tal esperança
Com trezentos mil soldados
Todos eles bem armados
Jurando sem mais tardança
Arrazar tudo na França
Ou seu exército perder
Dizendo: pretendo ver
Este rei tão poderoso
Que dizem ser valoroso
Eu vendo poderei crer.
Chegando desembarcou
Com seu acompanhamento
Naquele mesmo momento
Prá luta se preparou
Um desafio mandou
Dizendo nesta razão:
Oh! Imperador cristão
Se não temes ao perigo
Querendo lutar comigo

É próprio a ocasião!
Com trezentos mil soldados
Estou a te esperar
E todos para lutar
Estão bastante vexados;
São homens exercitados
Dignos de confiança
Destros no jogo da lança
É um exército crescido
Que jamais será vencido
Pelos teus pares de França
Carlos Magno recebeu
O embaixador pagão
Com muita satisfação
Nestes termos respondeu:
Vai e diz ao rei teu
Que o meu poder não falha
Nem também me atrapalha
O seu exército valente
E que tenho pouca gente
Porém irei à batalha.
Mandou os pares de França
Preparar no mesmo dia
Os soldados que havia
De cavalo, espada e lança
Dividindo sem tardança
O seu exército em três
Porque a vinte do mês
Havia de ir sem falha
Dar a primeira batalha
Com Malaco rei de Fez.
Logo foram reunidos
Os soldados mais valentes

Sessenta mil combatentes
Achavam-se prevenidos
E partiram resolvidos
Reinaldo de Montalvão
Guy de Borgonha e Roldão
Dudão, Ricarte, Oliveiros,
E mais outros cavaleiros
De muita disposição.
O embaixador urgente
Chegou ao rei pagão
Disse que o rei cristão
Disponha de pouca gente
Malaco rapidamente
Seu exército preparou
E confiante mandou
O seu exército tocar
As buzinas e marchar
Contra quem desafiou.
Carlos Magno também fez
Sem temer ao perigo
Investiu ao inimigo
Com a maior rapidez
Dividiu-se em três
O seu exército valente
Reinaldo ia na frente
Levando seu estandarte
E romperam de parte a parte
Por um modo diferente.
Rei Malaco pelejava
Muito valorosamente
Mas o que!... a sua frente
Aos montões se matava
Com fúria de um leão
Guy de Borgonha e Roldão
Matavam sem piedade
Era tal a mortandade
Que causava compaixão.
Com seis horas de combate
O chão estava juncado
De morto e sangue coalhado
Era feio o estandarte
Os mouros prá toda parte
Fugiam em debandada

Em fuga desordenada
Deixaram tudo e correram
Assim a luta perderam
Sem poderem salvar nada.
Este soberano vendo
A sua gente vencida
E a batalha perdida
Também foi se defendendo
Mas Reinaldos conhecendo
Em seu alcance marcou
Tanto que o alcançou
Este com alguns soldados
Voltaram-se prá Reinaldos
Nova luta começou.
Quem tivesse apreciando
Os golpes desses guerreiros
Parecia dois ferreiros
Numa bigorna malhando
Reinaldos descarregando
Um golpe no inimigo
Malaco vendo o perigo
Pois já mal se defendia
Se não fugisse teria
A morte como castigo.
Reinaldos com a espada
Descarregou num instante
Um revez em seu turbante
Foi tremenda a cutilada
Mas não pode fazer nada
Com o golpe descarregado
Porque o rei assombrado
Fugiu deste desafio
E a cavalo, no rio
Passou para o outro lado.
Reinaldos quiz com efeito
Seguir-lhe mas recebeu
E logo se conformou
Com o que havia feito
E voltando satisfeito
Aos amigos procurou
Mas ali não encontrou
Carlos Magno une os seus
Deu muitas graças a Deus
Do campo se retirou.

Passados mais de mil anos desses acontecimentos que motivaram a inventiva popular quer na Europa, quer na América, eis que o assunto que aparentemente estaria apenas ao alcance da elaboração folclórica, volta à tona com toda a intensidade, ocupando os noticiários do mundo.

Os tempos são outros, os interesses tomaram novas direções, deslocou-se o eixo do mundo, mas a velha pendência moura/cristã é a mesma de sempre.

Já não estamos na Idade Média; vivemos isto sim o limiar de um novo milênio. As lutas têm muito mais um sentido econômico que meramente revanchista por questões religiosas ou de expansão territorial. A cavalaria cedeu lugar ao átomo e aos elementos químicos. Já não se fala mais em Fez, Tunis e em burgos históricos da antiga francônia, porque o mundo ao longo dos séculos elegeu Washington, Moscou, Bagdá, Teerã para comandarem as ações do momento presente. No mais o quadro atual bate com aquele vivido por Malaco, Arminda, Salindo, Carlos Magno, Reinaldo, Ricardo, Galalão, Dudão, Roland, etc.

Malaco aparece travestido de Saddam Hussein e tem a história numa das mãos e o Corão na outra. Sob os pés correm-lhe rios de petróleo, um dos pomos de discórdia do planeta nos dias de hoje. No outro lado discursa Carlos Magno, na pele de George Bush, com os alardos da publicidade na destra e a máfia do ouro negro na sinistra. Desfila no carro alegórico da grande civilização ocidental, posando de paladino das liberdades, de salvador dos cruzados redivivos. O rei de Tunis, talvez seja hoje Ali Camenei, o mouro Selindo, Moamar Kadafi e a pobre princesa Arminda, desencantou-se banalizando-se numa mercadoria qualquer sujeita ao troca-troca do salve-se quem puder, e será petróleo, peças de automóvel, alimento, perdão da dívida externa, ajuda a flagelados com segundas intenções, enfim até o vil metal que o cavaleiro Reinaldo houve por bem recusar.

E por falar em cavaleiros, em lugar daqueles pares do século IX, estão aí os seus sucessores — Thatcher, Mitterand, Kohl e até gente que devia fazer parte do time contrário, como Mubarak, Farr, Assad e outros menos solicitados. Afinal os detalhes acessórios não mudam o tema central. É preciso não esquecer que mil e cem anos separam as duas histórias.

Mas uma coisa é realmente diferente: desta vez, não é Malaco quem vai com seu colossal exército dar combate em terra alheia; Carlos Magno acompanhado de um séquito de cavaleiros e munido das mais sofisticadas armas que vai cutucar o inimigo com vara curta nas escaldantes areias do deserto, grandes aliadas de Malaco. E se desta vez o alfange vencer a espada? Ao vencedor as batatas, ou o petróleo.

Enquanto isso as feiras nordestinas já devem estar entupidas de folhetos contando a novíssima história de Carlos Magno e seus pares.

OS BARÕES DO CRATO E DO ICÓ

J. Marcelo de Alcântara Pinto

Vultos de projeção no cenário político da então Província do Ceará, em cuja vida administrativa influíram pela posição que desfrutavam nas agradações partidárias a que pertenciam, os Barões do Crato e do Icó merecem ser retirados do injusto olvido em que permanecem, pois, a não ser a indicação de seus nomes em simples placas de ruas desta Capital, nada mais existe que possa evidenciar a posteridade a contribuição decisiva que ofertaram, naqueles dias de uma política tumultuosa, à formação de sua terra natal.

Em data de 14 de setembro de 1866, estando no poder o gabinete liberal de Zacarias de Góis e Vasconcelos, era assinado na pasta do Império, então confiada a José Joaquim Fernandes Tôrres, o decreto do governo que agraciava com o título de Barão do Crato ao Dr. Bernardo Duarte Brandão, riquíssimo proprietário de terras, na Ribeira do Icó.

Moldado às rígidas características da época, o aristocrata desfrutava de incontestável prestígio naquela vasta região que fora até bem pouco quase que um feudo dos "Carcarás", cujo poderoso chefe era o Cel. Francisco Fernandes Vieira, Barão e Visconde do Icó.

Bernardo Duarte Brandão era liberal, seguindo a ala "progressista" chefiada por Zacarias de Góis e Vasconcelos, apoiado, na Província, pela "botica" (Antônio Teodorico, Paiva, Avelino etc.) e combatendo, tenazmente, o outro lado — o "histórico" — que obedecia à orientação do Senador Pompeu.

A cisão fora provocada pelo Marquês de Olinda, que, trazendo em torno de sua personalidade a auréola de ter sido regente, a ponto de se julgar homem necessário, guardava ressentimentos dos companheiros de partido, que, tendo tido nele, Bernardo Pereira de Vasconcelos e Honório Hermeto os seus principais guias nos momentos de perigo, ouviam, agora, ao triunvirato "saquarema" — Paulino, Tôrres e Eusébio — uma vez desaparecido o Marquês do Paraná, único que manteria até o fim o seu prestígio.

E, como os descontentes dos dois partidos eram numerosos, Olinda, com o seu gabinete de 1865, levantaria a bandeira do "progresso" que tremulou por pouco tempo, embora às mãos possantes de Zacarias (este também transviado dos conservadores) e de Saraiva. Esse baralhamento determinou, por fim, a divisão não mais jugulada dos liberais, aberta, no Ceará, pelo Barão do Crato, que navegou na corrente.

Justamente nesse tempo, embora com o apoio dos conservadores ao grupo liberal de Bernardo Duarte Brandão, o eminente Senador Pompeu conseguia levar numerosos amigos à Assembléia Provincial que devia servir no biênio de 1867 — 1868 (na administração dos Presidentes Alvim e Leão Veloso), representantes do elemento tradicional e histórico do partido, inclu-

sive um sobrinho, o futuro senador republicano Joaquim Catunda, e o genro, Dr. Antônio Pinto Nogueira Acióli, o Comendador Acióli, que tanto domínio chegaria a exercer no seu Estado com o regime instaurado com o golpe de 15 de novembro de 1889.

Sobre a aliança dos conservadores com o ramo liberal do Barão do Crato, encontramos uma prova interessante no jornal *Pedro II*, editado em Fortaleza, que, no seu número 190 (edição de 30 de agosto de 1867) publicava sob o título “Correspondência” uma carta assinada por Franklin Gonçalves Bastos, residente em Icó, na qual o correligionário procurava justificar a razão por que votara com o Barão do Crato: “Prestei-me à sua eleição, como se prestarão meus distintos amigos Tenente-coronel João Quesado, Tenente-coronel Conceição Cunha, Tenente-coronel Miguel Xavier (antigo deputado provincial) e Capitão Joaquim Pereira”.

Mas Zacarias de Góis e Vasconcelos era um espírito arguto, servido por vontade tenaz, imbuído das idéias da escola liberal francesa e das práticas e meios de governo de Guizot, a quem imitava até no porte, e tinha por norma da qual não se afastava dispensar aos amigos todos os favores que podia, em proveito de sua causa. Daí agradecer ao poderoso chefe cearense de sua ala, com o baronato cuja coroa o amor fraterno do D^a Maria do Rosário Augusta Brandão faria esculpir à lápide marmórea de seu túmulo.

Na zona onde morava, desfrutava de fato o Barão do Crato de verdadeira posição de mando que mais se acentuava quando contava com o apoio do presidente da Província. Em Icó, é certo, a ala liberal do Senador Pompeu tinha igualmente amigos valorosos, oriundos da família do seu genro, o futuro Comendador Acióli, que era numerosa e abastada.

Assim cioso do seu poder, Bernardo Duarte Brandão feria mais fundo o adversário toda vez que podia. Em 1867, tirando vantagem do partidarismo do presidente do conselho de ministros, alcançou a transferência do Coronel Francisco Manuel Dias, comandante superior da guarda nacional do Icó para o comando superior de Lavras e Telha, onde teria de fixar residência. O assombro e a raiva dominaram os arraiais daqueles que se intitulavam membros do partido constitucional. Passado, porém, o estupor, a verrina surgiu à larga... O Coronel Francisco Manuel Dias, que fora alcançado pela medida injustificável, veio pelas colunas do *Pedro II* num comunicado violento que entre outras cousas continha o seguinte: “enquanto o mísero governo, conculcando o meu direito, irá passar pelo colo do Barão do Crato uma grã-cruz ou agraciá-lo com o título de Marquês!! E esse titular de minha terra começará a ter ilusões, de que a sua nobreza revela grande *mérito*, grandes *virtudes cívicas*, grande *abnegação pelo bem público*”.

Depois, jogando lama por tabela à reputação do chefe liberal, o órgão conservador alardeava em “Fatos Diversos”.

“Icó — Escrevem-nos desta cidade o seguinte:

Vamos mal, por que não temos polícia. Um escravo do Barão do Crato (Bernardo Duarte Brandão) roubou em um armazém desta cidade vinte e tantos barris de pólvora e um outro escravo de Da. Margarida (irmã do Barão) roubou a loja de Joaquim Gurgel em uns 900\$000 de fazendas; a polícia dorme sono profundo, pois não quer intrometer-se em negócios da família Brandão”.

E voltava a tratar do mesmo assunto na sua edição de 1º de setembro:

“Icó — Escrevem-nos dali em data de 14 do passado o seguinte: O juiz municipal daqui vai já mostrando ser digno sobrinho do seu tio Barão Bernardo. Ninguém o suporta mais com as suas filúcias; só quer viver à custa dos outros, pede tudo que vê e não há baixaza que não pratique contanto que lhe renda alguma cousa. Agora constituiu-se juiz e advogado de um escravo de Da. Margarida, irmã do Barão, que roubara uma porção de fazendas ao negociante Gurgel, estabelecido nesta cidade, e tem posto, como juiz, os maiores obstáculos ao roubado na investigação do fato. Acha-se o processo afeto em grau de recursos ao Dr. Juiz de Direito e todos estão com os olhos fitos sobre o desenlace desta questão. Alguns acreditam que o escravo irá para a rua, porque o Dr. Medeiros não resistirá a negócios tendentes ao Barão, outros, porém, sustentam, que conquanto seja fato consumado que o Juiz de Direito nuca desagradou ao “barão” em pretensão alguma, todavia desta vez sair-se-á bem, principalmente achando-se o crime provado pela confissão do réu.”

Nem os magistrados escapavam às insinuações. Mas o que se podia esperar de uma imprensa que não hesitava em atassalhar a reputação dos inimigos, embora atenuando a ofensa com palavras que pareciam dizer pouco para traduzir muito?!

Bacharel formado na tradicional Academia de Olinda (turma de 1854), o Barão do Crato não se casou. Preferiu ficar solteiro, ligado por estreita afeição à irmã Da. Maria do Rosário Augusta Brandão (era “seu Dú”, na intimidade), costumando viajar para Europa — atrativo dos brasileiros naqueles tempos — onde veio a falecer a 19 de junho de 1880 (nascera a 15 de julho de 1832), sendo seu corpo transportado para esta Capital, onde está sepultado.

Sua sobrinha-neta, Da. Suzete Brunnschweiler, casou-se com o ilustre Dr. Tomás Pompeu Pinto Acióli, filho do Comendador Acióli, que foi deputado federal e senador pelo Ceará na primeira república.

Bernardo Duarte Brandão era filho do Coronel Bernardo Duarte, cujo pai o Tenente-Coronel do mesmo nome foi o primeiro senhor e possuidor da fazenda “Cachoeira”, no Icó que veio por herança às mãos do Dr. Tomás

Acíoli, o qual, sempre zeloso das tradições de família, dedicada à propriedade os seus melhores cuidados.

De 25 de março de 1849, referendado por José da Silva Carvalho, já Visconde e depois Marquês de Monte-Alegre, Ministro do Império, é o decreto imperial concedendo, ao lado de outros agraciados em igual data e pelo mesmo diploma legal, o título de Barão do Icó a Francisco Fernandes Vieira que mereceu de Hugo Catunda aquela expressão tão justa: "rústico senhor patriarcal, cioso de seus bacharéis de Olinda, cujo poderio alcançava longe".

Estava no governo o Partido Conservador, fundado que fora pela inteligência portentosa e soberba de Bernardo Pereira de Vasconcelos, auxiliado por aqueles que mais tarde seriam os seus dirigentes: Carneiro Leão, Rodrigues Tôrres e Paulino.

A concessão do baronato ao influente chefe conservador, mais tarde Visconde do Icó, deu-se por interferência de seu filho, o Dr. Miguel Fernandes Vieira, junto a seus amigos. E a tarefa não era difícil, quando para reforçá-la, no próprio gabinete, ocupando a pasta da guerra, figurava Manuel Felizardo de Sousa e Melo que, em 1837, com 32 anos, viera governar o Ceará, aqui permanecendo até fevereiro de 1839. O futuro senador do Império desfrutava de largas relações, ligado, intimamente, aos que, nomeados pelo partido, vinham administrar a então Província e que de seu pai recebiam bombásticos elogios como foi o caso do presidente José Mariano de Albuquerque Cavalcanti, que já exonerado, foi mimoseado, em carta publicada no *O Cearense Jacaúna*, como o título de "imortal"...

Destarte, o Cel. Francisco Fernandes Vieira podia aspirar a ser agraciado porque também exhibia apreciável folha de serviços ao partido, em cujas fileiras, já antes de 1850, tendo destacada e invejável posição o seu filho Miguel Fernandes Vieira, Juiz de Direito (Afonso Taunai, *O Senado do Império*, dá-lo como desembargador), era o mesmo eleito deputado-geral e também seu sobrinho, Dr. André Bastos de Oliveira (chegou a desembargador, vindo a morrer em 1862), colegas de bancada de homens do valor de Pedro Pereira da Silva Guimarães, João Capistrano Bandeira de Melo e José Pereira da Graça Júnior, futuro Conselheiro e Barão do Aracati.

Em 1834, quando o Senador José Martiniano de Alencar veio governar a Província, nesta reinava a maior anarquia. O Cel. Inácio Corrêa de Vasconcelos (voltou ao Ceará como o seu 14º presidente, em 1844), que vinha exercendo o governo, não tinha energia ou não contara com elementos decisivos para impor a ordem. Como resultado, os chefes políticos de oposição, temerosos de piores conseqüências, pois não se hesitava em chegar ao assassinato, buscaram refúgio nas províncias vizinhas. O Cel. Agostinho José Tomás de Aquino, primeira influência, ao tempo, em Icó, retirou-se para a sua fazenda na Paraíba, e o futuro barão teve o mesmo proceder.

Ou porque de fato quisesse demonstrar boa vontade em fazer dominar a autoridade, ou porque desejasse contar mais tarde com a sua decisiva influência eleitoral, o certo é que José Martiniano de Alencar procurou agradar ao poderoso sertanejo: nomeou logo seu secretário, por ato de 30 de outubro de 1843 (assumira no dia 5), o Dr. André Bastos de Oliveira, sobrinho e depois genro do Barão e Visconde do Icó (Paulino Nogueira, *Rev. do Instituto do Ceará*, tomo 13).

No Ceará, o Partido Conservador obedeceu até 1844 à direção indiscutível do Dr. Miguel Fernandes Vieira que, nascido em 1814 (19 de setembro), já em 1837 recebia o diploma de bacharel pela Academia de Olinda, sendo em 1848 Juiz de Direito de Granja, donde foi removido para a comarca da Capital da Província por decreto de 16 de novembro, na presidência de Fausto de Aguiar.

Sucedeu, entretanto, que em 1844 surgia, no Ceará, a dissidência conservadora, pois o Dr. José Lourenço e Albuquerque e o Padre João Barbosa Cordeiro, então deputados à Assembléia Geral, procuraram, na Corte, o chefe liberal Senador José Martiniano de Alencar a quem manifestaram desejo de unir-se ao Partido Liberal, abandonando seus antigos amigos — os conservadores. Por que semelhante atitude? Era esse procedimento mais que um protesto à ação absorvente do Dr. Miguel Fernandes Vieira, que com sua numerosa família tomara, pouco a pouco, o bastão de chefe do Partido Conservador e ia dispondo dos cargos públicos, distribuindo-os a seu talante. Era a reação que se fazia contra o prestígio de uma família assaz poderosa pela riqueza e pelo grande número de homens de letras. O Dr. José Lourenço e Albuquerque sentia-se diminuído no prestígio que exercera e aproveitando as idéias de tolerância, que então se esboçavam na política central propunha a aliança ao chefe liberal. Fez-se, assim, a liga chimango-equilibrista que, todavia, teria curta duração.

Passava a Província a contar com três partidos, como se vê da publicação do *Equilibrio*, órgão dissidente, em artigo do mesmo Padre João Barbosa Cordeiro que já procurava pretexto para romper com os “chimangos” (liberais): “...o dos carcarás, o dos urubus ou equilibristas e o dos chimangos; o primeiro como resto sem validade alguma moral, como *caput mortuum* daquele que evaporou-se ou desapareceu; o segundo como partido novo, mas vigoroso e forte para tornar-se independente; e o terceiro na sua integridade, como partido antigo, amestrado pela experiência, posto que cansado das vicissitudes por que tinha passado”.

Mas o presidente Fausto de Aguiar, dizendo obedecer a reiteradas recomendações de Manuel Felizardo, Honório e Eusébio, fez uma reunião em palácio para conciliar os chefes políticos. Nada conseguiu, embora os insistentes esforços dos equilibristas (dissidentes), temerosos de apresentar chapa

em separado, visto o Dr. Miguel Fernandes Vieira permanecer ao lado do Ferreira "Boticário", seu dedicado correligionário e elemento de escol do partido. Procedidas as eleições, os conservadores tiveram completa vitória: tinham alcançado eleger oito velhos caranguejos — o filho (Dr. Miguel Fernandes Vieira) e o sobrinho do Barão do Icó, Dr. André Bastos de Oliveira ⁽¹⁾, Araújo Lima ⁽²⁾, Francisco Domingues ⁽³⁾, Pedro Pereira ⁽⁴⁾, Machado ⁽⁵⁾, Graça ⁽⁶⁾ e Bandeira de Melo ⁽⁷⁾ que *O Cearense* com, irreverência, denominava os "oito infantes de Laura..."

Em 1850 mais uma vez triunfaram nas eleições para deputados provinciais. Se o Dr. José Lourenço e Albuquerque esperava vencer contando com o presidente (Albuquerque era o "Amon" no palácio do governo, assoalhava *O Cearense*, órgão do partido liberal cujos chefes não concorreram ao pleito), teve tremenda decepção; somente dois equilibristas lograram eleger-se: o Padre Antônio Pinto de Mendonça e o Coronel Joaquim Mendes da Cruz Guimarães, mais tarde comendador.

O Cel. Francisco Fernandes Vieira, através do filho (Dr. Miguel Fernandes Vieira) firmara, sem oposição, seu domínio na Assembléia Provincial: 26 deputados do velho partido caranguejo estavam inteiramente às suas ordens, dentre os quais dois outros filhos — Drs. Manuel Fernandes Vieira (formado em Olinda, em 1839, seria deputado em vários biênios, representando ainda a Província na Câmara Temporária em cinco legislaturas) e José Fernandes Vieira, também bacharel de Olinda (1849), e mais dois sobrinhos — os Drs. Gonçalo Batista Vieira Júnior, mais tarde seu genro, e que seria o popular Barão de Aquiraz (por morte do cunhado, Dr. Miguel Fernandes Vieira, assumiria a chefia do Partido Conservador) e Manuel Franco Fernandes Vieira, ambos igualmente formados na tradicional Academia.

Por decreto de 14 de março de 1855 foi elevado a Visconde do Icó. Não era o fim de sua ascendência política. Embora sua avançada idade viveria o suficiente para ver o filho, Dr. Miguel Fernandes Vieira, nomeado Senador do Império (carta imperial de 9 de abril de 1862), na vaga de Antônio José Machado. Logo mais faleceu: a 9 de julho ⁽⁸⁾, seguido em breves dias pelo filho que há pouco conseguira se elevar ao posto mais ambicionado na política da monarquia, morto a 6 de agosto seguinte, com 46 anos de idade. (Escolhido senador na cadeira "cafunfa", na expressão jocosa de João Brígido, em substituição de Antônio José Machado, que preencheria a vaga do Padre José Martiniano de Alencar, o eminente chefe liberal; como o seu antecessor faleceu pouco depois de dois meses de empossado.)

O Barão e Visconde do Icó está sepultado no primeiro plano do Cemitério de São João Batista, em Fortaleza, mausoléu levantado pelo seu filho, Dr. Manuel Fernandes Vieira. Jaz bem perto de outras notáveis figuras do cenário político daqueles tempos, um dos quais seu filho — Dr. Miguel Fernandes Vieira — cuja lápide tem expressões bem simples: Juiz de Direito e Senador

do Império —, do Barão do Crato e do Padre Senador Tomás Pompeu de Sousa Brasil. O que o interesse partidário tanto separou em vida, a morte uniu e levou a uma situação de igualdade que se traduz até na colocação de suas sepulturas.

NOTAS

- (1) Magistrado, chegou a desembargador, servindo nas Relações de Pernambuco e Maranhão, vindo desta, já doente, para o Ceará, em 1862, onde faleceu no mês de julho. Deputado Geral pela sua Província, foi o seu primeiro Chefe de Polícia (1842), quando exercia as funções de Juiz de Direito do Crato.
- (2) Magistrado: Juiz Municipal dos termos do Crato e Jardim e dos termos de Icó, Lavras e S. Mateus (hoje Jucás), reunidos. Juiz de Direito de Pôrto Calvo, em Alagoas, de Imperatriz (hoje Itapipoca), do Ceará, e de Paranaguá, no Paraná. Do Partido Conservador, representou a sua Província em sete legislaturas da Câmara dos Deputados Gerais e foi ministro da guerra no gabinete do Marquês de São Vicente (29 de setembro de 1870).
- (3) Prefeito de Polícia de Goiana e de Limoeiro, Promotor Público no Recife, Juiz de Direito da comarca de Bonito, em Pernambuco, representou essa Província na Câmara dos Deputados Gerais na legislatura de 1840, e a do Ceará nas de 1850, 1860 e 1876. Em 1848 exerceu o cargo de Chefe de Polícia do Ceará. Em 1870 teve o seu nome incluído em uma lista sêxtupla para preenchimento de duas vagas de senadores por essa mesma Província, não sendo, porém, reconhecido. Posteriormente, foi Juiz dos Feitos da Fazenda de Recife e Desembargador da respectiva Relação e em 1882 foi nomeado Ministro do Supremo Tribunal de Justiça.
- (4) Foi promotor público, juiz municipal e de órfãos de Fortaleza e dos termos de Vigia e Cintra, no Pará. Ingressando no magistério, foi lente de geometria no Liceu Cearense. Filiado ao partido conservador. foi deputado provincial em cinco biênios e representou o Ceará na Assembléa Geral do Império nas legislaturas de 1850-1852 e 1853-1856 (8ª e 9ª). Jornalista vigoroso e ao mesmo tempo humorista, dele escreveu Júlio Abreu: "não teve ainda no Ceará quem lhe sucedesse na arma do ridículo, em que era consumado" (*Rev. do Instituto do Ceará*, tomo 60).
- (5) Foi Juiz de Direito de Aracati, Sobral e Baturité (Ceará) e Angra dos Reis (Estado do Rio), chegando a desembargador da Relação da Corte. Representou sua Província na Assembléa Geral e no Senado do Império, sucedendo a José Martiniano de Alencar. Todavia, faleceu pouco mais de dois meses depois de sua posse na Câmara Vitalícia.
- (6) Magistrado ilustre, foi desembargador e presidente da Relação do Maranhão, aposentando-se como Ministro do Supremo Tribunal de Justiça. Tinha o título de Conselheiro e foi agraciado com o Barão de Aracati.
- (7) Ilustre homem público do 2º Império, antes de ingressar na política foi professor de Direito Natural da Academia de Olinda, recusando a nomeação de Juiz de Direito do Icó para continuar no magistério superior. Na Assembléa Geral representou a sua Província em cinco legislaturas. Foi presidente das Províncias de Alagoas, Paraíba e Minas Gerais. Deixou um filho, seu homônimo, também conselheiro, nascido em Olinda em 1835 e que, como o pai, foi professor de Direito e conceituado advogado e presidiu a várias Províncias: Pará, Maranhão, Rio Grande do Norte, Bahia e Santa Catarina.
- (8) Assim noticiou *O Cearense*, em sua edição de 22 de julho de 1862, a morte do Visconde do Icó;

"Falecimento — A Província acaba de perder um cidadão distinto, o Sr. Francisco Fernandes Vieira, Visconde do Icó, pai do Senador Miguel Fernandes Veieira; o Sr. Visconde foi incontestavelmente um dos cidadãos mais notáveis do Ceará quer por esses serviços à causa pública, quer principalmente como pai de família e fazendeiro

e econômico, criando por sua indústria e economia a fortuna mais considerável que um cidadão já teve no Ceará. De idade de 80 anos deu a vida ao Criador. Acompanhamos sua ilustre família em sua mágoa, e rogamos a Deus pelo repouso eterno do finado.”

Quando da morte do Senador Miguel Fernandes Vieira, *O Cearense*, de 26 de agosto de 1862, terça-feira, publicou o seguinte:

“Falecimento — A notícia mais tristemente notável de que foi portador o *Oyapock*, foi a da morte do Senador por esta Província o Dr. Miguel Fernandes Vieira. É mais um cearense ilustre, um cidadão distinto, que a Província perde; e o membro mais proeminente da família Fernandes Vieira, este ano tão fatalmente vitimada.

Adversário político do ilustre finado; mas apreciador de suas qualidades pessoais, não pode deixar de testemunhar-lhe sobre a campa o reconhecimento dessas belas qualidades e o sentimento de estima e apreço por sua memória, assim como e pesar, e mágoa pela sua morte. Deus se lembre de sua alma. Aceite sua ilustre família os nossos pésames.”

(*Revista do Instituto do Ceará*, 1953)

"LAMPIÃO E MARIA BONITA"

Eurico Rocha

Já tive oportunidade de ler e/ou consultar vários livros sobre a história de Lampião, o Rei do Cangaço. Todos esses trabalhos se ocupam do Virgulino, homem e bandido, e de todos os seus trágicos cometimentos. Uns falam de como se tornou bandido e de seus encontros e desafios contra a polícia e contra a natureza. Nesses depoimentos não foram esquecidos aspectos de sua personalidade, uns que o apontavam como homem taciturno, de pouca conversa, generoso ou perverso, conforme as circunstâncias, religioso ou herege, também variando de intensidade conforme o clima psicológico de cada ocasião. Houve biógrafos que se ocuparam, também, de uma avaliação sobre o desempenho do poder da polícia da época, apontando-o como capaz de perpetrar as mesmas ou maiores atrocidades contra criaturas inocentes e alheias aos acontecimentos.

Agora, acho de encontrar um livro, intitulado *Bicho do Cão*, de autoria do paraibano José Cavalcanti, onde pude recolher informações, para mim, sobre Lampião e sobre Maria Bonita, e também sobre a mãe de Maria Bonita.

Trata-se de um precioso apanhado sobre a vida e a inteligência de numerosas figuras humanas do sertão da Paraíba, na sua maioria contadores de "causos", cada um melhor que o outro. Estão lá as estórias pitorescas de cantadores e de contadores, como Antonio Marinho (grande poeta popular), Cícero Batista, João Bacuráu, Chico Boca, Zé Caboclo, Dr. Raiz, Seu Manduri, Severino Perigo, Joaquim Peba, Zé Felipe (cearense de Várzea Alegre) e tantos outros.

Na cidade cearense de Cedro conheci o Zé Felipe, festejado loroteiro de todas as horas. Esse caminhoneiro alegre certa vez foi ao médico para uma consulta. Ao ser perguntado pelo doutor, desavisado, sobre o que ele tinha (em vez de indagar sobre o que sentia), ouviu esta resposta:

— Eu só tenho duas coisas: um cavalo de prado e um caminhão!

Mais adiante, fala o doutor:

— Seu Felipe, o senhor come muita comida carregada?

— Não senhor. Tudo que eu como é comprado...

Quando trabalhei no gabinete da presidência do Banco do Brasil, conheci muitas estórias do Seu Manduri, contadas por seu conterrâneo o Dr. Maílson Ferreira da Nóbrega (ex-ministro da Fazenda). Uma marca registrada do Seu Manduri era a aversão por perguntas desnecessárias.

Certa vez, Seu Manduri se achava no telhado de sua casa, consertando uma goteiras. Do outro lado da rua passa um cidadão que pergunta:

— Seu Manduri. Que diabo é que o senhor está fazendo em cima do telhado?

E ele, já fumaçando pelos ouvidos, responde:

— Estou tirando leite... Seu fela da...

Mas voltando ao que gostei de encontrar no livro de José Cavalcanti, quero me referir que ele revela sobre o Virgulino, quando criança, o que prova à saciedade que essa pobre criatura não nasceu bandido. O depoimento é do seu contemporâneo.

E aqui cabe o diálogo entre o autor e seu acompanhante, na ocasião, Sr. Zé Rosa:

— Você, Zé, teve oportunidade de conhecer Virgulino quando ele era menino?

— Ora, se conheci! Nós éramos da mesma idade e brincamos todo tempo juntos, daqui para o Poço do Negro, onde morava a avó dele. Tudo isto aqui foi pasto nosso. Ele tinha um irmão, que se chamava João, que era mais velho do que a gente. Antonio e Livino é que eram mais moços do que ele.

— Você sabe me dizer se Virgulino chegou a estudar? Se ele freqüentou alguma escola?

— Fui colega dele na escola particular do professor Domingos Soriano. Ele sempre foi o melhor da classe, o que mais sabia. Nunca levava bolo na sabatina da taboada. Sabia escrever uma carta e ler tudo o que queria.

— Ele era arengueiro com os colegas?

— De jeito nenhum. Nunca vi companheiro melhor para se brincar! Não era dos mais alegres, mas se divertia muito.

Quanto a Maria Bonita, o escritor José Cavalcanti é surpreendente em suas revelações. É ele mesmo quem diz que só a chamavam de Maria Bonita porque, na verdade, era bonita mesmo. Tinha beleza e charme para dar e emprestar. E que a configuração estética de seu físico, caprichosamente delineado pela natureza, no seu todo, correspondia muito bem ao apelido que lhe puseram os bandidos.

Vai aqui a descrição do fazendeiro José Rodrigues, de Piranhas, no Estado de Alagoas:

“Maria Déa, a Maria Bonita do cangaço, tinha uma beleza toda fora do comum. Eu ainda estou por ver uma mulher de sítio igual a ela. Morena clara, de olhos pretos, fascinantes, de nariz afilado e bem posto, de boca pequena e dentes alvos, perfeitos, de queixo bem recortado, configurando muito bem o rosto oval. De estatura mediana, de cintura fina, quartos cheios, não demais, de seios bem acomodados, o que dava ao colo uma perfeição artística. Jamais em toda a minha vida tive oportunidade de ver uma pessoa de pernas tão bonitas, lindas!”

“Há todavia, uma passagem interessante da vida de Maria Bonita, que pouca gente talvez saiba. A de que a mãe dela fora a pessoa que mais trabalhou para uni-la a Lampião. Eu tive conhecimento deste fato, em 1965, quando estava acampado numa fazenda, na Bahia, no Município de Jeremoabo, em

caçada. Fui, então, informado por um roceiro, que do nosso rancho para a casa onde nascera Maria Bonita distava poucos quilômetros, e que os pais dela ainda eram vivos, o que mais ainda aumentou a minha curiosidade.

Cheguei, saltei da caminhoneta, bati palmas, dei bom dia e perguntei;

— É aqui onde moram os pais de Maria Bonita?

— É, sim. Eu sou a mãe dela. Quem é o senhor? De onde vem?

— Eu sou da Paraíba. Estou por aqui caçando perdizes. Informado de que os pais de Maria Bonita são os donos desta fazenda, vim conhecê-los.

— Pois conheça o pai dela, Cazé. O nome dele e José Felipe de Oliveira e o meu Maria Joaquina Déa. Sou filha de cangaceiro.

— Ah! Então a senhora é filha de cangaceiro, não é!

— Que foi eu quem fez Maria largar o marido para se juntar com Lampião, não é isso mesmo o que lhe disseram?

— E isto é verdade de fato, dona Maria Joaquina?

— Se é! E eu não teria que ajudar a minha filha a realizar o maior sonho da vida dela? E mais, que ela era casada com um porqueira. Nunca vi outro igual! Um tal de Zé de Nenem. Pelo nome o senhor vê logo que tipo.

— Quantos anos ela passou casada com Zé de Nenem? E quantos filhos teve dele?

— Quantos filhos? Essa é boa! Aquele peste lá fazia filho em ninguém! Ela ainda passou cinco anos empalhada com ele.

— Como foi que Lampião se encontrou com Maria Bonita? Foi lá em Santa Brígida?

— Não senhor. Aqui na minha casa. Ele estava muito perseguido pela polícia, e um dia saiu por estas bandas, pedindo para passar três dias escondido. Ele mais vinte cangaceiros. Aproveitei, então, a vez, e contei toda a paixão que Maria tinha por ele. Disse-lhe que ela desde os dezoito anos que já pensava nele. Casou-se, mas não se esqueceu. E que eu ia mandar chamá-la para falar com ele.

— A conversa deve ter agradado muito a ele, não acha?

— Lá nada. De começo, deu a entender que não havia gostado. Alegou que na vida que levava não devia ter mulher consigo. E que também não gostava de se meter com mulher casada. Eu nem sequer liguei o que ele disse. Continuei insistindo. Dois dias depois mandei chamá-la. Vinha bonita que só ela mesma! Uma lindeza meu Deus! Vestida de voal verde, de alpercatas de trancinhas, também verdes, com um laço de fita no cabelo, uma rosa branca no peito e um xale amarelo no pescoço. Toda perfumada, dos pés à cabeça. Ah! o senhor nem pode avaliar como minha filha era bonita!

— E Lampião, como a recebeu na hora da chegada, no primeiro encontro dos dois?

— Nem queira saber! O bicho ficou emocionado. Se nunca tremeu na vida, naquele instante tremeu, até a voz. Também, ela fez de propósito;

antes de pegar na mão, deu-lhe um beijo na testa. Eu fiz questão de assistir a tudo.

— Passado o impacto dos primeiros instantes, Lampião falou para Maria: “Bem que sua mãe me disse que você é bonita! É linda! Pena é que você não pode e nem deve me acompanhar. Eu sou um homem perdido, sujeito a morrer a qualquer hora. Vivo como cachorro da moléstia, perseguido por todo mundo. E mais, que você é casada. Acho, portanto, que está melhor com o seu marido de que comigo”. Com a voz firme, sem titubear, falou para ele: “Você até agora ainda não disse coisa nenhuma para mim, caboclo. Não tem mais nem menos, eu lhe acompanho de qualquer forma, quer você queira ou não. Lembre-se que um homem é homem, e como tal, nunca pode recusar o amor de uma mulher que o adora. Só tem um jeito para você se livrar de mim é me matar”.

— Eita que cabocla decidida danada, só era a sua filha, Dona Maria!

— Bem que disse que ela puxou a mim. O que eu tenho de dar, não prometo, dou logo. Assim foi minha filha.”

Para encerrar, extraída do mesmo livro, esta sextilha de João Benedito:

Há, entre o tempo e o homem,

Contradições bem fatais:

O homem não faz, mas diz,

O tempo não diz, mas faz,

O homem não traz, nem leva,

Mas o tempo leva e traz.

ARACATI — Um Patrimônio Ameaçado

Hélio Ideburque Carneiro Leal, do Instituto do Museu Jaguaribano

Não se justifica, qualquer que seja o ângulo pelo qual se analise o assunto, a descaracterização do conjunto urbano-arquitetônico da cidade de Aracati, situado em “Zona de Preservação” criada por lei municipal.

Essa descaracterização se vem processando a passos largos. Por isso, o Instituto do Museu Jaguaribano tem clamado por medidas concretas que assegurem, tornem efetiva a sua perenidade, tal como se observa com o Bairro do Hipódromo, em Recife, para citar um só exemplo.

Agressão à Memória da Cidade. Em três vias principais, no sentido norte-sul, encontram-se os testemunhos da trajetória histórico-cultural da cidade, à espera de um tratamento diferenciado, real e condigno do poder público.

Assim deseja a comunidade já consciente da gravidade do problema como o atestam as manifestações de franca desaprovação pelo que vem ocorrendo neste particular.

Mutilações inúmeras têm sido perpetradas nesse conjunto de sobrados e casas térreas, algumas com exteriores azulejados, componentes do retângulo formado pelas três vias indicadas na lei, despertando mais a atenção dos observadores; porém, os atentados à Rua Grande, conjunto apontado pelo professor José Liberal de Castro como a “mais imponente implantação urbana do Ceará” (*Revista Aspectos*, nº 5, p. 14). Inquestionavelmente, uma agressão à memória histórica da cidade.

A Constituição Federal e os Conjuntos Urbanos. A Constituição de 1988 atribui à União, estados, Distrito Federal e municípios a competência comum de: *a)* a proteger os documentos, as obras e outros bens de valor histórico, artístico e cultural, os monumentos, as paisagens naturais notáveis e os sítios arqueológicos; e *b)* impedir a evasão, a destruição e a descaracterização de obras de arte e de outros bens de valor histórico, artístico e cultural (art. 23, itens III e IV).

Como se vê, confere aos municípios relevantes funções de caráter preventivo e fiscalizador, visando a tornar efetiva sua atuação no tocante à preservação e proteção de mencionados bens.

A Carta Magna também define o que seja patrimônio cultural, sempre sob a proteção especial do poder público, indicando como constituidores desse patrimônio dos bens corpóreos e incorpóreos tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, bem como relacionados com a trajetória histórica e o desenvolvimento.

E no item V do art. 216, cita expressamente entre os bens que devem ser preservados e protegidos — os Conjuntos Urbanos.

Devem ser protegidos, sim, contra a ação predatória de perversos ou mal informados, daí a necessidade imperiosa da presença governamental, do poder público investido de função também pedagógica.

Edificações de um passado remoto. Poucos aracatienses sabem que, em 1901, a cidade ainda apresentava números avultados de magníficos prédios, segundo o testemunho de Antônio Bezerra (*Almanach do Ceará para 1902*, p. 134), “entre os quais 82 sobrados de um e dois andares quase todos situados na Rua do Commercio (Rua Grande)... dir-se-ia um prolongamento do Recife, tanto e tão semelhante é a construção da casaria com a daquela parte da capital pernambucana”.

E agora o inominável. Levando-se em conta o espaço de tempo durante o qual se vem depredando esse “patrimônio que é de todo o povo” — a arquitetura colonial que emoldura os originais logradouros públicos de Aracati, é possível já se tenha mutilado ou descaracterizado uma quantidade mais elevada de casas e sobrados do que a de casas e sobrados ainda incólumes, ílesos na sua estrutura primitiva e fachadas azulejadas ou não.

Azulejos, beira e bica e sub-beira. Na verdade, já em 1977, em reportagens publicadas no *O Povo*, edições de 10-4 e 10-10, Moraes Né expunha o problema, estarecido; tanto que dera a uma delas o título de “Aracati — Um Patrimônio em Ruínas”.

Registra, então, que as agressões mais frequentes têm como alvo as fechadas de azulejos para aberturas de garagens (*O Povo*, 10-4-77), ou as beiras e bicas de casas integrantes do conjunto urbano central (*O Povo.*, 10-10-77).

Revela nesta última reportagem o que viu: “Os alviões penetrando no adobe e na argamassa solidificados há mais de um século e... pouco a pouco, destruindo as características do prédio de beira e bica da Rua Cel. Alexandrino, esquina com a Travessa Barão de Messejana”, para construção nesse local da sede de uma agência do Bancesa, em estilo de gosto duvidoso e impróprio, lacerando, assim, a unidade e a harmonia do conjunto arquitetônico que a todo custo deveria ser preservado.

Formas da arquitetura lusa transportadas para o Brasil marcam profundamente o casario das ruas e travessas da cidade. “O telhado, para a frente, de bica, beira e sub-beira, se era de um lado uma adaptação ao clima, era de outra parte também um símbolo de *status* social. Os mais modestos não passavam da bica; os melhores em situação financeira poderiam ter a bica e a beira; só os mais remediados, de posição social mais elevada, tinham condições para, ter além da bica, a beira e a sub-beira”, pondera Manuel Diegues Júnior citado por Moraes Né, ao tecer comentários sobre a arquitetura erigida no Nordeste nos séculos XVII e XVIII.

Conjunto urbano desfigurado. O enfoque, pelo Instituto que atinge em cheio esse conjunto arquitetônico que a Municipalidade de Aracati já delimitou e definiu (Leis Municipais, nº 14, 16 e 17, de 22-10-80), tem um único objetivo:

contribuir para a defesa do “acervo que guarda as marcas da personalidade histórico-cultural da cidade e lhe conferem identidade”.

Todavia, ao que parece, esta atitude do Instituto não está sendo compreendida, pois, as agressões a esse conjunto continuam sem que nenhuma providência oficial seja adotada com a finalidade de conjurar o mal, quando é sabido que o início de qualquer obra de reforma na zona urbana depende de licença prévia e expressa da Prefeitura Municipal.

Tendo recorrido inúmeras vezes, já, à via de ação administrativa sem resultado, o Instituto do Museu Jaguaribano resolveu solicitar à Procuradoria-Geral da Justiça a intervenção do Ministério Público, em matéria de sua competência.

A impunidade, não obstante as contínuas transgressões à lei e inalterado menoscabo ao acervo arquitetônico de Aracati, porque omissa o poder público, importa em indevido constrangimento à sociedade local assim obrigada a aceitar o que não quer, só lhe restando alterar a voz (“direito sagrado dos sobreviventes da destruição de sua terra-natal”, João Nogueira, *Fortaleza Velha*, p. 104), protestar contra essa impunidade descaracterização da herança cultural recebida de seus antepassados e que deveria permanecer intocável, na forma da lei.

“Uma cidade não é um amontoado de pedras”, ressalta o mesmo autor (loc.cit.), encontrando-se aí a razão do sofrimento daqueles que vêem sua terra arrasada ou mudando inteiramente de feição pela leviandade de pequeno grupo de imaturos que se julgam donos da verdade.

Tribuna do Ceará — Fortaleza, 9 de maio de 1990

